

STEPHÂNIA BROETTO DE FREITAS VIEIRA

SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA: concepções
acerca da educação sexual no ambiente escolar

Orientadora: Doutora Kátia KrepskyValladares

Coorientadora: Doutora Maria deLourdes Varandas Costa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências sociais, educação e administração
Instituto de Educação

Lisboa

2016

STEPHÂNIA BROETTO DE FREITAS VIEIRA

SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA: concepções
acerca da educação sexual no ambiente escolar

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação no Curso de Mestrado em Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 16 de Dezembro de 2016 perante o júri nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral nº 398/2016 com a seguinte composição:

Presidente: Professor Doutor Óscar Conceição de Sousa

Arguente: Professora Doutora Sandra Queiróz

Orientadora: Professora Doutora Kátia KrepskyValladares

Coorientadora: Professora Doutora Maria de Lourdes Varandas Costa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências sociais, educação e administração
Instituto de Educação
Lisboa
2016

EPÍGRAFE

Continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar e anunciar a novidade.

(Paulo Freire, 1996, p. 32)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo Valdir pela paciência de me aguentar nos períodos de cansaço, pelas horas que sentado ao meu lado me ouvia questionar alguns assuntos ao escrever esta dissertação, a você meu amor, muito obrigada;

A minha filha Clara, pela ausência e desatenção nos momentos em que me solicitou. Filha eu te amo.

A minha família que sempre acreditou em mim, dando-me força, motivação e ensinamento. Dedico a vocês essa minha vitória.

AGRADECIMENTOS

Chegar ao término de uma Tese de Dissertação não é tarefa fácil, mas muito mais difícil se torna se não acolhermos com muito carinho o precioso contributo de familiares e amigos.

Ciente de que a eles devo grande parte deste trabalho, é legítimo que lhes direcione a minha primeira palavra que é de profundo reconhecimento.

Em primeiro lugar: - Obrigada, a Deus! Por ter me dado a vida, uma família, amigos, amor e inúmeras oportunidades de crescimento, sabedoria para realizar meus objetivos.

Ao meu marido Valdir, companheiro de anos, de momentos bons e ruins, que soube compreender minhas angústias e ansiedades e me auxiliou quando necessário. Obrigada pelo apoio, incentivo e por acreditar tanto em mim.

A minha filha Clara, que mesmo sem saber foi meu apoio mais precioso nos piores momentos, obrigada pelo sorriso, pelo riso, pela alegria, amor e serenidade em nossas vidas.

Aos meus familiares! Vós que aceitastes com muita compreensão a minha labuta, o meu cansaço e, quantas vezes, a minha “ausência”. Vivestes, entusiasmados, o meu desafio, suportastes com ternura a minha ansiedade, me acalmava nos momentos de turbulência, e sustentastes firmemente a minha fraqueza. Obrigada pelo vosso amor!

Agradeço, em segundo lugar, a todos os professores pelo aprendizado, pela convivência e pela oportunidade de fazer parte desse curso.

Às escolas que gentilmente abriram as portas para que a pesquisa de campo fosse realizada juntamente com a contribuição pessoal de cada envolvido neste estudo: crianças, pais, professores e gestores, obrigada pela disponibilidade e por ter feito parte desse trabalho que para mim tem um valor significativo.

A minha orientadora Katia Valladares e a minha coorientadora Lourdes Varandas Costa, pelo acolhimento, aprendizado, carinho, dedicação e exemplo. Obrigada pela compreensão, ajuda, ensinamentos e pelos bons momentos de convivência.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram para que esse estudo fosse realizado e que estiveram comigo nessa trajetória. Muito obrigada pelo carinho.

RESUMO

O estudo possui grande relevância pessoal e social devido a dificuldade para prestar educação sexual ao público mais jovem, a falta de informação e conhecimento sobre este assunto. E cada vez mais cedo, os jovens estão engravidando propensos a impactos envolvendo a saúde, educação e economia. O que levou a buscar resposta para a seguinte pergunta: Quais as concepções dos educandos e educadores sobre a abordagem do tema sexualidade dentro do ambiente escolar? Para responder a pergunta, o trabalho teve como objetivo geral conhecer a concepção dos educandos e educadores sobre a educação sexual no ambiente escolar de duas escolas públicas, sendo uma no interior EMEF “Eloy Miranda”, Fundão ES, e a outra na metrópole EMEF “Julite Miranda Freitas, Serra ES. A pesquisa utilizou como metas específicas: Identificar a opinião dos alunos sobre a temática da sexualidade na escola, Analisar a concepção do corpo docente a cerca da educação sexual no ambiente escolar e Comparar as abordagens escolares a respeito do tema educação sexuais nas duas cidades. Quanto os aspectos metodológicos a pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa e quantitativa, com um enfoque descritivo, isenta da participação do pesquisador, exploratória, pois tendo em vista ao cuidado de circunscrever as questões referentes as percepções dos alunos em educação sexual relativa ao ambiente escolar, bibliográfica, tendo sido elaborada a partir de material já publicados como: livros, artigos e periódicos disponíveis na internet. Aplicou-se como instrumentos de coleta de dados para análise da seguinte pesquisa, o questionário, aplicados aleatoriamente a 200 alunos (sendo cem de cada escola), entrevista e grupo focal, realizado com 10 profissionais da educação. Criou-se um modelo de análise quantitativa para relacionar os dados coletados segundo os três eixos: Diferença e afinidades entre as perguntas, Diferença e afinidades entre as cidades e ligação com a abordagem teórica. Deste modo, tanto os alunos como os professores consideram que o ambiente escolar é ideal para transmitir conhecimentos sobre o tema em questão. Porém, os alunos necessitam de mais informações, e os professores em sua maioria não se sentem preparados para ministrar este tema em sala de aula, por vários fatores relacionados como: família, cultura e religião. Conclui-se que no interior, onde a família é participativa, que os alunos dialogam mais com seus professores sobre a sexualidade do que na metrópole. Entretanto os alunos do município da Serra ES se sentem mais a vontade com sua família do que com os professores. Enfim, a escola é um ambiente rico em diversidade, local onde o aluno passa a maior tempo do seu dia. O corpo docente deve estar atento as necessidades do adolescente, aprimorando-se para fornecer informações e conhecimentos fundamentais para a formação desse aluno, onde o mesmo se sinta capaz de tomar decisões seguras e responsáveis para sua trajetória futura.

Palavras-Chave: Adolescência. Sexualidade. Escola.

ABSTRACT

The study has great personal and social relevance due to the difficulty to provide sex education to young people, the lack of information and knowledge on this subject. And at an earlier age, young people are likely to impact impregnating involving health, education and economy. What led him to seek answer to the following question: What are the views of learners and educators on the topic of sexuality approach within the school environment? To answer the question, the work aimed to know the design of the students and teachers on sex education at school from two public schools, one inside EMEF "Eloy Miranda," Fundão ES, and the other in EMEF metropolis "Julite Miranda Freitas, Serra ES. The research used as specific goals: Identify the views of students on the theme of sexuality in school, analyze the design faculty about sex education at school and compare the school approaches on the theme sexual education in both cities. The methodological aspects of the research used a qualitative and quantitative approach with a descriptive approach, free participation of the researcher, exploratory, because in order to care to circumscribe the issues the perceptions of students in sex education on the school environment, bibliographic and was prepared starting material already published as books, articles and periodicals available on the internet. applied as data collection instruments to analyze the following research, questionnaire, randomly applied to 200 students (and a hundred of a school), interviews and focus groups conducted with 10 professional education. It created a quantitative analysis model to relate the data collected according to the three axes: Difference and similarities between questions, difference and similarities between cities and connection with the theoretical approach. Thus, both students and teachers consider that the school environment is ideal for transmitting knowledge on the subject in question. However, students need more information, and teachers mostly do not feel prepared to teach this subject in the classroom for several related factors such as family, culture and religion. It is concluded that on the inside, where the family is participatory, students more dialogue with their teachers about sexuality than in the metropolis. However students of Serra ES municipality feel more comfortable with your family than with teachers. Finally, the school is an environment rich in diversity, where the student spends time out of your day. The teaching staff is attentive to the needs of adolescents, improving to provide information and knowledge fundamental to the formation of the student, where it feels able to make safe and responsible decisions for their future career.

Keywords: Adolescence. Sexuality. School.

SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnica
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ECA	Estatuto da Crianças e do Adolescente
GTPOS	Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OMS	Organização Mundial de Saúde
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

ÍNDICE

1-INTRODUÇÃO	18
---------------------------	-----------

PARTE I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I: PERCURSOS TEÓRICOS DA PESQUISA

1.1- Conceito de Adolescência	24
1.2 História da sexualidade	26
1.3-Conceito de sexualidade.....	30
1.4-Consequências dos Comportamentos Sexuais dos Adolescentes.....	31
1.5 Perspectiva Histórica da Educação Sexual e sua Importância no Ambiente Escolar.....	34
1.6 - Diferença entre Educação Sexual para Orientação Sexual.....	40
1.7 Inserção da Orientação Sexual no Currículo	42
1.8 Sexualidade e a Adolescência	47
1.8.1 O papel da escola.....	50

PARTE II- INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

CAPÍTULO II: PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

2.1 - Contextualização da Pesquisa.....	55
2.2 -Apresentação do Locus da Pesquisa.....	56
2.3- Universo da Pesquisa	58
2.4-Tipo de Pesquisa	58
2.5-Sujeitos da Pesquisa	60
2.6-Instrumentos de Coleta de Dados.....	60
2.6.1-Questionário	60
2.6.2-GRUPO FOCAL	61
2.6.3- Entrevista	63
2.6.4-Técnicas de análise de dados Quantitativa.....	64
2.6.5 - Técnica de análise de dados qualitativa - Análise de conteúdo	65
2.7- Aspectos legais – Declaração de Helsínquia	66

CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA.....	68
3.1-Análise Quantitativa da Pesquisa	68

CAPÍTULO IV: MODELO DE ANÁLISE EMPREGADO NA PESQUISA.....	89
4.1 -Quadro Comparativo dos Cálculos das Variâncias e Desvio Padrão	89
4.1.1-Diferenças e afinidades entre as perguntas.....	89
4.1.2 - Diferenças e afinidades entre as cidades	91
4.1.3-Ligação com a abordagem teórica.....	92
4.2 - Reflexão das Discussões do Grupo Focal	95

CONCLUSÃO.....	110
BIBLIOGRAFIA.....	113
ANEXOS	I - VIII

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 -Escola do município da Serra/ES “EMEF Julite Miranda Freitas” 57

Fotografia 2 -Escola do município de Fundão/ES “EMEF Eloy Miranda” 57

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Identificação dos participantes do grupo focal 96

Quadro 2 - Questões aplicado aos participantes do grupo focal 107

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Idade dos respondentes da escola EMEF “Julite Miranda Freitas”	68
Tabela 2 - Gênero dos respondentes da escola EMEF “Julite Miranda Freitas”	69
Tabela 3 - Os respondentes sabem o que é sexualidade da escola EMEF “Julite Miranda Freitas”	69
Tabela 4 - Os respondentes se consideram informados sobre sexualidade EMEF “Julite Miranda Freitas”	70
Tabela 5 - Os respondentes conversam sobre sexo com seus professores EMEF “Julite Miranda Freitas”	70
Tabela 6 - É importante abordar o assunto sexualidade em ambiente escolar EMEF “Julite Miranda Freitas”	71
Tabela 7 - Porque é importante abordar o assunto sobre sexualidade na escola EMEF “Julite Miranda Freitas”	72
Tabela 8 - A escola aborda o tema da educação sexual com os alunos EMEF “Julite Miranda Freitas”	73
Tabela 9 - Como é abordado educação sexual na escola EMEF “Julite Miranda Freitas”	73
Tabela 10 - Críticas ou sugestões sobre como é ministrado educação sexual EMEF “Julite Miranda Freitas”	74
Tabela 11 - Quais as disciplinas abordam o tema sexualidade com mais frequência EMEF “Julite Miranda Freitas”	75
Tabela 12 - Tentou conversar sobre sexo com seus professores e não o fez EMEF “Julite Miranda Freitas”	76
Tabela 13 - As razões para não conversar com os professores EMEF “Julite Miranda Freitas”	76
Tabela 14 - Temas importantes para serem trabalhados na escola, envolvendo educação sexual EMEF “Julite Miranda Freitas”	77
Tabela 15 -- Idade dos respondentes da escola EMEF “Eloy Miranda”	78
Tabela 16 - Gênero dos respondentes da escola EMEF “Eloy Miranda”	79
Tabela 17 - Os respondentes sabem o que é sexualidade da escola EMEF “Eloy Miranda”	79
Tabela 18 - Os respondentes se consideram informados sobre sexualidade EMEF “Eloy Miranda”	80

Tabela 19 - Os respondentes conversam sobre sexo com seus professores EMEF “Eloy Miranda”	81
Tabela 20 - É importante abordar o assunto sexualidade em ambiente escolar EMEF “Eloy Miranda”	81
Tabela 21 - Porque é importante abordar o assunto sobre sexualidade na escola EMEF “Eloy Miranda”	82
Tabela 22 - A escola aborda o tema da educação sexual com os alunos EMEF “Eloy Miranda”	83
Tabela 23 - Como é abordado educação sexual na escola EMEF “Eloy Miranda”	83
Tabela 24 - Críticas ou sugestões sobre como é ministrado educação sexual EMEF “Eloy Miranda”	84
Tabela 25 - Quais as disciplinas abordam o tema sexualidade com mais frequência EMEF “Eloy Miranda”	85
Tabela 26 - Você já teve vontade de conversar sobre sexo com seus professores e não o fez EMEF “Eloy Miranda”	86
Tabela 27 - As razões para não conversar com os professores EMEF “Eloy Miranda”	86
Tabela 28 - Temas importantes para serem trabalhados na escola, envolvendo educação sexual EMEF “Eloy Miranda”	87
Tabela 29 - Escola EMEF “Julite Miranda Freitas”	94
Tabela 30 - EMEF “Eloy Miranda”	94

INTRODUÇÃO

No Brasil, dados da Unesco e do Ministério da Saúde apontam que 25% das meninas entre 15 e 17 anos deixam a escola por causa da gravidez, tornando a maternidade prematura a principal causa de evasão escolar. São muitos os efeitos adversos na saúde da mãe adolescente ou da criança, além da contribuição para a perpetuação da pobreza (LIRA e CABRAL, 2007).

Atualmente a adolescência e a juventude vêm ocupando um lugar importante nas políticas públicas, especialmente com problemas relacionados à sexualidade como: gravidez precoce, aborto e doenças sexualmente transmissíveis, tais como: Sífilis, AIDS, entre outras.

Considerando isso, ao acompanhar desde cedo o desenvolvimento do adolescente pode ajudar a prevenir alguns problemas como a gravidez precoce, abusos sexuais, além de dificuldades sexuais na vida adulta, como ejaculação precoce e frigidez. Esses problemas, relacionados à saúde, também produzem efeitos na área da educação, pois devido a doenças ou gravidez precoce, muitos adolescentes evadem as salas de aulas, parando seus estudos (PEREIRA, 2002).

Devido à preocupação com esses problemas de saúde pública, o Ministério da Educação e Cultura – MEC vem incentivando projetos relacionados à educação sexual, tendo sido incluída, em 1996, no volume dez dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Orientação Sexual como tema transversal a perpassar todas as áreas de conhecimento e as diferentes disciplinas básicas e tradicionais. O referido documento ressalta, na sua apresentação, a importância não apenas do tema, das contribuições da aprendizagem de informações sobre a sexualidade, mas destaca a necessidade de superação das barreiras ainda existentes para se tratar do assunto na sociedade.

Esta pesquisa é relevante, do ponto de vista pessoal, devido à falta de informação e conhecimento dos adolescentes sobre o assunto, e também das dificuldades para prestar educação sexual ao público mais jovem, atingido assim, em proporção cada vez maior e intensa.

Observações e experiências vivenciadas como professora de ciências nas séries finais do ensino fundamental e também por atuar na área de saúde, contexto em que problemas enfrentados por adolescentes relacionados à sexualidade deixaram evidentes as relações entre educação e saúde. Por desfrutar de vivência profissional nos dois setores, foi o que levou à escolha desta abordagem temática.

O tema também possui grande relevância social devido aos impactos causados, dentre outras, na área da saúde, educação e economia, afetando a qualidade de vida no Brasil sob o ponto de vista individual e social. Além dos gastos com a saúde e educação, ocorre perda de vidas em virtude de falta de acompanhamento no período pré-natal das adolescentes, partos mal assistidos, abortos ou doenças. Quanto ao mercado de trabalho, este sofre em quantidade e qualidade, com a insuficiência ou desqualificação de mão de obra disponível no Brasil em cada ano.

Considerando a amplitude do tema e a sua importância na atualidade, vê-se como objetivo principal, compreender as concepções dos educandos e educadores sobre a abordagem do tema sexualidade dentro do ambiente escolar, com os seus respectivos impactos na formação dos adolescentes.

Sendo assim, definiu-se o problema da pesquisa com o seguinte questionamento: **Quais as concepções dos educandos e educadores sobre a abordagem do tema sexualidade dentro do ambiente escolar?**

Para responder a essa questão, propõe-se seguir como objetivo geral: conhecer a concepção dos educandos e educadores sobre a educação sexual no ambiente escolar de duas escolas públicas, sendo uma no interior EMEF “Eloy Miranda”, e a outra na metrópole EMEF “Julite Miranda Freitas. Como metas específicas: Identificar a opinião dos alunos sobre a temática da sexualidade na escola; Analisar a concepção do corpo docente acerca da educação sexual no ambiente escolar; Comparar as abordagens escolares a respeito do tema educação sexual nas cidades de Fundão e Serra/ES.

Algumas barreiras precisam ser quebradas, e o tema tem necessidade de ser abordado o mais cedo possível, especialmente na adolescência. Nessa fase ocorre a maturação sexual, uma das etapas do desenvolvimento humano, quando os hormônios se afloram, e ocorrem muitas transformações diferentes do corpo dos meninos e das meninas, devendo se iniciar o preparo de adolescentes, de ambos os sexos, para a ação sexual responsável, visando desenvolvimento de sua capacidade e competência para criação de uma família (PEREIRA, 2002).

A sociedade tem passado por algumas inovações, possibilitando que hoje os meios de comunicação tratem do assunto com total liberdade. Famílias, instituições como escolas e mesmo igrejas são incentivadas a abordarem o assunto com as crianças, adolescente e jovens, havendo intensa produção e circulação de materiais de cunho científico, didático e pornográfico sobre o assunto. Mudaram também os costumes, sendo aceita como normal, em muitos círculos sociais, a prática de sexo

antes do casamento e mesmo sem haver qualquer tipo de compromisso afetivo entre as pessoas.

É consenso de que a sexualidade para a existência da vida humana é inegável, tanto do ponto de vista individual quanto social, estando essa temática relacionada as crenças, culturas, prazeres, mistérios e mudanças, desempenhando uma função vital para os seres vivos: a reprodução (Pereira, 2002). Contudo, apesar de essencial à perpetuação das espécies e se constituir em uma fonte de prazer, ainda há muitas barreiras na sociedade para abordagem do assunto, que continua cercado de tabus, medos e dúvidas.

Para Foucault (2014), compreender a sexualidade é o mesmo que associá-la ao poder entre homens e mulheres, pais e filhos, educadores e alunos, padres e leigos e assim por diante. Essas relações se definem conforme a visão de determinada cultura sobre sexo, uma vez que variam de acordo com o contexto espacial e temporal, da história de cada povo e nação do mundo.

Não existe um sujeito sem noção de poder. A sexualidade está ligada ao desejo e verdade, realidade que expõe experiências morais e questões éticas. Daí vem a abstenção, a austeridade, o respeito e a interdição, de modo que o indivíduo sujeite-se a preceitos de natureza religiosa, por exemplo, em torno do sexo.

Entretanto, apesar das mudanças culturais e dos avanços tecnológico-científicos da sociedade, dessa flagrante liberdade de expressão que hoje existem muitos ainda têm vergonha de falar de sexo ou dialogar sobre suas dúvidas, experiências, sentimentos e problemas nesta área. Muitos pais não conversam com os filhos a respeito de sexo e não gostam que o assunto seja discutido em sala de aula com os filhos, assim como algumas igrejas ou não incluem o tema para esclarecimento em sermões, estudos, desenvolvimento de projetos junto à comunidade, ou o tratam de forma a alimentar preconceitos, discriminação e/ou proibições.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a orientação sexual é considerada meramente como um canal de informação a ser repassada nas salas de aula. Nessa compreensão, a mesma é concebida tanto como um dado da natureza, algo inerente e necessário, mas também como uma fonte de prazer na vida. Ressaltam ainda que existe uma potencialidade erótica do corpo e impulsos de desejo que são vividos no corpo, que a sexualidade é uma necessidade básica. Dessa forma, inclui-se na escola esse assunto como tema transversal para que nela se instaure um espaço de debate sobre a educação sexual, focado nos conhecimentos que às vezes não são obtidos em casa, servindo ainda para erradicar preconceitos, para se debater,

de forma pedagogicamente orientada, sobre emoções, valores e desejos dos adolescentes.

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, em que se preocupa com a compreensão dos dados, passando suas informações reais e opiniões, colhidos no contexto de vida das pessoas, nas suas experiências, no seu cotidiano. Possibilitando a classificação dos dados obtidos, a fim de refletir a realidade e melhor analisá-la, usando técnicas estatísticas. E uma pesquisa qualitativa por se preocupar com a compreensão de um grupo social, interpretação de fenômenos e atribuição de significados tendo como objetivo analisar as informações coletadas, deste grupo, sendo que, o pesquisador é o ponto chave dessa pesquisa.

O trabalho de pesquisa foi desenvolvido em duas escolas municipais, sendo uma na cidade de Fundão, EMEF Eloy Miranda e a outra, no município da Serra, EMEF Julite Miranda Freitas.

Participaram dessa pesquisa dois grupos de amostragem aleatórios:sendoum grupo formado por 200 alunos, adolescentes, estudantes de ambos os sexos, freqüentadores do 7º e 8º ano do ensino fundamental, dos turnos matutino e vespertino. O segundo grupo formado por: 10 profissionais da educação, sendo esses professores atuantes em diversas áreas dentro do ambiente escolar. A nossa esquisa foi bibliográfica, descritiva e exploratória, foram utilizados questionários dirigidos aos alunos, grupo focal e entrevistas realizadas com os profissionais da educação. Esta investigação baseou-se nas normas da ABNT.

Ainda hoje, existem estudos onde a gestação na adolescência seria uma das causas de evasão escolar. Jovens largam seus estudos, pois ao engravidar tem que tomar conta do bebê e trabalhar para ajudar a criar sua criança. Dificulta aproveitar as experiências que a juventude lhes oferece (DIAS e TEIXEIRA, 2010).

A gravidez precoce gera turbulências físicas, sociais e psicológicas, conseqüentemente conflitos emocionais, instabilidade familiar, evasão escolar, afastamento do convívio familiar, vergonha (BENARD apud PAULA, 2000).

Além disso, a evasão escolar leva a uma pior qualificação profissional, não tendo a mãe, cuja família geralmente assume o cuidado com a criança, condições de sustentar bem e sozinha seus filhos, tendendo a ter novos parceiros e proles numerosas, o que acaba por criar um ciclo de manutenção e perpetuação da pobreza, conforme ressaltam Gama *et al* (2001) e Lira e Cabral (2007).

A iniciação da vida sexual vem ocorrendo em idades cada vez mais precoce. A mídia passa para os jovens as idéias de sexualidade, libido, beleza e liberdade sexual. Esta fase de adolescência costuma se fazer tudo por impulso, escondido, sem pensar

nas consequências, podendo assim aumentar o índice de gestação na adolescência(DIAS e TEIXEIRA, 2010).

Entre os argumentos mais freqüentemente usados para estabelecer a gravidez, na adolescência, como um problema de saúde pública estão os efeitos adversos na saúde materna ou da criança, podendo ocorrer algumas complicações como risco de abortamento, hipertensão, anemia, desnutrição e várias outras consequências devido às características fisiológicas e psicológicas na fase da vida.

O presente trabalho estrutura-se, fundamentalmente, em cinco partes distintas: O primeiro capítulo, revisão da literatura: Sexualidade e adolescência: História, problemas e conceitos, apresentarão noções fundamentais à compreensão da temática, definindo algumas consequências dos comportamentos sexuais dos adolescentes, o papel da escola e sua relação com a educação sexual, dentre outros.

O segundo capítulo consta os percursos metodológicos da investigação. O terceiro capítulo descreve a coleta e discussão dos dados da pesquisa e no quarto capítulo, retrata o modelo de análise empregado na pesquisa, discutindo a realidade das duas escolas estudadas, relacionando com a abordagem da temática.

No último capítulo, a conclusão, é apresentada reflexões sobre os principais resultados obtidas, tanto sobre a realidade dessas escolas, como o conhecimento e aprendizagem adquiridos no decorrer da investigação, destacando-se de que maneira ela contribuiu para consolidar saberes construídos durante o mestrado em educação.

PARTE I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I: PERCURSOS TEÓRICOS DA PESQUISA

1.1-Conceito de Adolescência

A adolescência é definida como uma passagem das características sexuais secundárias para a maturidade sexual, a evolução dos padrões psicológicos, juntamente com a evolução da fase infantil para adulta, e a passagem do estado de total dependência para o de relativa independência. A adolescência está dividida em três fases: Pré- adolescência – de 10 a 14 anos, Adolescência – de 15 aos 19 anos completos e Puberdade – de 20 aos 24 anos (O.M.S., 1975).

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, com a lei nº 8.069/90, no Brasil, classifica o adolescente a partir dos 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (Brasil, 1990). Entretanto, a Organização Mundial de Saúde – OMS (1975), define o adolescente com faixa etária de 10 aos 19 anos de idade.

Bem como nesta fase, é considerada uma etapa bem conturbada, cheia de descobertas, idéias opostas, conversas de namoro, brincadeiras, tabus. Período que se inicia com as mudanças corporais da puberdade e termina com a formação da personalidade do indivíduo (EISENSTEIN, 2005). Ao mesmo tempo, uma fase de descoberta do corpo, do outro sexo, das emoções, da atração, excitação, rica em manifestações instáveis e inconstantes (MONTEOLIVA, 1996).

Portanto Silva e Tonete (2006), Salles (2005), Ferreira e Farias (2010) e Littiget al (2012) relatam que a adolescência é uma fase de transferência/transição da criança para idade adulta.

Inclusive, antigamente a criança não estava ligada ao sentimento de proteção e carinho, no Brasil colônia, as crianças eram destinadas ao trabalho, com precárias condições de saúde e higiene. Conforme Almeida e Martins (2009) a expectativa de vida da criança era de 14 anos de idade.

Assim sendo a adolescência é o período em que a pessoa deixou de ser criança, saiu da época dos primórdios para a era da tecnologia. Fase de mudanças corporais, maturação sexual, preparação para reprodução.

Coutinho, (2005) e Ferreira e Farias (2010), definem a palavra adolescência originada do latim *adolescere*, que quer dizer a mesma coisa que crescer.

No final do século XIX, a fase de adolescência não era reconhecida como uma etapa do ciclo de vida. Compreendia-se que a pessoa pulava esta fase, indo da fase criança para a adulta. Porém para os povos primitivos, tinha-se grande significado este

período de iniciação da puberdade, levando até a um evento importante onde os adolescentes eram apresentados aos adultos (FERREIRA e NELAS 2006).

Com a revolução industrial, a fase da adolescência começa a ser reconhecida como uma etapa do desenvolvimento do ser humano, sendo este, controlado pela família, até o dia que se casar e sair de casa; porém não valorizada.

Segundo Erikson (1976), a adolescência é o período identificado como “crise de identidade”, quando o jovem passa da juventude para a fase adulta. Já Alberastury e Col (1986) fala que a adolescência é o período de luto do corpo infantil, da identidade infantil e dos pais da infância.

Porém para Roberts (1988), “... é um período de tempo que envolve perdas e ganhos, que envolve a flutuação e o estabelecimento de novas maneiras de pertencer, e que envolve a aceitação de uma imagem do corpo em mudança, como resultado do início da puberdade”.

Conforme Santos (2006), Bueno (2006) e Muller (2013), a adolescência está ligada a puberdade que este antecede a fase da adolescência, caracterizada pelas mudanças morfológicas e fisiológicas no corpo decorrentes a ação hormonal, que pode afetar o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, gerar períodos de depressão, o corpo passa por umas modificações, crescimento brusco, inquietação sem limite, aparecimento de pêlos, desenvolvimento mamário, aumento do quadril, e surgimento dos caracteres sexuais.

[...] a puberdade está concluída com o fim do crescimento esquelético, que coincide com a soldadura das cartilagens da conjugação dos ossos longos, e com o amadurecimento gonadal, que permite a plena execução da função reprodutora. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1993, p.17).

De acordo com Boruchovich (1992) e Figueredo (2002), quanto mais cedo o adolescente entra na puberdade, mais cedo ele vai iniciar sua atividade sexual e conseqüentemente as conseqüências da falta de responsabilidade.

A puberdade se inicia em geral, com a primeira menstruação, a menarca, que coincide com as transformações do corpo, quando o útero está amadurecendo, isto é, se preparando para a capacidade de se reproduzir. Hoje cada dia mais cedo esse fenômeno acontece, antes a menarca era de 16-17 anos, hoje é de 12-13 anos. Com isso, cada vez mais cedo o corpo da menina vai se modificando, se preparando para a reprodução. A menarca cedo, alterações hormonais, a cultura (mídia), influenciam na vida dos jovens, “a adolescência constitui uma das fases mais intensamente conflituosas na vida dos jovens” (JUSTO, 2000 e FREITAS, 2003).

De acordo com o Ministério da Saúde:

A puberdade é um parâmetro universal, ocorrendo de maneira semelhante em todos os indivíduos; já a adolescência é um fenômeno singular caracterizado por influências socioculturais que vão se concretizando por meio de reformulações constantes de caráter social, sexual e de gênero, ideológico e vocacional (BRASIL, 2007, p.8).

Segundo o Ministério da Saúde (1993) o período da adolescência termina quando o indivíduo demonstrar sua identidade sexual, realizar e manter os compromissos profissionais, adquirir valores e quando o mesmo for solidário com as gerações anteriores, principalmente com seus pais, família e sociedade. Além disso, esta fase se relaciona com a cultura do seu ambiente, valores, a dependência ou independência econômica do adolescente em relação ao seu familiar. Esta fase é marcada por alterações físicas, psicológicas, emocionais, hormonais, e, além disso, por superações, desafios, oportunidades.

1.2 História da sexualidade

Quando se conta a história da sexualidade, em geral a primeira idéia que nos vem à cabeça é: repressão. Há no nosso senso comum a percepção de que, ao longo da história, o sexo e o prazer foram sumariamente perseguidos, proibidos, castrados, silenciados. Foucault defende que, nos últimos séculos, ao contrário de uma sistemática repressão sexual, o que houve foi uma produção massiva de discursos sobre o sexo. No contexto da Modernidade ocidental, ao mesmo tempo em que se estabeleceram regiões, “senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição”, no âmbito dos discursos o fenômeno é quase inverso: “em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva” (FOUCAULT, 2014, p.21).

Costa (1986) ressalta que “a sexualidade dentro da concepção religiosa é carregada de tabus que afetam a maneira de se encarar a sexualidade”. Os tabus e os mitos foram surgindo, um exemplo era que quando se misturava material genético de pessoas com mesma tipagem sanguínea (parentes) poderia gerar uma destruição da espécie (CANO e FERRIANI, 2000).

Para Foucault (2014), a sexualidade estava ligada a “um produto das densas relações de poder: entre homens e mulheres, filhos e pais, educadores e alunos, padres e leigos, e assim por diante” (FOUCAULT, 2014, p. 98).

Na época dos primórdios, as atividades sexuais eram livres entre homens e mulheres. As mesmas engravidavam e só se sabia quem era a mãe do bebê. Já na civilização ocidental, havia uma forma patriarcal do casamento, a mulher tinha que se manter virgem até o casamento. Com os gregos, devido as infindáveis guerras, as

mulheres necessitavam de homens, após sua primeira menstruação, arrumava um jeito de se casarem (CANO e FERRIANI, 2000 e MULLER, 2013).

No período paleolítico, no Ocidente, a sexualidade estava relacionada a manifestações artísticas. Foram encontradas várias pinturas exalando as formas dos corpos das mulheres e dos homens. Os povos antigos mostravam-se interessados pela existência dos dois sexos (TREVISAN, 2008).

A união da fêmea com o macho era celebrada com uma manifestação sagrada, refletia a visão da vida. Conforme Eisler (1996):

[...] nossos ancestrais exaltavam o sexo não apenas sem relação ao nascimento e procriação, mas como a fonte misteriosa – e, neste sentido, mágica, - tanto do prazer quanto da vida. (...) Os mitos e ritos eróticos pré-históricos não eram apenas expressões de alegria e gratidão pela dádiva da vida (...) mas também expressões de alegria e gratidão pelas dádivas do amor e do prazer – particularmente pelo mais intenso dos prazeres físicos, o prazer do sexo (EISLER, 1996, p.81).

Conforme Cano e Ferriani (2000) e Parker (1991) a herança patriarcal continuava no povo brasileiro, o homem tinha uma liberdade sexual, porém as mulheres eram limitadas em relação à vida sexual.

No período do cristianismo, a mulher e o prazer eram considerados coisa do diabo. Sexo só no casamento com intuito de procriação. Sexo oral, anal, anticoncepcionais são considerados “homicídios”. A igreja via a mulher sedutora como uma bruxa, condenada a morrer na fogueira.

Porém na época do renascimento, a nudez entra na moda por pinturas e esculturas. Os nobres tinham poder em relação ao comportamento sexual, a traição era muito comum nesta época, o sexo era visto de forma natural.

Com a mistura de todas essas raças, negras, índias e brancas pensava-se que existia uma democracia racial no Brasil. Mas na sociedade patriarcal o que prevalecia era a vontade do senhor branco sobre os escravos ou índios. Já na época de colônia era comum a mulher só desenvolver o papel do lar e seus esposos se satisfizerem seus desejos com outras mulheres. Nesta época houve muita união das pessoas por prazeres carnavais, escravidão e sexo com raças meramente diferentes, isto deu-se base à sexualidade brasileira. (SIQUEIRA, 2008; CARMO, 2011).

No século XVI, as negras foram trazidas para o Brasil para trabalhar como escravas, que atendiam às necessidades sexuais dos senhores, era modelo de sexualidades pelas suas danças e envolvimento. Conforme Siqueira (2008), “mulher negra é para trabalhar, mulata, para fornicar e branca, para casar”. As mulheres

brancas, eram educadas para serem mãe de família, não podiam ter relação sexual antes do casamento.

A sociedade colonial enxergava a mulher africana e a negra por sua erotização e a mulata por seu charme no Brasil. Em todos os casos, se divulgava uma imagem de sensualidade da mulher negra e mulata brasileira. Admitia-se relações do homem fora do casamento com prostitutas e mulheres pobres. Para os colonos a mulher branca servia para ocupar uma função na sociedade e as negras e mulatas satisfazer os prazeres sexuais de seus senhores sem apresentar nenhum papel importante perante a sociedade. Geralmente a esposa tinha uma posição de destaque na sociedade, porém só servia para a reprodução e perpetuação da espécie (SIQUEIRA, 2008).

Na concepção de Freire (1982) I, A sexualidade uniu a casa grande com a senzala, rompendo os entraves legais, casavam-se, mas tinham filhos fora do casamento; e entraves raciais, senhores tinham filhos com mulatas, que acabavam brincando com seus filhos na casa grande.

Durante o século XVIII, a sociedade ocidental tem a visão da sexualidade como uma função reprodutora, só a partir daí surgiu inúmeros discursos sobre o sexo. Cada elemento negativo ligado ao sexo, como a proibição ou a repressão, tem função de poder e numa vontade de saber. Para Foucault (2014) “O sexo não se julga apenas, mas administra-se” Regula-se o sexo, mas não pela proibição. Cada um aceita a verdade que lhe for cabível, fechando os olhos para outras explicações, ligando o social com o seu papel sexual de cada um, ligando seus interesses, isso é a hipótese repressiva. Para Foucault (2014, p. 244) “A sexualidade é um dispositivo histórico”, é uma rede através de alguns discursos/decisões que se concretizam saberes/verdades (FOUCAULT, 2014).

No século XIX, a sexualidade ainda era mais restrita, a igreja tinha sua doutrina, e a medicina estava se incorporando. Porém no século XX, com a modernização, e o crescimento da urbanização, novas ideias foram se incorporando vindas da Europa e dos Estados Unidos, algumas disciplinas como psicologia e sexologia começam a trabalhar os problemas sexuais.

Em meados do século XIX, a população brasileira foi se modificando, as questões de saúde, doença e higiene foi tornando prioridade. Então assim a medicina toma seu espaço, ligando as práticas sexuais e desejos sexuais a doença/saúde (PARKER, 1991)

Agora sim, o sexo passa a ser visto como algo utilitário:

[...] houve uma nova ênfase cultural na reprodução como finalidade apropriada dos encontros sexuais (...) A energia sexual canalizada nessa direção legítima era assim contrastada com a energia sexual

gasta apenas na procura do prazer (...) Sexo tornou-se sexualidade – um objeto de estudo (PARKER, 1991, p. 16).

Com essa nova atualidade, o sexo torna um assunto em debate entre a comunidade, enfatizando algumas questões como o aborto, direito das minorias sexuais e propagação de doenças sexuais transmissíveis (TREVISAN, 2008).

Os movimentos feministas e homossexuais ajudam em alguns questionamentos tradicionais de gênero e de sexualidade. O assunto “sexo” acaba se alastrando, devido os avanços tecnológicos, como as mídias, televisões, rádios, revistas, jornais expõem a sexualidade, tornando assim um dos assuntos favoritos das populações. As redes sociais como *facebook*, vem ampliando os relacionamentos sexuais e amorosos por sites e salas de bate-papo, e também sites com informações para combater as DST. O conjunto dessas transformações na história da sexualidade mostra os avanços que surgiram no decorrer do tempo, a mostrar a atual realidade que possuímos sobre este assunto.

Segundo Ribeiro (2004) o “sexo é pluriétnico libidinoso para o homem, submissão e repressão do comportamento sexual da mulher, e normas, regras e condenações por parte da igreja”. Depois da fase colonial, vem o controle da sexualidade e práticas sexuais sob atos médicos, com a criação de livros cientificamente fundamentados.

Ainda assim a realidade sexual brasileira não era possível, a igreja, ou melhor o catolicismo, pregava conceitos importantes, como a virgindade, casamento, monogamia e procriação. O que era fora dessas noções, era considerado “pecado” (PARKER, 1991).

O homem sabia muito sobre sexualidade, e a mulher aprendia com ele. Se perdesse a virgindade antes do casamento, a mulher era corrompida. Tinha-se a visão da mulher como recatada, virgem; e o homem estava ligado à liberdade, luxúria, masculinidade.

Na década de 50 e 60, surgiu o “movimento beat”, que teve sua reflexão no Brasil. Uma revolução sexual estava ocorrendo, surgiram diversas concepções sobre o sexo sem compromisso, uso de drogas e roupas ousadas. Nesse período, ocorreu também o movimento *hippie*, movimento contra a guerra do Vietnã, luta pelos direitos civis, aceitava a sexualidade fora do casamento, nudez em público, aborto e homossexualismo (CANO E FERRIANI, 2000 e NUNES, 1987).

Com esses movimentos, surgiram então novos conceitos, como o prazer sem restrições, pílula anticoncepcional e revistas pornográficas, a sexualidade estava tomando outro rumo (EISLER, 1996).

No Brasil, em 1962, surgiu a primeira pílula anticoncepcional, 21% das mulheres em idade reprodutiva fizeram uso de pílulas. Foi muito polêmico o uso do anticoncepcional, ocasionando mudança no comportamento das mulheres, manifestou-se a sensibilidade para o prazer, e não mais reprodução e só para satisfazer o homem. Gerando assim, um domínio na fecundidade, o planejamento familiar, evolução na família por conta da resposta da mulher. Essa, por sua vez, foi crescendo financeiramente e social, evoluindo no mercado de trabalho.

Nos anos 60 e 70, ocorre o surgimento do primeiro anticoncepcional oral, promovendo uma revolução na vida sexual feminina. Deixa de rotular a homossexualidade como doença ou algo errado.

Já nos anos 80 e 90, surgiu o primeiro caso de Aids, conforme Carmo (2011), acontece uma revolução sexual em movimento de contracultura, além do homossexualidade e heterossexualidade vêm a diversidade sexual, o “Brasil é um purgatório sexual”. Surgi também remédios para manter ereção sexual dos homens com dificuldades orgânicas. Conclui-se então, a necessidade da educação sexual nas escolas como forma preventiva. A preocupação com a doença faz com que se intensifica a aplicação da orientação sexual no ambiente escolar (ALMEIDA, 2002).

1.3-Conceito desexualidade

Só a partir do século XIX, a sexualidade começou a existir, devido o capitalismo. Antigamente a sexualidade estava ligada a repressão, proibição/discriminação. Segundo FOUCAULT (2014), a sexualidade estava ligada a:

conjunto de regras e normas apoiadas em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas. Mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor a sua conduta, desejos, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos (FOUCAULT, 2014, p. 9).

A sexualidade é o modo como você mesmo se relaciona consigo mesmo, ou com o mundo, ultrapassando o ato sexual propriamente dito, que é contato com qualquer parte do corpo com intuito de sentir prazer sexual (MULLER, 2013).

No século XX, Freud (1980) fala sobre a sexualidade, onde scandalizou a população por citar a sexualidade infantil. Acrescentando-se que as crianças se desenvolviam psicosexualmente através de etapas. A primeira fase é a oral - inicia no nascimento, o prazer está na boca. A segunda fase é a anal - o prazer está na região anal, período em que a criança controla os esfíncteres (maturidade fisiológica). A terceira fase é a fálica - a região do prazer é a região genital (curiosidade com os órgãos sexuais). A quarta fase é a latência - ocorrem os impulsos sexuais e a quinta e

última fase é a genital -reativa os impulsos sexuais, é o período dos relacionamentos sexuais, fase muito conhecida como adolescência.

Ao se falar sobre sexo, 10% das brasileiras, 6% dos brasileiros sentem-se envergonhados, versus 60% deles e 50% delas que se dizem à vontade de falar do assunto (SIQUEIRA, 2008).

A sexualidade é conceitualizada, através das experiências das pessoas, baseado nos seus valores e cultura. Freud (1980) conceitua sexualidade como uma disposição ao apetite sexual, comum em todo ser humano, perpassando todas as fases, desde o nascimento até a vida adulta. E cada fase é manifestado de uma forma. Ela é representada através da personalidade do indivíduo, do seu ambiente de convivência.

Nunes (1987) aborda a sexualidade como a união da intenção do indivíduo, com a vivência dos seus afetos, adicionados ao desejo.

Conforme Mottier (2008) e Guimarães (1995) diferenciam sexo de sexualidade. Sexo é algo mais biológico, com intuito de reprodução, algo instintivo. Já a sexualidade, não é exclusivamente biológica, tem uma relação com prazer, sensualidade, relacionamento. Porém ambos estão relacionados a uma questão cultural, algo proibido, condenado (FOUCAULT, 2014).

O sexo sempre foi visto como algo para reprodução, para perpetuação de espécies, na história da sexualidade, há muita repressão em torno do sexo, principalmente fora do casamento.

1.4-Conseqüências dos Comportamentos Sexuais dos Adolescentes

A iniciação da vida sexual vem ocorrendo em idades cada vez mais precoce. A mídia passa para os jovens as idéias de sexualidade, libido, beleza e liberdade sexual. Essa fase de adolescência costuma fazer-se tudo por impulso, escondido, sem pensar nas conseqüências, podendo assim aumentar o índice de gestação na gravidez (DIAS e TEIXEIRA, 2010).

Esta fase de adolescente é uma fase turbulenta, cheia de rebeldia, sonhos, acham que podem abraçar o mundo. Nesse período, eles tendem a experimentar coisas novas.

Além disso, os adolescentes agem muito por impulsos, principalmente se referindo aos comportamentos sexuais. Devido uma atividade sexual precoce, não se previnem direito, as conseqüências vão surgindo, como exemplo DST e gravidez precoce.

Conforme Hugo *et al* (2011):

A primeira relação sexual, considerada um marco na vida dos jovens, tem iniciado cada vez mais precocemente. No contexto brasileiro, a

idade média da primeira relação sexual é de 14 anos para o sexo masculino e 15 para o feminino. As mulheres priorizam o sentimento de "entrega e amor" na primeira relação sexual, ao mesmo tempo em que existe o desejo de se descobrir, impõe-se a necessidade de se "preservar". Em contrapartida, a experiência sexual masculina é vista como um ganho, sustentando o poder da masculinidade. Estudo revela que jovens tendem a não usar preservativo no início de sua vida sexual e definem esta relação como casual. Os principais motivos alegados para a sua não utilização de modo consistente são: não gostar de usá-los, confiar no parceiro e a imprevisibilidade das relações sexuais (HUGO *et al*, 2011, p. 1).

De acordo com Almeida (2002) “a antecipação da atividade sexual pela adolescente e a gravidez que dela decorre têm sido problematizadas socialmente, principalmente, sob três enfoques: das políticas públicas, da saúde e da reprodução social”.

A gravidez na adolescência é uma realidade que atinge todas as classes sociais e seu contexto familiar. Quando as adolescentes iniciam sua vida sexual e engravidam, vários fatores podem estar relacionados, como estrutura familiar, psicológica, social, baixa autoestima e histórico dos pais (BERNAD e PAULA, 2000).

Segundo (Dias e Teixeira, 2010): “a gravidez/maternidade na adolescência pode fazer parte do projeto de vida das adolescentes, uma vez que funciona como uma espécie de passaporte para entrar na vida adulta”.

Ainda mais o número de adolescentes grávidas vem aumentando entre 10 e 19 anos nos últimos 4 anos. Em 2012, 300 mil adolescentes realizaram curetagem. Entre 2011 e 2012, adolescentes de 15 a 19 anos, dobraram de 4500 para 8300(segundo o IBGE). Nessa faixa de idade 18% das mulheres já engravidaram ao menos uma vez.

Também no Brasil, cerca de 700 mil meninas vem sendo mães todos os anos, desse total pelo menos 2% tem entre 10 e 14 anos, sendo que elas não tem nenhuma preparação para ser mãe (CARLOS, 2013). Isto pode esta associada ao sexo desprotegido e ao aumento dos parceiros no decorrer de sua vida. Assim como não usar ou usar de forma errada pode acarretar em Doenças Sexualmente Transmissíveis e gravidez indesejada.

De acordo com Heilborn *et al* (2002):

A maternidade adolescente nas classes populares não apressa o ingresso dessas mulheres no mercado de trabalho. Torna-as, ainda que provisoriamente, mais dependentes de outros – parceiros, familiares ou ambos – para garantir sua subsistência – o da criança. Com a gravidez precoce, pode ocorrer algumas complicações como risco de abortamento, hipertensão, anemia, desnutrição e varias outras conseqüências devido suas características fisiológicas e psicológicas nessa fase da vida. Algumas tentam esconder, não fazem acompanhamento, o medo do preconceito da sociedade, tudo isso interfere na gestação (HEILBORN *et al*, 2002, p. 43).

Alguns estudos feitos conforme Justo (2000), apontam que a maternidade em adolescentes gera alta incidência de complicações clínicas como: anemia, proteinúria, aumentos de pressão, toxemia, ruptura prematura das membranas, baixo peso, infecções urinárias e no trato genital, gonorréia, e várias outras. Sendo que anemia é altamente preocupante, pois a maioria das vezes está relacionada a baixas condições socioeconômica e a carências alimentares inerentes.

A gravidez na adolescência pode estar ligada a condições sócio-econômicas precárias, pobreza, evasão escolar, baixo nível escolar, desemprego, separação conjugal, famílias numerosas, maus tratos infantis e vários outros problemas (DIAS e TEIXEIRA 2010, FIGUEIREDO *et al* 2006, JUSTO, 2000 e FIGUEIREDO, 2000).

Conforme Figueiredo *et al* (2006), alguns estudos mostram que a gravidez na adolescência tem ligação com a região que o adolescente vive, áreas mais pobres/adolescentes vulneráveis psicologicamente e socialmente. Algumas situações também favorecem os adolescentes a engravidarem, como: ausência do pai, pai separados, mãe que também teve a experiência da maternidade na adolescência, abuso físico e sexual, instabilidade familiar, início precoce da abortar, casar, ser mãe solteira ou entregar seu filho na adoção. Sendo que qualquer uma dessas opções muda completamente o futuro desse adolescente.

Segundo Campos *et al* (2014), no ano de 2011 a incidência de jovens com DST chegou a 10,9/100.000 habitantes/ano. E em 2006, 16,2% de adolescentes já eram mães com idade de 15 - 19 anos. A adolescente grávida pode apresentar várias complicações, até levar a morte, seus filhos tem grande chance de nascerem mortos, ou; prematuros e de baixo peso. Com isso, a educação sexual é de grande importância para esses adolescentes, pois as informações ajudam a prevenir as DST e gravidez indesejada.

Campos *et al* (2014) “no Brasil, a gravidez na adolescência está relacionada com menor renda familiar, abandono da escola no ensino básico para ambos os sexos e maior probabilidade de realizar aborto”(CAMPOS *et al*, 2014, p. 127).

Os jovens vêm utilizando cada vez mais cedo estilos de vida arriscada ou comportamentos desprotegidos, pois; efetuam relações sexuais cedo, engravidam ou contraem DSTs, se envolvem com álcool ou drogas, que segundo a OMS (1975), são as principais ameaças de vida do adolescente.

Quando criança, o adolescente pode ter passado por situações inevitáveis, que, decorreram futuramente em frustrações e perspectivas diferentes do seu ideal.

O adolescente, sempre acha que nada vai acontecer, que está imune a qualquer coisa, não tem medo dos perigos. Como diz Suplicy *et al* (1995), “Assim eles se colocam diante do HIV, acreditando que não pegam Aids e, portanto, não são

necessários comportamentos preventivos como o uso da camisinha...”(SUPLICY *et al*, 1995, p.86).

A iniciação da vida sexual precoce vem cada vez mais, gerando preocupação para pais, professores e profissionais da saúde, sobre a concepção e o uso de contraceptivos.

De acordo com CANO *et al* (2000): “A parceria de escola-família-saúde seria uma das alternativas para se buscar “maneiras” de orientação sexual aos adolescentes, facilitando a tarefa educativa de pais e professores”.

Segundo Justo (2000) “a gravidez na adolescência é mais propensa em família com problemas de relacionamentos, e socioeconômico, considerados “factores negativos”.

Cardoso (2008), Alguns adolescentes engravidam para fugir do meio familiar, geralmente propensas a brigas constantes, desestruturam emocional e financeira. Porém alguns jovens pensam que engravidar cedo, é a mesma coisa que uma emancipação, liberdade, oportunidade de saírem de casa, tomar suas próprias decisões.

Adolescentes grávidas abandonam seus estudos, ficam dependentes financeiramente de seus familiares, o mercado de trabalho fica propenso a mão de obra desqualificada, rompe seu relacionamento com o parceiro, vivem sozinha em condições precárias ou com baixo rendimento, algumas vão morar com os pais, dependendo deles para tudo. Algumas raparigas que largam seus estudos se arrependem, principalmente financeiramente (CARDOSO, 2008 e FIGUEIREDO *et al*, 2006).

1.5 Perspectiva Histórica da Educação Sexual e sua Importância no Ambiente Escolar

A história da educação sexual na escola surgiu no século XVIII, com a repressão sexual. Se preconizava um intolerante modelo moral e espiritual. Segundo USSEL (1981), neste período a igreja tinha forte influência, foi no século XIX, com a repressão sexual que surgiu a educação sexual com intuito de controlar os adolescentes e crianças em relação a masturbação, a reprodução e doenças venéreas.

A educação sexual já era reconhecida. Com o passar do tempo, chegando na década 1920, a educação sexual se norteava em prol da cura de doenças sexualmente transmissíveis (DST) como a sífilis.

Durante o século XVIII, a sociedade ocidental tem a visão da sexualidade como uma função reprodutora, só a partir daí surgiu inúmeros discursos sobre o sexo. Cada

elemento negativo ligado ao sexo, como a proibição ou a repressão, tem função de poder e numa vontade de saber. Para Foucault (2014) “O sexo não se julga apenas, mas administra-se” Regula-se o sexo, mas não pela proibição. Cada um aceita a verdade que lhe for cabível, fechando os olhos para outras explicações, ligando o social com o seu papel sexual de cada um, ligando seus interesses, isso é a hipótese repressiva. Para Foucault(2014): “A sexualidade é um dispositivo histórico”, é uma rede através de alguns discursos/decisões que se concretizam saberes/verdades (FOUCAULT, 2014, p. 244).

Foucault (2014) em seu livro Vontade do saber relata a relação do poder e sexo a quatro dispositivos. Descritos como: histerização do corpo da mulher, pedagogização do sexo da criança, socialização das condutas de procriação e psiquiatrização do prazer perverso. Relacionava o sexo ao perigo. O autor analisa se fala ou como se fala, e; se o sexo é estimulado pelo poder ou demonstrado através do poder. Poder este que é desempenhado pela igreja, instituições, família, escola.

Com a igreja, através das confissões, que se iniciou dialogar sobre sexo. Neste mesmo século, o sexo ficava restrito a casais com intuito da reprodução. As pessoas que não tinham essa finalidade, eram expulsas do convívio com outras pessoas, se destinada a interdição e silêncio.

[...] não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interação do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações – que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não são, sem dúvida, somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso (FOUCAULT, 2014, p. 17).

Os educadores franceses começaram a se preocupar com a educação sexual, pois sugeriram ações voltadas a repressão na sexualidade infantil. No Brasil, em 1928 foi aprovada no congresso nacional a educação sexual em todas as escolas, porém, devido a sociedade mais conservadora, como exemplo a igreja, dificultava essa ideologia.

A educação sexual não é uma tarefa fácil, é fundamental para que os jovens se tornem no futuro, adultos capazes de viver sua sexualidade com mais prazer e responsabilidade (PCN, 1997).

Werebe (1998) compreende a educação sexual como um conjunto de ações, que são transmitidas ao indivíduo, através do seu comportamento, ações, opiniões, valores ligados a sexualidade, por meio de informações, claras ou não, levando em conta a diversidade de informações que o jovem adquire pelos diversos meios de comunicação.

Para Monteoliva (1996) “o processo de educação sexual consistiria num acompanhamento cordial, para que o educando processasse, de forma consciente e confiável, sua maturidade afetivo-sexual”.

Só a partir dos anos de 1960, a educação sexual passa por mudanças culturais, políticas e sociais na sociedade brasileira, com a introdução de anticoncepcionais, com intuito de prevenir uma gravidez (TEIXEIRA FILHO, 2002). Nesse mesmo período, algumas escolas introduzem a educação sexual no currículo (RIBEIRO, 2004).

Já 1968, ocorreu uma proposta da inclusão obrigatória da educação sexual nos currículos escolares em todo país e em todas as áreas, pela deputada Júlia Steimbruck, do Rio de Janeiro (SAYÃO, 1997).

Ribeiro (1993) relata que até 1970 este projeto da deputada, ainda se encontrava em análise para aprovação ou não, mesmo com o apoio de grandes deputados. Porém, a Comissão Nacional de Moral e Civismo do Ministério da Educação se manifestava contra a educação sexual nas escolas, com base em conceitos religiosos.

Já em 1976, a responsabilidade passa a ser exclusiva da família, e a escola podendo ou não inserir esse tema no currículo (ALTAMANN, 2001). Após muitas discussões, nesta mesma época, a educação sexual se engloba no currículo das escolas de 1º e 2º grau, com a disciplina “Programa de saúde”. Entrando com o assunto de maneira anatomicista, focando nos órgãos sexuais, na parte mais anatômica.

Neste período, o governo deixa mais a responsabilidade da educação sexual para a família. As mesmas possuem grande dificuldade em falar de sexo com os adolescentes. De contrapartida vem o professor, que tem um papel importante na sexualidade da criança. Orientando para futuras decisões, das quais, exigem muita responsabilidade e conhecimento do assunto.

Os pais são os primeiros educadores, mas não são completos. A escola e o Estado devem caminhar juntos com os pais. É fundamental saber como abordar esse assunto com os adolescentes, pois a maioria das vezes adquire esse conhecimento através de seus pares, da televisão, de filmes e revistas (FREITAS, 2010).

Conforme Valladares (2005) "a orientação sexual na e escola, ajuda os alunos a se desenvolver melhor e exercer com responsabilidade suas perspectivas em relação à vida afetiva e sexual".

Em 1988, surge uma nova constituição no Brasil, que determina em seu artigo 227: a proteção da criança e adolescente é de responsabilidade do Estado, família e sociedade. Entretanto em 1990, torna-se público a criação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) que assegura todos os direitos, como proteção e desenvolvimento.

Em dezembro de 1996, veio à aprovação pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), insere a educação sexual no currículo como tema transversal, porém eles utilizam outra terminologia "Orientação Sexual", que tem um caráter informativo, visa ações educativas priorizando a vida sexual do adolescente mais segura, sadia e responsável. Um tema transversal que atravessa todas as disciplinas, todo o campo pedagógico onde atinge efeitos nos diversos campos heterogêneos (RIBEIRO, 2004).

Segundo Sayão (1997), a educação sexual vem ocorrendo desde a infância, quando os pais começam a transmitir valores, não de forma tão transparente.

O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de recomendações, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem, tudo isso transmite os valores que a criança incorpora. O fato de a família possuir valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença religiosa ou não, e a forma como o faz, determina em grande parte a educação das crianças (SAYÃO, 1997, p. 112).

De acordo com Castro *et al* (2004), Suplicy (1991), MINISTERIO DA SAÚDE (2007), Justo (2000) e Santos (2009) articulam sobre a escola ser o local ideal para trabalhar a sexualidade, mesmo que às vezes este assunto é tratado de forma monótona e focado na parte biomédica, dificultando conversas informais. É neste local que agrega grande parte de adolescentes e onde eles passam a maior parte do tempo, espaço rico em culturas diferentes, propenso a discussões e críticas de conhecimentos, além disso, é o local de "socialização, formação e informação" (MINISTERIO DA SAÚDE, p. 14, 2007).

Ressalta dizer que a pedagogia/escola é um sistema que possui umas práticas discursivas que facilita no caminho para da aprendizagem, "malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão" (FOUCAULT, 1979, p. 183). O aluno está aberto a conhecimentos,

desejos e valores, basta saber trabalhar essas relações. Portanto a escola tem a finalidade de desenvolver ações com capacidade de transformar a realidade, estando aberta sempre a inovações.

A educação sexual ensina o adolescente tanto na parte morfológica como psicológica relacionada aos comportamentos voltados ao sexo, seus métodos de prevenção de doença e gravidez, reprodução, assuntos relacionados a sexualidade; e ; sua conseqüências provindas de uma ação irresponsável e insegura (SOUZA, 2000).

De acordo com Suplicy (1991), a educação sexual consiste num “processo formal e informal, sistematizado que se propõe a preencher lacunas de informação, erradicar tabus, preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos”. Para a autora, perpassar a visão da sexualidade no ambiente educacional ajuda o aluno a tomar atitudes mais conscientes, seguras e responsáveis.

.A escola veio se transformando no decorrer dos anos, momentos conservadora, revolucionaria, progressista, tradicionalista. Com alguns na Europa e Estados Unidos, vieram para deixar seu vestígio sobre a escola neste século XX (CESAR, 2009).

Segundo Furlani (2009) o papel da escola:

[...] não é um ato neutro; que há uma íntima relação entre o que pensamos e nossa prática pedagógica; que toda prática docente é amparada por uma teorização (mesmo que não tenhamos consciência dela); que a formação docente (os cursos de formação) e a educação continuada deveriam refletir esses pressupostos teóricos e práticos; que o ato pedagógico é permeado de decisões, escolhas e, portanto, por disputas de saberes e significados...

A educação sexual deve **começar na infância** e, portanto, fazer parte do **currículo escolar** – as temáticas discutidas na educação sexual são conhecimentos imprescindíveis à formação integral da criança e do/a jovem. O sexo, o gênero, a sexualidade, a raça, a etnia, a classe social, a origem, a nacionalidade, a religião, por exemplo, são identidades culturais que constituem os sujeitos e determinam sua interação social desde os primeiros momentos de sua existência. A sexualidade se manifesta na infância, na adolescência, na vida adulta e na terceira idade. Esperar para abordar a sexualidade, apenas na adolescência, reflete uma visão pedagógica limitada, baseada na crença de que a “iniciação sexual” só é possível a partir da capacidade reprodutiva (puberdade). Com isso, a Escola está sempre atrasada: em relação às expectativas e as vivências das crianças e jovens, em relação a sua capacidade de mudar comportamentos com a informação que oferece” (FURLANI, 2009, p.45).

No Brasil, a educação tomava outros rumos, a modernização estava ainda em processo muito lento, havia vestígios de nove milhões de alunos fora da escola, alunos analfabetos, e; poucas instituições superiores. Para resolver alguns problemas relativos à educação, o governo federal criou-se os Parâmetros Curriculares, com o objetivo de resolver alguns problemas relacionados à educação no Brasil.

Então a educação sexual veio como uma temática transversal, com assuntos que complementa o currículo. Furlani (2007), “parece-me importante, portanto, discutir como as identidades culturais são produzidas”. A pessoa tem que conhecer a identidade do outro, sua cultura, seu meio; para assim, conhecer e problematizar alguns aspectos importantes como preconceito e exclusão, para serem discutidas na educação sexual.

Conforme Furlani (2007) é através da educação sexual que podemos conhecer seu potencial pedagógico através da execução de uma observação cultural, para assim trabalhar os “monstros curriculares” (sexo, sexualidade e gênero), assuntos polêmicos. Conforme Louro (1999) “a escola é uma entre as múltiplas instâncias sociais que exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero”.

Falar ainda de sexo, é muito difícil, têm os tabus, os pais deixam para os professores falarem deste assunto, e os professores, devido o constrangimento, deixa para os profissionais de saúde abordar esse tema. E com isso os adolescentes vão adquirindo informações “equivocadas”, pelas mídias. Quem deveria falar ou educar esses adolescentes sobre sexo?

Falar, ser expressivo, demonstrar, dar início a um assunto, ou; oferecer um ensino, transmitir um conhecimento, é a definição de educar.

A educação sexual é um método de informação, para tirar tabus, preconceitos. Aprender sobre o homem e a mulher.

Considerando que os adolescentes estão cada dia mais precisando de informações, é necessário formular estratégias em que esse adolescente possa adquirir uma educação primária e integrada sobre os assuntos que envolve a sexualidade como: puberdade, sexo, direitos, entre outros. Englobando o adolescente, os jovens vulneráveis e até meninas casadas. Os professores precisam se interessar em aprender questões relacionadas a sexualidade, para assim, dominar o assunto e formular novas práticas educativas que envolva como um todo o adolescente que está a mercê do mundo em busca de informações, sujeitos a consequências imaturas (HABERLAND e ROGOW, 2015).

De acordo com Souza (2000, p.61), a educação sexual “deve promover-se o desenvolvimento psicossocial dos jovens, ajudando-os na construção de uma imagem

positiva do seu corpo como entidade sexuada, conduzido a uma vivência mais gratificante e esclarecedora da sexualidade humana”.

1.6 - Diferença entre Educação Sexual para Orientação Sexual

No século XX, o termo utilizado era educação sexual, todas as propostas e ações eram extraídas desta expressão, embora nesse período fosse de maneira reducionista, baseados nos aspectos biológicos e preventista.

No Brasil, na década de 1990, era muito utilizada pelos educadores a terminologia educação sexual, em que era feito um trabalho de discussão sobre a sexualidade. A expressão educação sexual foi substituída pela expressão orientação sexual pelos professores, e oficialmente institucionalizada pelos PCNs, do Ministério da Educação no ano de 1997 (FURLANI, 2009).

Alguns assuntos foram para o Ministério da Educação, considerados relevantes para trabalhar na educação da criança-adolescentes. Com os PCNs, alguns temas como: ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, estudos econômicos e orientação sexual tornam importantes e primordiais a serem abordados na sala de aula, estes sendo reconhecidos como temas transversais, que devem perpassar todas as áreas do conhecimento e as diferentes disciplinas (matemática, ciências, português,...), além dos assuntos curriculares predestinados.

Nos PCN's a palavra orientação sexual é utilizada para distinguir as ações desenvolvidas pela escola, família e na área da saúde para preparar os adolescentes para a vida sexual mais segura, sadia, prazerosa e responsável.

Segundo GTPOS, a Educação sexual propõe informações acerca da sexualidade, questionamentos sobre tabus, valores, crenças e comportamentos sexuais ocorridos fora do ambiente escolar. Já a orientação sexual tem o mesmo propósito, porém em ambiente diferente, a escola. O que diferencia uma da outra é o ambiente.

Para Valladares (2002), o termo orientação sexual se diferencia de Educação sexual. A educação sexual se refere a experiência pessoal, os valores da pessoa com a família, seu ambiente de convívio, suas informações adquiridas. Já a Orientação sexual refere-se a um caminho mais formal e ordenado que deva ser abordada no ambiente escolar pelos educadores.

De acordo com Monteoliva, (1996) a orientação sexual tem a função de informar sobre a morfologia sexual do corpo, enfatizando suas finalidades morfológicas, e suas conseqüências num mau funcionamento. E a educação sexual

consisti em acompanhar de forma responsável, confiante e coerente a maturidade sexual, valorizando seus valores adquiridos e suas relações interpessoais.

Saber interpretar, clara e serenamente, os apelos instintivos, dotando-os de significado explicitado na sexualidade como um todo. Isso supõe a análise e a avaliação crítica da própria afetividade, dos sentimentos, das tendências e dos interesses, possibilitando interpretar a linguagem do próprio corpo nas suas expressões espontâneas e provocadas (MONTEOLIVA, 1996, p. 38)

Porém, o ambiente escolar não deve ser o único, a família tem um papel muito importante na educação sexual das crianças e adolescentes, as mesmas apresentam valores, que devem ser perpetuados de geração a geração.

Contrapondo Monteoliva, Sayão (1997) fala que a abordagem feita pelos pais é diferente da escola, pois os pais passam para seus filhos valores já determinados, e a escola transmite a diversidade de valores, para que o aluno possa escolher o melhor para você e discutir, o que lhe for melhor apresentado.

A escola é o local onde deve completar a formação do aluno, transmitindo valores, atitudes, reforçando comportamentos e crenças. É indispensável informar e orientar os jovens quanto a uma vida sexual mais segura e responsável.

A adolescência dos pais de alguns adolescentes na época de 60 e 70 recebeu uma educação tradicional, não abordado esse assunto de sexualidade. Pensávamos que as famílias não queriam que falasse de sexo na escola, porém hoje, elas pendem para falar do assunto. Para alguns, existem a vergonha, tabus e medo de não ter informação suficiente para conversar com seu filho sobre esse assunto.

Conforme Pereira (1993), os pais que tem filhos adolescentes, revivem a fase, com desejos e medos, tornando complicado compreender e falar de sexualidade com seus filhos.

Infelizmente os educadores possuem receio ou repressão em falar desse assunto. E as consequências da falta de informação ou transmissão errada sobre a sexualidade, pode acarretar problemas como DST e gravidez precoce.

O professor no seu ambiente escolar deve proporcionar um ambiente tranquilo, de confiança para que favoreça um diálogo, e que os educandos possam tirar suas dúvidas, angustias e ultrapassar suas dificuldades, não os deixando entregues ao mundo com suas incertezas.

Desta forma, Lorencini (1997):

cumprir, ainda, dar oportunidade aos alunos de participar de atividades, problematizando os diferentes pontos de vista que eventualmente surjam durante as discussões, e, sobretudo, possibilitar que a sala de aula seja um ambiente de descontração onde os alunos se sintam a vontade para expressar suas opiniões com sinceridade e honestidade; em suma, um ambiente possível para

a busca constante e renovada dos sentidos da sexualidade (LORENCINI, 1997, P. 94).

Conforme Valladares (2002), a escola é o ambiente que propicia assuntos atualizados cientificamente, e explicita valores relacionados à sexualidade, e possibilita o aluno a tirar suas próprias conclusões, para assim desenvolver atitudes coerentes com os valores do qual recebeu.

Antigamente os PCNs, se referiam educação sexual, como atividades com intuito de educar para a sexualidade, ação meio agressiva. Então; mudou para Orientação sexual, orientar, dar fundamentos amplos e comuns acerca da sexualidade.

1.7 Inserção da Orientação Sexual no Currículo

Em dezembro de 1996, o Conselho Nacional de Educação lançou como proposta oficial as Diretrizes Curriculares Nacionais, este tem como objetivo nortear as organizações curriculares da escola em nível nacional. Divididos em dois eixos: na área do conhecimento e temas transversais, para isso foi dividido em 10 volumes, sendo o primeiro introdutório, seis nas áreas de conhecimento do terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental (língua portuguesa, matemática, História, Geografia, Ciências naturais, Educação física, Artes e Língua estrangeira), e os outros 03 volumes sobre os temas transversais.

Os temas transversais englobam questões como ética, Saúde, Meio ambiente, Trabalho, consumo de pluralidade Cultural e orientação Sexual (BRASIL, 1997). A orientação sexual na escola deve perpassar todas as áreas de conhecimento e diferentes disciplinas.

Os alunos devem ser estimulados a falar do assunto “sexualidade”, com uma metodologia participativa.

...lidar com dinâmicas grupais, a aplicação de técnicas de sensibilização e facilitação dos debates, a utilização de materiais didáticos que problematizem em vez de “fechar” a questão, possibilitando a discussão dos valores (sociais e particulares) associados a cada temática da sexualidade (Brasil, 1998, p. 331).

Segundo os PCN's a escola deve abordar a orientação sexual em todas suas amplitudes, com informações adquiridas pela comunidade, mídia e família. Não focando em conteúdos formais, ciência relacionada ao corpo biológico e reprodução (SAMPAIO, 2005).

Segundo Teixeira filho, Santis; Silva, (2003, p. 143):

[...] não restringe-se a apenas informar os envolvidos sobre os processos de reprodução humana ou sobre as diferenças sexuais entre homens e mulheres, mas ao mesmo tempo propor reflexões que transformem as hierarquias sociais, responsáveis por estigmas e, conseqüentemente, desigualdades, violências e desrespeito aos Direitos Universais dos Seres Humanos.

A Orientação sexual deve estar ligada com a realidade social, valores, comportamento, visões do mundo. Então os professores têm que fornecer um ambiente tranquilo, que passe confiança, para que as dúvidas sejam remediadas.

De acordo com Valladares (2005), “a orientação sexual nas escolas contribui para o bem-estar das crianças e jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura”.

Carradore, Ribeiro (2002), retrata que o profissional adequado para trabalhar a orientação sexual é o educador de biologia e ciências, por ter mais conhecimento biológico. Porém, Hall (1997) atesta que não existe um único ser permanente para se abordar esse assunto. E os PCNs ressaltam, na sua apresentação, a importância não apenas do tema, das contribuições da aprendizagem de informações sobre a sexualidade, mas destaca a necessidade de superação das barreiras ainda existentes para se tratar do assunto na sociedade.

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a **superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro**. (BRASIL, vol. 10, p. 287, grifo do autor).

Para favorecer a abordagem desse assunto deve levar em consideração as temáticas sociocultural, biológica e psíquica da sexualidade. Dialogada de forma ampla, com vocabulário simples e fácil, proporcionando um ambiente agradável e responsável. Assim, o tema pode ser abordado conforme alguns autores, da seguinte maneira “Corpo: matriz da sexualidade, Relações de gênero e Prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS”. Contudo serão trabalhados o corpo anatomia,

aspectos emocionais, prazeres e afetividade, tabus, preconceitos, mitos, prevenções de doenças, cuidado com o próprio corpo, atitudes responsáveis (BRASIL, 1997, P. 95; SAYÃO e SILVA, 1992; SAYÃO, 1997).

Entende-se que ao concluir o ensino fundamental os alunos devem ter noção de:

Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à expressão, garantida a dignidade do ser humano; Compreender a busca de prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana; Conhecer o seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária a usufruir prazer sexual; Reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas; Identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro; Proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos e exploradores; Reconhecer o consentimento mútuo como necessário para usufruir prazer numa relação a dois; Agir de forma solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo em ações públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis/ Aids; Conhecer e adotar práticas de sexo protegido, desde o início do relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da Aids; Evitar uma gravidez indesejada, procurando orientação e fazendo uso de métodos contraceptivos; consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito da sexualidade (BRASIL, 1997, P. 91).

A escola, com o tema orientação sexual, deve trabalhar todos esses assuntos, e as informações que supostamente são “erradas”, que são transmitidas pela mídia, pelos amigos, pela sociedade e até mesmo, às vezes, pela família.

Os PCN’s são parâmetros curriculares com propostas de assuntos a serem trabalhados no ambiente escolar, auxiliando os professores no planejamento de atividades que ajuda na formação de futuros profissionais, pessoas brasileiras. Entretanto, “podem ser utilizados com objetivos diferentes, de acordo com a necessidade de cada realidade e de cada momento, sobrepondo a diversidade sociocultural das diferentes regiões brasileiras”. A orientação sexual na escola deve estar elaborada de forma que integra a realidade social, cultural, econômica, religiosa e histórica de cada indivíduo. Este tema por sua vez, é difícil de ser ministrado pelo professor, ele precisa proporcionar um ambiente tranquilo, para que o educador e o educando sintam-se abertos a debates, dúvidas, livre de preconceitos. Os PCN’s preveem que os educadores apresentam algumas dificuldades em abordar este assunto, e até mesmo em determinadas situações não se sentem preparados para lidar com este tema “sexualidade” (BRASIL, 1997).

De acordo Valladares (2002), o trabalho da orientação sexual na escola deve estar de acordo com a linguagem dos alunos, respeitando os medos, angustias e interesses diferentes. As manifestações sexuais são normais, fazem parte do desenvolvimento do ser humano. Para Werebe(1981), existem duas formas de ensinar sexualidade na escola, uma é seguindo uma programação, fazendo planejamento prévio, e a outra é de forma informal, aproveitar uma situação, estudo de caso, ou acontecimentos, e trabalhar de o assunto com espontaneidade.

Os PCNs servem como um referencial para o currículo escolar, e as escolas, tem a opção de abordar ou não os temas sugeridos. O tema orientação sexual que está nos PCNs como tema transversal, deve impregnar todas as disciplinas, e pode ser trabalhada de duas formas:programada, através de conteúdos já dentro do currículo ou, extraprogramação, sempre que surgir necessidade, é abordado o tema (ALTAMANN, 2001).

A orientação sexual é compreendida como forma de informação, transmitindo conhecimento sobre impulsos de desejo vividos no corpo, transformações hormonais, entre outras. Segundo os PCNs, Altamann (2001) e Rosistolato (2009), a orientação sexual pode ser trabalhada em três etapas: Corpo-matriz da sexualidade; Relações de gênero e Prevenção a Doenças Sexualmente Transmissíveis (AIDS) em toda a área brasileira.

A Orientação Sexual abrange atividades com finalidade de ampliar os conhecimentos dos adolescentes para que estes reflitam de forma consciente e responsável sobre suas escolhas, optem o tipo de vivência sexual que lhe for mais adequado, sem que os professores interfiram nisto. Porém os professores devem trabalhar com a realidade sociocultural da região (ROSISTOLATO, 2009).

No Brasil, em 1994, foi criado o Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia construído com o intuito de se alastrar por todas as escolas, a orientação e educação sobre a sexualidade. Este guia serve de suporte para o professor, pois aumenta seu conhecimento, e é um apoio para os alunos, esclarecendo e informando sobre a sexualidade.

Neste guia, a orientação sexual tem como enfoque: corpo, autoestima, afetividade, relação interpessoal, saúde reprodutiva, gênero, relacionando suas funções fisiológicas, psicológicas, sociológicas, espirituais, habilidades de comunicação e tomada de decisão responsável (SUPLICY et al 2005).

Conforme Jardim *et al* (2006, p. 161):

A sexualidade na escola deveria ser trabalhada transversalmente em todas as disciplinas do currículo escolar, com professores

devidamente preparados para esta função em uma metodologia participativa, com base na manifestação do próprio adolescente.

Para a escola atingir o objetivo com os adolescentes, ela precisa do corpo docente trabalhar em equipe, não só os funcionários da escola, mas os pais, que tem um papel relevante na formação deste adolescente. A família é quem forma o adolescente, sua personalidade, transmitindo valores.

Segundo DIAS e GOMES (1999):

[...]a estrutura familiar passou por muitas transformações nos últimos anos. A família trocou o modelo hierárquico, no qual os papéis familiares eram rigidamente estabelecidos e o poder centralizado na figura do pai, por um modelo igualitário, no qual se destacam os ideais de liberdade e respeito à individualidade. Neste modelo, não é correto que os pais imponham suas idéias aos filhos ou os proíbam de fazer certas coisas. O desenvolvimento dos filhos passa a ser orientado pela experimentação e descoberta.

De acordo com Dias e Gomes (1999), Freitas (2010) e Souza (2000): é através dos pais, que os jovens recebem sua primeira aprendizagem, daí por diante, com seu desenvolvimento, vai perpassando por outros educadores. O contato com os pais faz com que o adolescente, já na infância, vai tendo idéia da sexualidade, descobrindo o corpo e reconhecendo o sexo masculino e feminino. Assim ocorre a formação da personalidade do jovem.

Quando adolescentes, sentem-se constrangidos, tanto o pai quanto o filho, de falar sobre sexo. Os pais com sua autoridade, ordens, castigos, reprimem e assustam seus filhos. Os mesmos ficam com medo de falar alguns assuntos, da reação dos pais ao conversarem com eles, e já os pais, pensam que não possuem informações suficientes ou sentem-se incompetentes em relação a esse assunto.

Realmente não é fácil falar deste assunto, não é só informar sobre a sexualidade, tem que romper umas barreiras, tabus, adaptar-se a alguns valores. Os pais quando conseguem falar de sexualidade, não conseguem se desprender do seu passado, de sua História, isso acaba prejudicando seu relacionamento com o filho, limitando-se a orientações superficiais.

Infelizmente hoje, a mídia, novelas, jornais, revistas, enfeitiçam os jovens a fim de conseguir audiência e comercializar mercadorias, e esses, acabam adquirindo informações “erradas” sobre sexualidade ou impróprias pela idade. Através da correria do dia a dia, trabalho, as famílias não conseguem controlar o que seus filhos assistem, não conseguem acompanhar o dia do seu filho. Alguns acabam reprimindo essa sexualidade visível demais.

As famílias possuem grande dificuldade em falar de sexo com os adolescentes. De contrapartida vem o professor, que tem um papel importante na sexualidade da criança. Orientando para futuras decisões, das quais, exigem muita responsabilidade e conhecimento do assunto.

Os pais podem intervir positivamente com os adolescentes em relação ao início precoce da atividade sexual e uso de métodos de prevenção, se houver um diálogo, sobre os métodos de contracepção e sexualidade (SOUZA e MATHRE, 2000). Para uma educação satisfatória, é necessário falar e escutar (dialogar) é o melhor caminho para eliminar insegurança, e transmitir confiança e respeito ao jovem.

Os pais são os primeiros educadores, mas não são completos. A escola e o Estado devem caminhar juntos com os pais. É fundamental saber como abordar esse assunto com os adolescentes, pois a maioria das vezes adquire esse conhecimento através de seus pares, da televisão, de filmes e revistas (FREITAS, 2010)

os jovens de hoje têm facilidade de acesso à informação e ao conhecimento, através de diferentes fontes: internet, livros, revistas, porém, continua sendo indispensável o diálogo e a discussão com pessoas capacitadas e disponíveis para esclarecê-los e ajudá-los no entendimento de sua sexualidade (FREITAS, 2010, p.356):

Através das práticas pedagógicas realizadas nas escolas, os adolescentes se tornam um objeto de cuidados, alterando comportamentos. Deixando as proibições e punições de lado e, exercer metodologias e práticas que visam a produzir sujeitos autodisciplinados no que se refere à maneira de viver sua sexualidade (ALTAMANN, 2001).

Segundo Bourdieu e Passeron (2008):

porque a estrutura das oportunidades objetivas da ascensão pela Escola, condiciona as disposições relativamente à Escola e à ascensão pela Escola, disposições que contribuem por sua vez de uma maneira determinante para definir as oportunidades de ter acesso à Escola, de aderir às suas normas e de nela ter êxito, e, por conseguinte as oportunidades de ascensão social”(BOURDIEU e PASSERON, 2008 p. 190).

De acordo com Altamann (2003), “A atual inclusão da orientação sexual na escola é justificada pelo crescimento dos números de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e pela disseminação de casos de contaminação de HIV”.

1.8 Sexualidade e a Adolescência

O desenvolvimento do ser humano é dividido por fases: infância de 5 a 8 anos, puberdade de 9 a 12 anos, adolescência inicial de 12 a 15 anos e adolescência de 16 a 18 anos (SUPLICY *et al* 2005).

Para compreender melhor a sexualidade na adolescência, é ideal entender as mudanças fisiológicas que ocorrem no período da puberdade. Não só mudanças fisiológicas, como psicológicas e comportamentais, que são influenciadas pelo ambiente do qual o adolescente é inserido.

Quanto mais cedo o adolescente entrar no período da puberdade, mais cedo ocorre as mudanças fisiológicas, podendo ou não ocorrer as mudanças cognitivas e emocionais (comportamentais). Isso interferiu como um fator de risco para esses jovens, pois iniciar uma relação sexual prematura pode resultar em conseqüências indesejadas.

Esse período da adolescência é marcado pelas descobertas e pelas mudanças de comportamento, instabilidade emocional, conflitos, crises. Com o início da puberdade, as mudanças, transformações físicas, ocasionadas pelo aumento de produção de hormonal, vão aparecendo. Este período é marcado entre 11 a 14 anos concomitante com a menarca, que é a primeira menstruação, onde se conclui que o corpo da mulher está pronto para reprodução. Isso pode variar de pessoa a pessoa, conforme seu estilo de vida, hereditariedade, nutrição (FREITAS, 2003; BUENO, 2006).

O período da adolescência é marcado por essas mudanças, além disso, conflitos e crises. Conforme Gomes (2002), a vida sexual da mulher é marcada por fases, onde ela tem sua primeira menstruação, primeira relação sexual, primeira gravidez e última menstruação.

Além disso, para Altamann (2007), a adolescência é considerada um período de imaturidade, instabilidade, período de construção na área profissional, conquistas. Quando surge uma gravidez, a adolescente passa por turbulências, pois uma gravidez requer um amadurecimento maior, com segurança e estabilidade, tanto na vida pessoal como profissional.

Conforme Piaget (2002), o ser humano passa por fases no seu período de desenvolvimento, com o decorrer do tempo a pessoa vai evoluindo fisicamente e mentalmente. O ser humano constrói “as coisas” através do processo de assimilação e acomodação, é quando a criança aprende tocando, ou seja, passa do período sensório-motor para o lógico-concreto. Já no período da adolescência, este, realiza atividades baseadas em idéias (etapa de operações formais), ele levanta teorias e reflete sobre seu próprio pensamento.

O adolescente constrói suas próprias teorias sobre as opiniões já fornecidas do seu meio social, escolhendo assim, sua melhor opção e mais cabível no momento. Este período é marcado por formulação de hipóteses, teorias e reflexões, baseadas no hipotético-dedutivo, com estratégias cognitivas (PIAGET e INHELDER, 1976).

Esse período da adolescência é marcado por transformações, um corpo que muda a cada instante, muito conhecido por Levisky (1995) como uma fase de autoerotismo, pois manifesta-se os impulsos sexuais e as fantasias. Segundo Ajuriguerra (1977), Clães (1990) e Moradela (1992) um dos comportamentos sexuais comuns neste período é a masturbação.

Porém, para Rodriguez (2010, p. 5), exaltar a sexualidade voltada exclusivamente para a reprodução, tornando mal vista, e até mesmo pecaminosa, qualquer outra manifestação da sexualidade que levasse apenas à busca de prazer.

A sexualidade é característica do ser humano, ela expressa, impregna todo o ser humano, biologicamente, socialmente e psicologicamente, através de suas manifestações pessoais. Sendo que Monteoliva (1996) “o principal órgão sexual do ser humano é o cérebro...”, todos os instintos sexuais são impulsionados pelos centros nervosos, interligando fatores emocionais e afetivos. Da mesma forma Freud (1980) argumenta que toda a ação, pensamento e sentimento são causados pelo consciente e inconsciente do ser humano.

Considerando que a sexualidade está inserida na pessoa, não é uma coisa que possa desligar ou retirar do sujeito. Então dessa forma está presente no adolescente, na escola e em todo lugar, que deve ser trabalhado (LOURO, 1999).

Percebemos que a sexualidade é um conjunto de transformações que resulta o desenvolvimento sexual, evoluindo para o desenvolvimento da sexualidade. No período da adolescência é marcado por transformações, que às vezes estão ocultos. Porém, essas transformações/impulsos sexuais que estavam escondidos, são liberados, sem que os adolescentes sejam capazes de realizar seus desejos e fantasias de forma segura.

Segundo Valladares (2005), o estudo da sexualidade objetiva o equilíbrio do ser humano. Almeja-se o crescimento global do indivíduo no plano intelectual, físico, afetivo e sexual. É esse crescimento que tornará o indivíduo mais completo.

O comportamento sexual está condicionado as suas respectivas fases, em quem mudam em relação a puberdade e a menopausa. De acordo com STEARNS (2010), a sexualidade é um produto de três sistemas interligados - impulsos biológicos básicos, imperativos econômicos e culturais.

O desenvolvimento do ser humano baseia-se em três aspectos importantes: social, biológico e psicológico. Um está interligado com o outro. Se um aspecto não está bem, conseqüentemente os outros se prejudicam.

O ser humano possui um corpo interligado por sistemas e, além disso, por sentimentos, sensações e emoções. Verifica-se ainda, a presença de um conjunto de crenças e valores que contribuem na sua busca ao prazer. Para Valladares (2005, p.

65) "a sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura".

Para Valladares (2005), a sexualidade "será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura". Predispõem que a sexualidade é formada pela o meio social e o cultural do indivíduo, por meio de seu conjunto de valores e crenças. Além das inseguranças, confusão hormonal, mudanças, características dessa fase, os adolescentes são e estão permanentemente carregados de dúvidas sobre a sexualidade.

1.8.1 O papel da escola

Antigamente a educação era passada através das experiências vividas, não havendo necessidade de nenhuma instituição. Só a partir da Idade média, a educação tornou-se vinculada a escola. A partir do século XVII a escola é conhecida como uma instituição de ensino. Com o capitalismo, tinha o intuito de mostrar cada indivíduo o seu lugar que deveria ocupar perante a sociedade, "a escola que se coloca como neutra, tem por finalidade ensinar os valores, hábitos e costumes de uma determinada classe social, colocando-os como naturais e universais". (COIMBRA, 1989, p.2).

A escola além de transmitir conhecimentos e saberes, é um espaço onde implica a produção de metodologias que trabalhem pessoas de acordo com as suas convenções socialmente e culturalmente. Conforme Silva, (p.147, 2011) "...é nas mais diferentes práticas sociais que homens e mulheres se constituem através de relações de poder/saber que ensinam os modos de ser e estar no mundo, formas de falar, agir, compreender a si e aos outros...". A escola participa desse processo de formar pessoas com capacidade de realizar suas escolhas sexuais, se identificando ou não com o seu gênero.

De acordo com Bourdieu (2013), ele define *habitus* como uma mediação do social com a sociedade. Caracteriza a escola como um ambiente para reproduzir concepções, valores, grupos sociais dominantes, local de serviços de classes dominantes.

É na escola que se localiza o conjunto de dispositivos da sexualidade. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), a orientação sexual deve se alastrar por toda área educativa, abrangendo todas as disciplinas.

O seu ambiente social, sua cultura, família é que forma a característica de um indivíduo, sendo que a família transmite a seus filhos um capital de culturas e valores que contribuem para a definição de suas atitudes. Bourdieu (2013, p.46) fala que a "herança cultural é responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito".

O funcionamento social dos sistemas de ensino na sociedade onde possui diversos níveis sociais - uma sociedade contemporânea - compara os níveis sociais com a escola e o saber. As crianças herdaram conhecimentos, atitudes, gostos (cultura) do seu ambiente de convívio (BOURDIEU, 2013).

As atitudes dos membros das diferentes classes sociais, pais ou crianças e, muito particularmente, as atitudes a respeito da escola, da cultura escolar e do futuro oferecido pelos estudos são, em grande parte, a expressão do sistema de valores implícitos ou explícitos que eles devem a sua posição social (BOURDIEU, 2013).

Segundo Altamann (2001), a sexualidade é um "negócio de Estado", tema de interesse público, pois a conduta sexual da população diz respeito a saúde pública, à natalidade, à vitalidade das descendências e da espécie, o que por sua vez, esta relacionada à produção de riquezas, à capacidade de trabalho, ao povoamento e a força de uma sociedade.

A dificuldade de se falar de sexo, principalmente dentro da escola, e as proibições contribuem para que o indivíduo fique mais confuso, mais propenso a receber informações erradas, e acidentes sexuais indesejados (VALLADARES, 2002).

De acordo com Friedman (2012, p. 12) apud Grunseit e Aggleton (1998) "Em geral, as preocupações sobre a eficácia dos programas de educação sexual são, em grande parte focado no comportamento - o que vai adolescentes fazer como resultado de receber essa educação." (GRUNSEIT e AGGLETON, 1998)

A orientação sexual é uma ação educativa que pode ocorrer a partir de um trabalho sistematizado e organizado com a participação de professores e profissionais treinados para este propósito (RIBEIRO, 2004).

A escola vivencia situações que é necessário uma intervenção. Em contrapartida, os jovens são curiosos, possuem interesse na área da sexualidade. A orientação sexual na escola, ajuda os alunos a se desenvolver melhor e exercer com responsabilidade suas perspectivas em relação a vida afetiva e sexual (VALLADARES, 2005, p. 29).

A educação sexual está ligada ao diálogo, momento de interação, tirar dúvidas, adquirir conhecimentos. Se essa orientação for feita, o número de adolescentes grávidas, DST, e conseqüentemente a evasão, abandono dos estudos, a desqualificação, falta de informação vão diminuir. Pois, promove valores e princípios que irão marcar o adolescente na sucessão seguinte.

A educação sexual para os jovens, não está mais confinado às confusas discussões familiares ou conversas íntimas nos corredores das escolas. O aumento da gravidez na adolescência, legalização do aborto, e a propagação do HIV movimentaram o comportamento sexual dos adolescentes para o cenário da política e

mais ainda, para os decisores políticos e assessores governamentais. A educação sexual surgiu como um forte dispositivo para direcionar esses problemas relacionados à saúde pública. No entanto, existe um nítido conflito promotor de uma divisão sobre os conteúdos e as estruturas adequadas, conduzindo a uma situação de aplicação inconsistente de programas de educação sexual para jovens americanos. Enquanto os programas de educação sexual procuram reduzir a gravidez na adolescência e evitar a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis (DST), o debate sobre que tipo de educação sexual melhor atinge estes objetivos, ressaltam questões essenciais, relativamente ao papel reservado aos valores estabelecidos socialmente e que são regulados pela política de bem-estar social, no que se refere ao comportamento social (FRIEDMAN, 2012).

Deve-se iniciar a conversa sobre sexo em casa com os pais, e conseqüentemente, a escola dará continuidade sobre este assunto. Em contrapartida os pais sentem dificuldade de falar deste assunto, e acabam restringindo informações. Aí vem o papel da escola, com o papel de mediadora.

Em suma, que a escola é um meio de ensino onde valoriza o indivíduo, efetiva as desigualdades de currículo. Onde as chances existem para todos, quando as estruturas existentes e as práticas sociais permeiam a estrutura social e o exame é um instrumento que mostra a igualdade e desigualdade no meio social (BOURDIEU e PASSERON, 2008).

De acordo com Bueno (2006) os adolescentes pelo qual tem um bom relacionamento com seus pais (conversa e dialogo), tem menos probabilidade de iniciar precocemente a vida sexual.

Conforme Furlani (2007) a escola tem um espaço dinâmico, e é onde, esses adolescentes passam uma parte de seu dia, é um ambiente bom para se abordar alguns temas. Entretanto, deve-se saber introduzir este assunto, devido as questões que envolvem a sexualidade, orientar adequadamente.

Em síntese a escola é heterogenia, rica em diversidades, e em professores que tem que saber lidar com essas diferenças. Entretanto a sexualidade é um tema polêmica e gera discussões, o professor às vezes não esta preparado para intervir nessas situações. Devido á sua falta de capacitação, medo, vergonha e despreparo. Porém outros conseguem trabalhar este assunto com tranquilidade.

Ainda assim o educador tem muita dificuldade de abordar esse assunto, pois existe muito tabus, preconceito, religião, cultura, valores envolvidos. Porém, é importantíssima a orientação sexual para os jovens que cada dia mais cedo vem iniciando relações sexuais. Os pais têm dificuldades de falar desse assunto, e acabam omitindo algumas questões.

Porém para Jardim *et al* (2006), a maioria dos professores não tem conhecimento suficiente para promover a orientação sexual aos jovens, acabam abordando muito a parte fisiológica, e deixando de lado, os sentimentos e valores que envolve esse adolescente.

Entretanto, o adolescente precisa ser trabalhado, nos seus anseios, medos, expectativas, propiciando assim alternativas seguras e responsáveis, para que não ocorra consequências futuras indesejáveis.

PARTE II- INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

CAPÍTULO II: PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A metodologia é o trajeto a ser feito para realizar um estudo científico. Conforme Gerhardt e Silveira (2009) a metodologia, é o caminho para se chegar a um resultado, feito através de uma pesquisa científica, onde o método, prática e teoria estão interligados para se atingir o objetivo em sua pesquisa.

Minayo (2007) define a metodologia como:

a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos *métodos, das técnicas e dos instrumentos operativos* que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como o que denominei “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas.

A metodologia é o caminho do conhecimento e a prática realizada pelo levantamento da realidade. Ou seja, é o método, técnica e criatividade do pesquisador (MINAYO, 2007).

Prodanov e Freitas (2013, p. 14) falam que a Metodologia “é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para a construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade”.

2.1 - Contextualização da Pesquisa

A pesquisa é uma atividade com intuito de responder uma pergunta ou uma questão, mostrando a realidade do mundo. Relaciona-se com raciocínio e a atitude. Toda investigação está relacionada a um problema, uma questão, que estiga a pessoa a pesquisar (MINAYO, 2009).

Minayo (2010) fala que pesquisa:

[...] alimenta a atividade de ensino. Pesquisar constitui uma atitude e uma prática teórica de constante busca e, por isso, tem a característica do acabado provisório e do inacabado permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados, pensamento e ação.

A pesquisa motiva o pesquisador a chegar nos seus resultados, através de ações, onde procura conhecer ou entender a solução do problema.

Para Laville e Dione (1999, p. 34) o pesquisador é uma pessoa que tem a capacidade de perceber um problema no seu ambiente de convívio, com intuito de compreender e contribuir para possíveis soluções, na qual, se explica a situação por uma questão de partida ou por uma hipótese, em uma das quais o pesquisador investiga as informações e discute suas conclusões, a partir dos instrumentos utilizados.

Já para Demo (1996, p.34), a pesquisa representa uma atividade ou atitude, um “questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”.

Para Gil (2008, p.26), a pesquisa tem um caráter positiva, pois é um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. A pesquisa busca o crescimento da ciência.

Para Minayo (2007), ao realizar uma pesquisa, o pesquisador caminha por algumas etapas. Sendo a fase exploratória a primeira, onde é delimitado o problema e seus objetivos, depois; é a etapa de coletar os dados, o pesquisador colhe todas as informações destinadas ao seu tema, e por final; é a etapa de analisar os dados coletados, para assim conhecer a resposta para o seu problema.

No caso desta pesquisa, o objeto de estudo partiu do importante papel da escola como promotora de aprendizagens significativas e úteis para o aluno e a sociedade, foi escolhido assim como objeto desta pesquisa à educação sexual oferecida por escolas brasileiras, delimitando-se a investigação à educação sexual oferecida a alunos de 7º e 8º anos das escolas públicas dos municípios de Serra e Fundão, localizados no Estado do Espírito Santo.

2.2 -Apresentação do Locus da Pesquisa

Foi escolhido estes locais para o estudo, devido os recursos financeiros e humanos disponíveis, e por serem escolas localizadas perto da nossa residência o que ajudou e facilitou a execução da pesquisa.

O trabalho de investigação percorreu por 02 escolas municipais, sendo uma na cidade de Fundão, EMEF Eloy Miranda e a outra, no município da Serra, EMEF Julite Miranda Freitas. Ambas situadas na zona urbana.

Fotografia 1-Escola do município da Serra/ES “EMEF Julite Miranda Freitas”



Fonte:<http://emefjmfreitas.blogspot.com.br/>

O município da Serra possui mais ou menos, segundo o site do IBGE, mais de 400 mil habitantes. A escola EMEF Julite Miranda Freitas, é uma escola municipal de ensino fundamental, pública do subúrbio, situada na rua Domingos Martins, nº 1988, Parque residencial Reis Magos, Serra ES, num bairro de periferia com baixo poder aquisitivo. Neste bairro possuem 272 mil moradores, sendo estes freqüentadores desta escola.

A escola é formada por um prédio com 12 salas, sendo 03 destinadas ao 7º ano e 02 ao 8º ano no turno matutino, e 03 salas do 7º ano e 03 do 8º ano no turno vespertino. Acolhe cerca de 690 alunos, no turno matutino e vespertino. Estruturalmente é grande, possui salas arejadas e amplas, sala de informática, biblioteca, laboratório de ciências, pátio coberto, área de jardinagem, quadra coberta em bom estado de conservação.

Fotografia 2-Escola do município de Fundão/ES “EMEF Eloy Miranda”



Fonte:<http://emefeloymirandafundao.blogspot.com.br/>

O município de Fundão apresenta mais de 19.000 mil habitantes, de acordo com o IBGE de 2015, é uma cidade do interior do ES, pequena, uma região forte na agricultura, sendo o maior empregador a Prefeitura Municipal. A escola EMEF Eloy Miranda está localizada na rua Projetada s/nº, no bairro Ozeias, Fundão ES.

A escola possui mais de 630 alunos, sendo 217 matutinos, 315 vespertinos, e o restante noturno. É uma escola de ensino fundamental das séries finais, com 11 salas, sendo 03 salas de 7º ano e 02 salas de 8º ano no período matutino e no período vespertino apresenta 02 salas de 7º ano e 03 salas de 8º ano, e no turno da noite, o EJA.

2.3- Universo da Pesquisa

O Sistema Educacional Brasileiro é dividido em modalidades, sendo a Educação Básica constituída por educação infantil, educação fundamental (iniciais de 1º ao 5º ano e finais de 6º a 9º ano), Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Especial, Educação Profissional e Tecnológica, Educação indígena, Educação à Distância e Educação Superior.

Como este trabalho relata sobre Sexualidade na adolescência, a proposta foi trabalhar adolescentes, que segundo a Organização Mundial da Saúde define com faixa etária de 10 a 19 anos.

Devido isto, foi escolhido 7º e 8º ano do Ensino Fundamental das séries finais.

2.4-Tipo de Pesquisa

A pesquisa foi de natureza descritiva com uma abordagem qualitativa e quantitativa, onde propicia resultados através de dados colhidos no contexto de vida das pessoas, nas suas experiências, no seu cotidiano. E possibilita a quantificação dos dados obtidos, a fim de refletir a realidade e melhor analisá-la.

Para Strauss e Corbin (2009) falar de análise qualitativa não se atribui a quantificação dos dados qualitativos, mas a um processo não de cálculos enquanto interpretativo que deixa clara a descoberta de conceitos envolvendo os dados obtidos com a prática realizada no decorrer da pesquisa.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão dos dados, não frisa os resultados numéricos, tenta entender e compreender os fatos, sendo mais subjetiva e observativa. Onde há um maior envolvimento, gerando a análise dos dados e a mensuração (MINAYO, 2001).

Minayo (apud GERHARDT, 2001) defende que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Assim, para a pesquisa ser capaz de passar informações reais, deve-se preocupar com o envolvimento do pesquisador no campo de pesquisa, não sendo exaustivo nas

suas reflexões, mas estando atento aos detalhes na sua interpretação, sempre buscando dados fidedignos.

A abordagem quantitativa pode analisar as opiniões dos alunos referentes à temática “sexualidade”, tabulando em números, gráficos, tabelas, e assim, interpretando os dados.

A pesquisa quantitativa requer usos e técnicas estatísticos, para assim tabular os dados, classificando as opiniões e informações para assim classificá-las e analisá-las (MINAYO, 2007; LAKATOS e MARCONI, 2007).

De acordo com Fonseca (2002):

(...) os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com auxílio de instrumentos padronizados e neutros.

Na pesquisa quantitativa, o pesquisador coleta dados numéricos. Esses dados são analisados com ajuda estatística ou por técnicas de matemáticas. Muito utilizado, em pesquisa descritiva, identificando características de um evento (RICHARDSON, 1989).

Conforme Brasileiro (2013):

A pesquisa quantitativa tem o intuito de expressar fatos, informações, dados e opiniões em medidas numéricas. Posteriormente, essas medidas são analisadas sob a luz de recursos estatísticos como: percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão etc..

Através dos questionários com questões fechadas, os dados foram tabulados com o auxílio da estatística e alguns recursos, para a eficácia, precisão e normalização dos resultados. Com isso o pesquisador pode analisar melhor as idéias dos alunos.

O estudo quantitativo é muito utilizado em pesquisas descritivas, comparativas e experimentais, que é a pesquisa em questão (DIEHL, 2004).

Este trabalho seguiu uma pesquisa bibliográfica, baseada numa consulta de fontes primárias relacionadas com o tema, que permitiu uma análise de interpretação e confronto de idéias. Esse método possibilita ao pesquisador tomar conhecimento das principais concepções do tema (BRASILEIRO, 2013; GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

Trata-se de uma pesquisa descritiva, pois o investigador recolhe informações pertinentes ao seu trabalho, descrevendo fatos e acontecimentos de determinado fato.

o investigador utiliza instrumentos de coleta padronizada de dados, como questionário ou formulários de observação sistemática, no

intuito de descrever os acontecimentos e estabelecer relações entre variáveis (BRASILEIRO, 2013, p 45).

E uma pesquisa exploratória muito utilizada para desenvolver pesquisa envolvendo a realidade, uma familiaridade entre o tema e o pesquisador. O pesquisador sonda, busca informações para aprimorar suas ideias e assim formular hipóteses. Para realizar seus objetivos, é necessário aprofundar suas investigações e encontrar resposta para sua pergunta.

Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória envolve três aspectos: levantamento bibliográfico, coleta de dados com pessoas que tiveram experiências ou estão relacionadas ao problema e análise dos dados para que estimulem melhor entendimento do assunto em questão.

A pesquisa exploratória visa à descoberta, a idéia, a explicação. Permite explorar conteúdos por pesquisas tecnológicas, aprimorando conhecimentos sobre o assunto e assim enriquecendo sua pesquisa.

2.5-Sujeitos da Pesquisa

Segundo a OMS, adolescente é com faixa etária de 10 a 19 anos, caracterizado por período de mudanças, principalmente biológicas(período da puberdade). E por ser o período das primeiras experiências sexuais.

Então de acordo com os objetivos do estudo, a população abordada corresponde a 200 adolescentes, escolhidos de forma aleatória, estudantes de ambos os sexos, freqüentadores da 7º e 8º ano do ensino fundamental das séries finais, dos turnos matutino e vespertino. Sendo que o 7º ano inicia o assunto relacionado ao corpo humano, e no 8º ano, a disciplina de ciências aborda o corpo humano, seus órgãos e funções, conforme o programa curricular.

E uma amostra aleatória de 10 profissionais da área da educação (professores de diversas áreas entre elas geografia, ciências, português,...) atuantes no ambiente escolar das escolas em questão.

2.6-Instrumentos de Coleta de Dados

2.6.1-Questionário

Optou-se pelo questionário uniformizado, pois, de acordo com Laville e Dionne (1999):

A uniformização assegura que cada pessoa veja as questões formuladas da mesma maneira, na mesma ordem e acompanhadas da mesma opção de respostas, o que facilita a compilação e a comparação das respostas escolhidas e permite recorrer ao aparelho estatístico quando chega o momento da análise.

O questionário é um instrumento de coleta de dados, onde é formado por uma sequência de questões, onde deve ser respondida sem a presença do pesquisador, com auto preenchimento, voluntário e anônimo, que tem o intuito de levantar dados, opiniões sobre o assunto proposto (GerhardteSilveira, 2009). O questionário utilizado é de autoria da Dr^a Kátia Valladares, a mesma consentiu a utilização desta ferramenta para adquirir informações para o estudo (anexo 3).

Além disso, foi realizado um Pré-teste com o questionário, no qual constava perguntas de abordagem quantitativa (questões objetivas) e qualitativa (respostas livres) para obtenção de dados específicos que respondesse a questão estudada.

Devido o sujeito da pesquisa serem os adolescentes, menores de idade, foi enviado uma autorização aos pais ou responsáveis, para autorizarem seus filhos(as) a participar da pesquisa, respondendo o questionário. Assim que o responsável assinou o documento, consentiu o aluno a responder o questionário (anexo 2).

Porém na escola do interior EMEF “Eloy Miranda”, foi aplicado o consentimento com sucesso até chegar ao total da amostra, já na escola EMEF “Julite Miranda Freitas”, o diretor não aceitou enviar a autorização aos pais, ele preferiu que fosse aplicado os questionários de uma vez, pois alguns pais não entenderiam esse consentimento, sendo o diretor responsável pelos alunos dentro da instituição, não havendo necessidade de nenhuma autorização.

Os questionários foram aplicados em 200 alunos, 100 alunos da escola municipal de Fundão e 100 alunos do município da Serra. O questionário é uma ferramenta que segue de perto as respostas desejadas para as questões problematizadas na investigação.

2.6.2-GRUPO FOCAL

Morgan (1997) define grupos focais como um método de coleta de dados, em que as pessoas se interagem ao se discutir um tema específico levantado pelo pesquisador.

O grupo focal se constitui com pequenos grupos homogêneos, com níveis socioeconômicos e culturais semelhantes, que tem o intuito de obter informações de um determinado tópico em questão, que é argumentado por todos os participantes (RESSEL *et al*, 2008),

Assim conforme Gondim (2003, p. 151) “[...] o moderador de um grupo focal assume uma posição de facilitador do processo de discussão, e sua ênfase está nos processos psicossociais que emergem, ou seja, no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema”.

Através das interações grupais o pesquisador pode extrair opiniões dos componentes a cerca de determinado assunto, por meio de uma questão levantada, observação e por uma escuta atenta as declarações. Este método é conhecido por o pesquisador ter a oportunidade de ouvir opiniões de várias pessoas ao mesmo tempo, observando as características e expressões de cada um sobre determinado tema, sem precisar se envolver nas discussões.

De acordo com Gondim (2003, p. 154) o pesquisador deve “limitar suas intenções e permitir que a discussão flua, só intervindo para introduzir novas questões e para facilitar o processo em curso”.

Nesta etapa da pesquisa, o grupo focal deve ser formado com 4 a 10 integrantes, não mais que isso, pois dificulta o controle do pesquisador, podendo criar alguns conflitos. Com número menor de integrantes, todos têm a oportunidade de se manifestar, participando das discussões.

Com isso, no dia 10 de novembro de 2015, foi formado o grupo focal com 10 professores de disciplinas variadas, sendo 5 professores da escola EMEF “Julite Miranda Freitas”, da metrópole, e 5 professores da escola EMEF “Eloy Miranda”, situada no interior, onde todos se encontraram em um local de fácil acesso a todos, fora do horário de expediente.

Considerando um grupo de dez profissionais envolvidos no processo desta pesquisa, entre eles, professora de ciências, português, matemática, artes, inglês, geografia e História, das duas escolas em questão, discorreram sobre o tema apresentado por meio de uma discussão gravada em vídeo e áudio com uma duração média de 3 horas. E sucessivamente transcritos para uma análise rigorosa.

Iniciando as discussões o pesquisador abordou algumas regras iniciais para facilitar a percussão do processo, regras das quais foi baseada no autor Gondim (2003, p.154), discorre que só uma pessoa deve falar de uma vez, deve-se evitar discussões paralelas para que todos possam participar, ninguém pode dominar a discussão e todos devem falar o que pensam sobre o assunto. O moderador com suas perguntas já elaboradas, com questões semiestruturadas, iniciou assumindo seu papel de facilitador do processo de discussão, que de acordo com Morgan (1997) é um jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema, e os entrevistados de um grupo pretendem ouvir a opinião de cada um e comparar suas respostas.

Os participantes demonstraram satisfação em participar e elucidar suas concepções, foi um momento de descontração, onde o pesquisador teve a função de aplicar a entrevista em grupo, sempre atento as respostas e sinais observados no momento.

Segundo Lervolino e Pelicioni (2001) o grupo focal

...pode ser considerado uma espécie de entrevista de grupo, embora não no sentido de ser um processo onde se alternam perguntas do pesquisador e respostas dos participantes. (...) os dados colhidos com a utilização da metodologia de grupo focal são de natureza qualitativa. Isto implica na necessidade de analisar os dados também de forma qualitativa, ou seja, não há tratamento estatístico envolvido, mas um conjunto de procedimentos que visam organizar os dados de modo que eles revelem, com a máxima objetividade e isenção possível, como os grupos em questão percebem e se relacionam com o foco do estudo em pauta.

O grupo focal é um método de coleta e análise de dados. Lervolino e Pelicione (2001, p.119) "... é um procedimento habitual de pesquisa qualitativa refletir e analisar resultados parciais, visando adequar melhor os procedimentos de coleta de dados aos objetivos da pesquisa".

2.6.3- Entrevista

A entrevista semi estruturada é uma forma de adquirir dados, onde é realizado um diálogo focado no objetivo, podendo ser ajustável ao ambiente. "A flexibilidade adquirida se traduz por uma perda da uniformidade, que atinge agora tanto as perguntas quanto as respostas" (LAVILLE, 1999, p.188).

É necessária uma programação, um roteiro para que todas as questões a serem pesquisadas estejam abordadas na entrevista.

Conforme Lakatos e Marconi (2003):

O pesquisador deve entrar em contato com o informante e estabelecer, desde o primeiro momento, uma conversação amistosa, explicando a finalidade da pesquisa, seu objeto, relevância e ressaltar a necessidade de sua colaboração. É importante obter e manter a confiança do entrevistado, assegurando-lhe o caráter confidencial de suas informações. Criar um ambiente que estimule e que leve o entrevistado a ficar à vontade e a falar espontânea e naturalmente, sem tolhimentos de qualquer ordem. A conversa deve ser mantida numa atmosfera de cordialidade e de amizade (raport).

As perguntas devem ser feitas de acordo com o tipo da entrevista: padronizadas, obedecendo ao roteiro ou formulário pré-estabelecido, não padronizadas, deixando o informante falar à vontade e, depois, ajudá-lo com outras perguntas, entrando em maiores detalhes. Para não confundir o entrevistado, deve-se fazer uma pergunta de cada vez e, primeiro, as que não tenham probabilidade de ser recusadas. Deve-se permitir ao informante restringir ou limitar suas informações. Toda pergunta que sugira resposta deve ser evitada.

As respostas, se possível, devem ser anotadas no momento da entrevista, para maior fidelidade e veracidade das informações. O uso do gravador é ideal, se o informante concordar com a sua utilização. A anotação posterior apresenta duas inconveniências: falha de memória e/ou distorção do fato, quando não se guardam todos os elementos. O registro deve ser feito com as mesmas palavras que o

entrevistado usar, evitando-se resumi-las. Outra preocupação é manter o entrevistador atento em relação aos erros, devendo-se conferir as respostas, sempre que puder. Se possível, anotar gestos, atitudes e inflexões de voz. Ter em mãos todo o material necessário para registrar as informações (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 199 e 200).

A entrevista aplicada foram semiestruturadas, com perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem, onde todos entrevistados estavam presentes, e, através de uma conversa orientada, por intermédio de uma gravação de vídeo e áudio, foram recolhidos dados para a presente pesquisa. Ouvindo opiniões, dando ênfase ao que o professor entrevistado tinha a dizer sobre as questões dispostas, dando tempo para cada entrevistado expor seu ponto de vista sobre cada item mencionado.

2.6.4-Técnicas de análise de dados Quantitativa

Uma vez que a variância envolve a soma de quadrados, a unidade em que se exprime não é a mesma que a dos dados. Assim, para obter uma medida da variabilidade ou dispersão com as mesmas unidades que os dados, tomamos a raiz quadrada da variância e obtemos o desvio padrão. O desvio padrão é uma medida que só pode assumir valores não negativos e quanto maior for, maior será a dispersão dos dados.

As chamadas medidas de tendência central fornecem um resumo parcial das informações de um conjunto de dados. É, de fato, necessário que haja uma medida de variação aparente, para que seja possível, por exemplo, comparar conjuntos diferentes de valores.

A medida que contempla os aspectos apresentados e que é mais utilizada é a Variância. A variância é normalmente representada por dois símbolos: σ^2 (letra grega sigma) para população e s^2 para uma amostra.

A variância é, portanto, uma medida que expressa um desvio quadrático médio. A unidade da variância é, por definição, o quadrado dos dados originais. Ex: para dados expressos em centímetros a variância será expressa em centímetros quadrados.

Levando-se em consideração de que a média é a medida de localização mais importante, será relativamente a ela, que será definida a principal medida de dispersão - a variância, apresentada a seguir.

Define-se, então, a variância, como sendo a medida que se obtém somando os quadrados dos desvios das observações da amostra, relativamente à sua média, e dividindo pelo número de observações da amostra menos um. (um autor de estatística descritiva)

$$\sigma^2 = \frac{\sum (x - \bar{x})^2}{N}$$

Onde, x = frequência, $\bar{x}$ = média e N = totalidade da série

Sendo a variância uma medida que expressa um desvio quadrático médio, esta pode causar alguns problemas de interpretação. Por esta, razão, para evitar isto, utilizou-se nesta pesquisa o dispositivo do *desvio padrão*, que é definido como a raiz quadrada positiva da variância. Isto é realizado, para que a medida de variabilidade expressa seja na mesma unidade dos valores do conjunto de dados. O desvio padrão é calculado através da seguinte fórmula:

Um aspecto importante no estudo descritivo de um conjunto de dados, é o da determinação da variabilidade ou dispersão desses dados, relativamente à medida de localização do centro da amostra.

$$s = \sqrt{\frac{\sum (x - \bar{x})^2}{n - 1}}$$

Algumas propriedades do desvio padrão, que resultam imediatamente da definição, são: o desvio padrão será maior, quanta mais variabilidade houver entre os dados.

2.6.5 - Técnica de análise de dados qualitativa - Análise de conteúdo

A técnica de análise de conteúdo é muito utilizada para interpretações de conteúdos explícitos num determinado texto. Podendo ser quantitativa e qualitativa. “A análise de conteúdo tem como sinônimo a análise de texto” (CAREGNATO e MUTTI, 2006).

Esse método não é rígido, está aberto a imaginação. Ele enfoca o conteúdo, sendo ele jornais, textos de pesquisas, transcrições de entrevistas. Bardin (1979), coloca a análise de conteúdo como, “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

A análise de conteúdo conforme Bardin (1979) é a transição dos dados brutos para dados estruturados, descrevendo com rigor e honestidade o desempenho das respostas fornecidas através de um estímulo fornecido.

2.7- Aspectos legais –Declaração de Helsínquia

Todo projeto que se propõe a trabalhar com seres humanos, direta ou indiretamente, apresenta ligações éticas que assegurem confidencialidade e privacidade dos indivíduos pesquisados, garantindo assim imagem e respeitando seus valores.

Deste modo a declaração de Helsínquia, criada desde 1964 pela Associação Médica Mundial (AMM), tem um importante papel na abrangência de princípios éticos em pesquisas envolvendo seres humanos.

Esta Declaração de Helsínquia da Associação Médica Mundial apresenta Princípios Éticos para a Investigação Médica em Seres Humanos:

5 Todo projeto de pesquisa biomédica que envolve seres humanos deve ser precedido por uma avaliação cuidadosa dos riscos previsíveis e dos possíveis benefícios, tanto para o indivíduo submetido à experimentação como para os outros. Os interesses do indivíduo devem prevalecer sobre os interesses da ciência e da sociedade.

6 Deve ser sempre respeitado o direito do indivíduo submetido à pesquisa em preservar a sua integridade. Devem ser tomadas todas as precauções para respeitar a privacidade do indivíduo e minimizar o dano que a pesquisa possa causar à sua integridade física e mental e à sua personalidade.

11 No caso de incompetência legal, o consentimento informado deve ser dado pelo responsável, estabelecido segundo a legislação do país. Se a capacidade física e mental tornar impossível obter consentimento informado ou se o participante for menor de idade, a permissão dada por um parente responsável substitui a do participante, de acordo com a legislação de cada país. Sempre que a criança for de fato capaz de dar seu consentimento, este deve ser obtido em acréscimo àquele fornecido pelo seu guardião legal.

Privacidade e confidencialidade

24. Devem ser tomadas todas as precauções para proteger a privacidade de cada sujeito de investigação e a confidencialidade dos seus dados pessoais.

Consentimento informado

25. A participação de pessoas capazes de dar consentimento informado para serem participantes sujeitos de investigação médica tem de ser voluntária. Embora possa ser apropriado consultar membros da família ou líderes comunitários, nenhuma pessoa capaz deve ser selecionada para um projeto de investigação sem que livremente o aceite.

26. Na investigação médica em seres humanos capazes de consentir, cada potencial sujeito tem de ser informado adequadamente das finalidades, métodos, fontes de financiamento e possíveis conflitos de interesse, ligações institucionais do investigador, benefícios expectáveis, potenciais riscos do estudo e incómodos que lhe possam estar associados, ajudas após o estudo, bem como outros aspetos relevantes do estudo. O potencial participante tem de ser informado do direito a recusar-se a participar no estudo ou de, em qualquer altura, revogar o consentimento de participar sem represálias. Deve ser dada atenção especial às exigências específicas de informação de certos potenciais participantes assim como aos métodos usados para prestar a informação. Após assegurar-se de que o potencial participante compreendeu a

informação, o médico ou outro profissional qualificado deve então obter o consentimento livre e informado do potencial participante, preferencialmente por escrito. Se o consentimento não pode ser feito por escrito, o consentimento verbal tem de ser formalmente documentado e testemunhado.

Deve ser dada a todos os participantes em investigações médicas a opção de serem informados dos efeitos gerais e resultados do estudo.

36. Os investigadores, autores, promotores, revisores e editores têm, todos, obrigações éticas quanto à publicação e disseminação dos resultados da investigação. Os investigadores têm o dever de colocar os resultados das suas investigações em seres humanos publicamente acessíveis e são responsáveis pela exatidão e pela completitude dos seus relatórios. Todos devem acatar normas de orientação em vigor sobre relatórios éticos. Devem ser publicados, ou pelo menos tornados publicamente disponíveis, não só os resultados positivos mas também os negativos ou inconclusivos.

As fontes de financiamento, as ligações institucionais e os conflitos de interesse devem ser declarados quando da publicação. Os relatórios da investigação que não estejam conformes com os princípios desta Declaração não devem ser aceites para publicação (Brasil, versão de outubro de 2013).

Desta maneira os adolescentes participantes deste estudo por serem menor de idade, utilizaram um termo de consentimento. Considerando que os responsáveis ao assinarem, autorizavam seus filhos a participarem da pesquisa respondendo um questionário para obtenção de dados para implementação deste trabalho.

CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

O presente capítulo apresentará os resultados da investigação. A análise dos dados será feita por parâmetros estatístico, tendo como referência Lakatos e Marconi (2007), Brasileiro (2013), Laville e Dionne (1999), Gil (2008).

3.1-Análise Quantitativa da Pesquisa

A análise quantitativa dos dados da pesquisa teve como conhecimento alguns passos como: estabelecimento de categorias; codificação e tabulação de dados, e análise estatística dos dados.

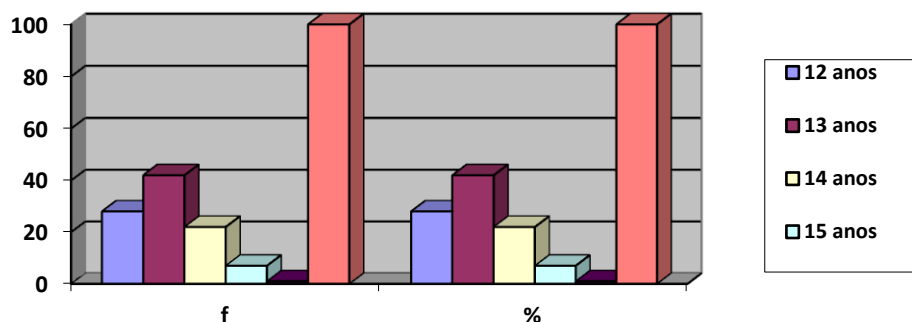
Foi utilizado como método de pesquisa para os alunos, os questionários. Foram 200 alunos submetidos a responder esse questionário, sendo 100 alunos dos turnos matutino e vespertino da escola municipal EMEF “Julite Miranda Freitas” e 100 alunos da escola EMEF “Eloy Miranda”. Após aplicação dos questionários, eles foram tabulados para melhor interpretação.

A primeira escola a ser realizada os questionários foi a EMEF “Julite Miranda Freitas”, onde 100 alunos participaram.

Tabela 1 - Idade dos respondentes da escola EMEF “Julite Miranda Freitas”

Idade dos respondentes	f	%
12 anos	28	28
13 anos	42	42
14 anos	22	22
15 anos	7	7
Não respondeu	1	1
Total	100	100

Fonte: Elaboração do autor



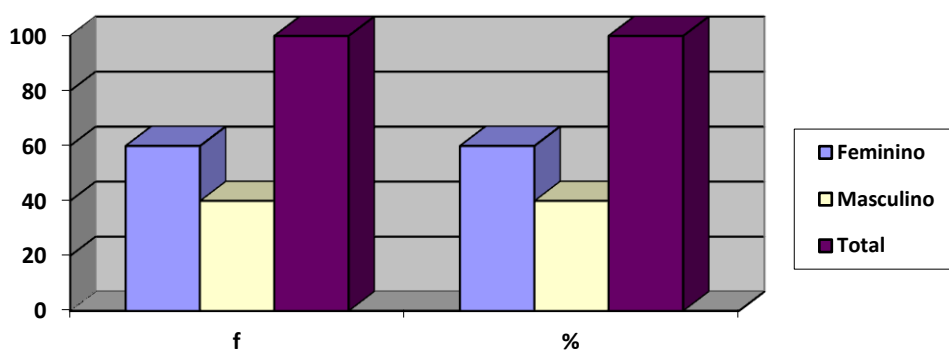
Fonte: Elaboração do autor

Dos 100 alunos que responderam o questionário da escola EMEF “Julite Miranda Freitas”, predominou-se uma faixa etária de 12 – 15 anos, sendo que a maioria foi numa faixa etária de 13 anos, atingindo 42% dos alunos.

Tabela 2-Gênero dos respondentes da escola EMEF “Julite Miranda Freitas”

Gênero dos respondentes	f	%
Feminino	60	60
Masculino	40	40
Total	100	100

Fonte: Elaboração do autor

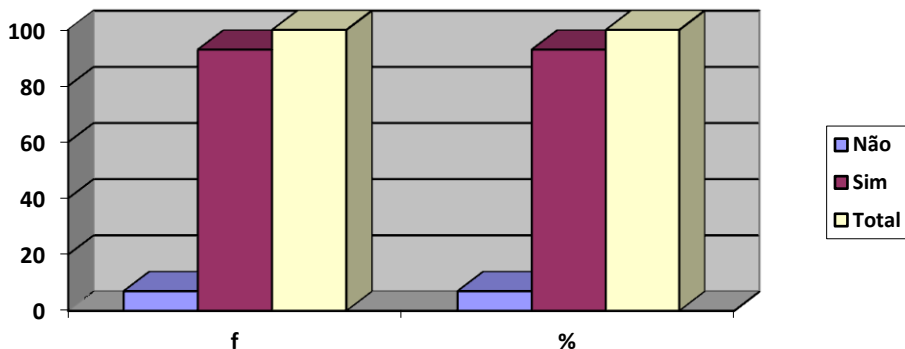


Fonte: Elaboração do autor

A maioria dos alunos que responderam, o questionário é do sexo feminino, atingindo 60% dos alunos.

Tabela 3-Os respondentes sabem o que é sexualidade da escola EMEF “Julite Miranda Freitas”

Os respondentes sabem o que é sexualidade	f	%
Não	7	7
Sim	93	93
Total	100	100



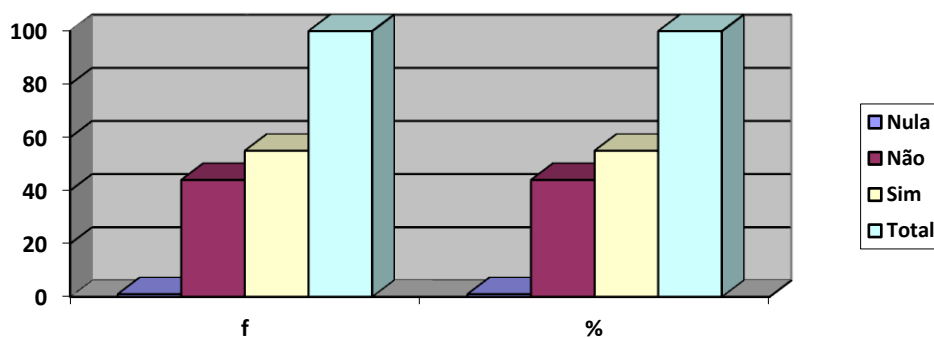
Fonte: Elaboração do autor

A pesquisa realizada na escola EMEF “Julite Miranda Freitas”, 93% dos adolescentes que responderam o questionário sabem os assuntos que envolvem a sexualidade e 55% destes, se consideram bem informados acerca da sexualidade.

Tabela 4-Os respondentes se consideram informados sobre sexualidade EMEF “Julite Miranda Freitas”

Os respondentes se consideram informados sobre sexualidade	f	%
Sim	55	55
Não	44	44
Nula	1	1
Total	100	100

Fonte: Elaboração do autor



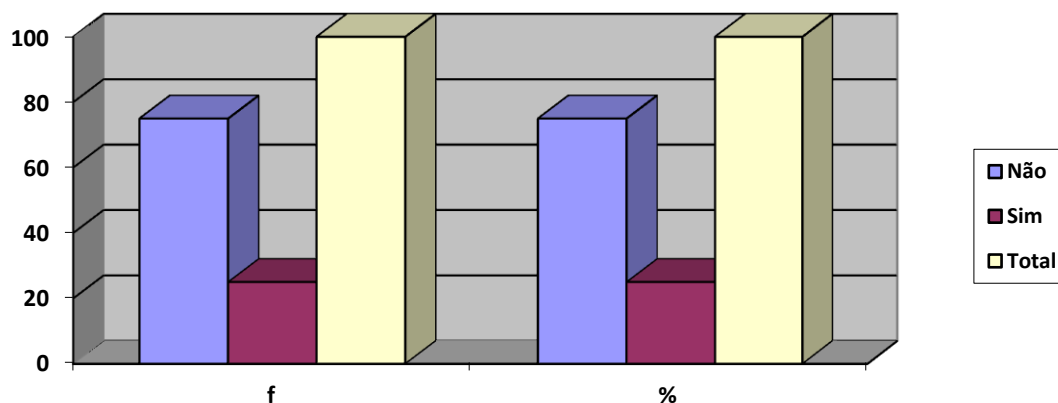
Fonte: Elaboração do autor

Verificou-se que 44% dos adolescentes não se consideram bem informados, necessitando de aprimoramentos.

Tabela 5-Os respondentes conversam sobre sexo com seus professores EMEF “Julite Miranda Freitas”

Os respondentes conversam sobre sexo com seus professores	f	%
Não	75	75
Sim	25	25
Total	100	100

Fonte: Elaboração do autor



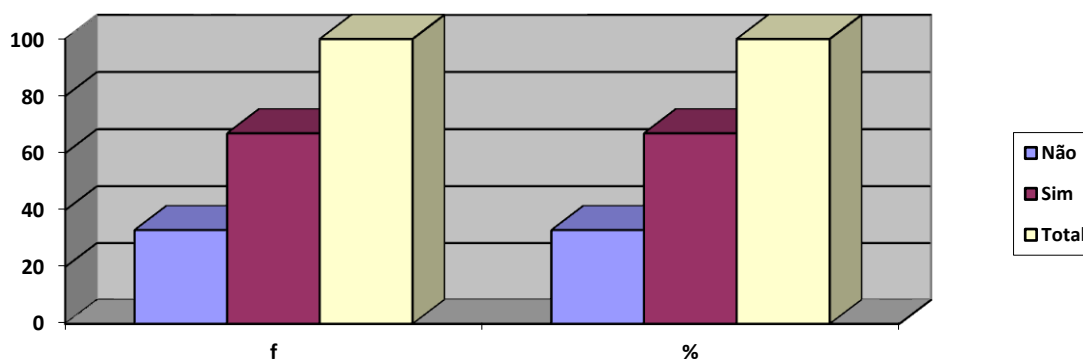
Fonte: Elaboração do autor

Dos adolescentes que responderam o questionário, 25% dos alunos conversam sobre sexo com seus professores, enquanto 75% não o faz, apesar de os dois grupos acharem importante falar da “sexualidade” na escola.

Tabela 6-É importante abordar o assunto sexualidade em ambiente escolar EMEF “Julite Miranda Freitas”

Os respondentes consideram importante abordar o assunto sobre sexualidade em ambiente escolar		
	f	%
Não	33	33
Sim	67	67
Total	100	100

Fonte: Elaboração do autor



Fonte: Elaboração do autor

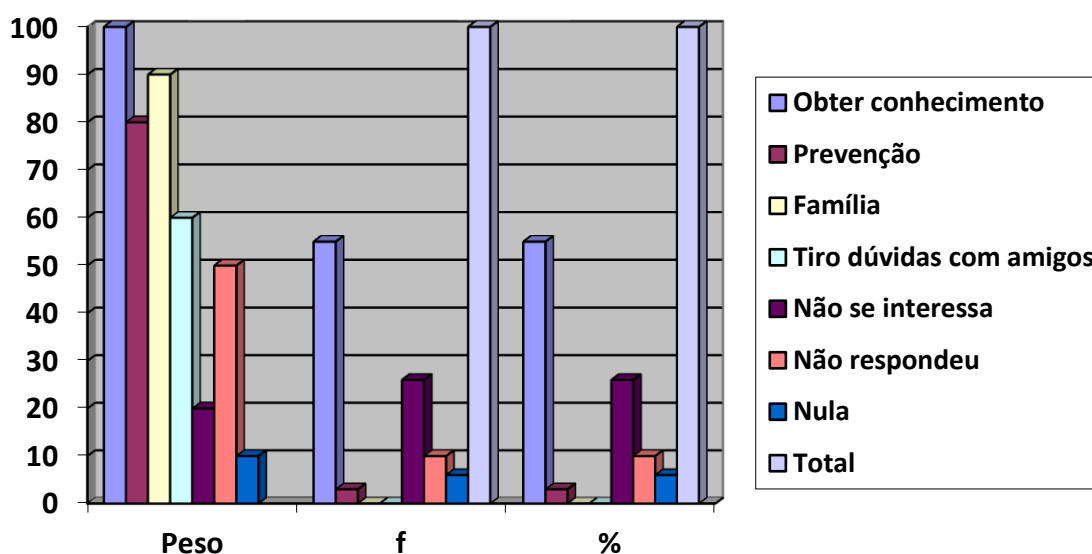
A maioria dos adolescentes consideram importante falar desse assunto na escola, porem 33% dos adolescentes acham que conversar sobre sexualidade na escola é muito complicado, pois a timidez atrapalha e alguns acham melhor conversar sobre este assunto em casa com a família, possuem mais liberdade. Já outros se

consideram bem informados, será de onde vem essa informação? Da família, mídia, entre outros.

Tabela 7- Porque é importante abordar o assunto sobre sexualidade na escola EMEF “Julite Miranda Freitas”

Porque é importante abordar o assunto sobre sexualidade na escola, para o respondente	Peso	f	%
Obter conhecimento	100	55	55
Prevenção	80	3	3
Família	90	0	0
Tiro dúvidas com amigos	60	0	0
Não se interessa	20	26	26
Não respondeu	50	10	10
Nula	10	6	6
Total		100	100

Fonte: Elaboração do autor



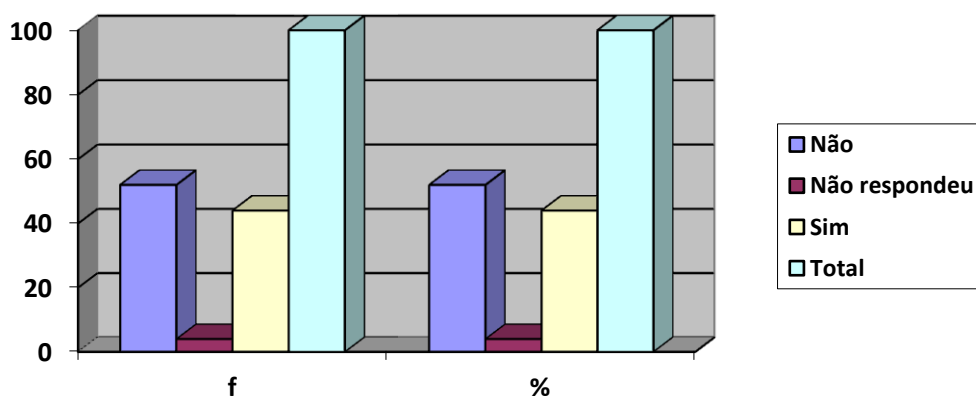
Fonte: Elaboração do autor

Os 67% dos adolescentes que consideram importante falar sobre sexualidade na escola, 55% declaram que falar sobre este assunto é uma forma de aprimorar seus conhecimentos, retirar dúvidas, que alguns não têm liberdade de conversar com o familiar abertamente. Porém 26% dizem não se interessar por comentar sobre este assunto. Eles se consideram com conhecimento o suficiente sobre esse assunto ou não gosta mesmo de falar sobre essa temática?

Tabela 8-A escola aborda o tema da educação sexual com os alunos EMEF “Julite Miranda Freitas”

Na escola tem aulas de educação sexual ou informação sobre o tema para os alunos		
	f	%
Não	52	52
Sim	44	44
Não respondeu	4	4
Total	100	100

Fonte: Elaboração do autor



Fonte:

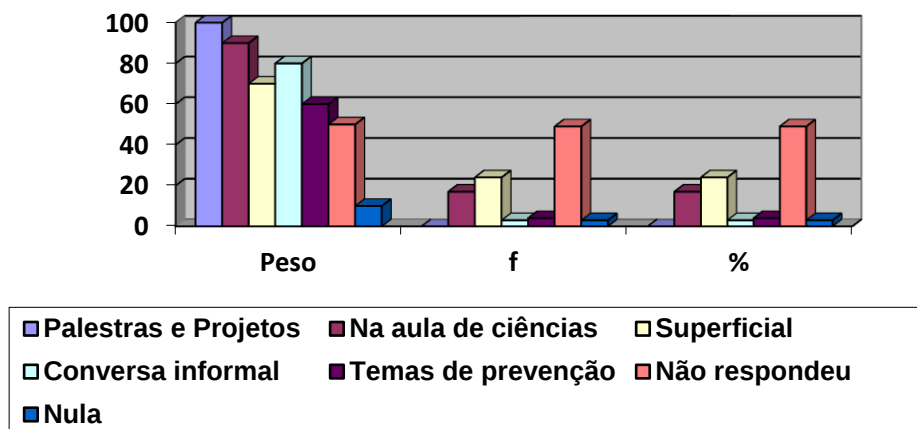
Elaboração do autor

Conforme mostra a tabela 8, muitos adolescentes relatam que o tema educação sexual não é abordado com os alunos na escola, porém 44%dizem que é falado sobre este assunto, forma superficial, não articulando todos os assuntos que eles consideram importante. Quando é falado, na maioria das vezes, alternância se dá como conteúdo programático, nas aulas de ciências.

Tabela 9-Como é abordado educação sexual na escola EMEF “Julite Miranda Freitas”

Como é abordado educação sexual na escola	Peso	f	%
Palestras e Projetos	100	0	0
Na aula de ciências	90	17	17
Superficial	70	24	24
Conversa informal	80	3	3
Temas de prevenção	60	4	4
Não respondeu	50	49	49
Nula	10	3	3
Total		100	100

Fonte: Elaboração do autor



Fonte:

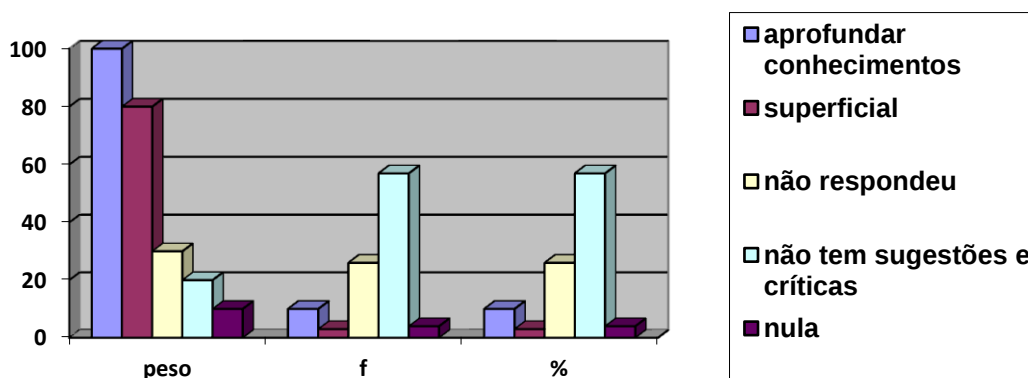
Elaboração do autor

A maioria dos alunos não respondeu a questão da tabela 9, talvez por não haver um debate sobre essa temática ou por não saber como deveria ser feita essa abordagem.

Tabela 10 - Críticas ou sugestões sobre como é ministrado educação sexual EMEF “Julite Miranda Freitas”

Os respondentes têm críticas ou sugestões sobre como é ministrado educação sexual na escola			
	peso	f	%
Aprofundar conhecimentos	100	10	10
Superficial	80	3	3
Não respondeu	30	26	26
Não tem sugestões e críticas	20	57	57
Nula	10	4	4
Total		100	100

Fonte: Elaboração do autor



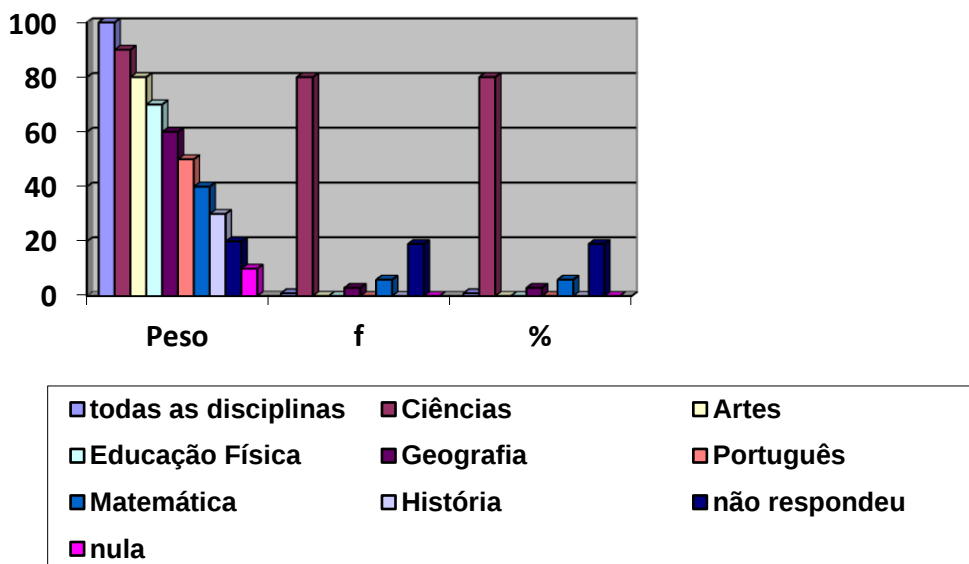
Fonte: Elaboração do autor

Dos adolescentes que responderam 60% não quiseram dar sugestões, só 10% solicitaram palestras sobre este assunto e o restante não quiseram responder ou preferiram ficar neutros, sem se manifestar. Também é muito difícil fazer críticas por algo que não ocorre, o próprio silêncio responde tudo.

Tabela 11-Quais as disciplinas abordam o tema sexualidade com mais frequência EMEF “Julite Miranda Freitas”

Quais disciplinas abordam sexualidade com mais frequência	Peso	f	%
Todas as disciplinas	100	1	1
Ciências	90	80	80
Artes	80	0	0
Educação Física	70	0	0
Geografia	60	3	3
Português	50	0	0
Matemática	40	6	6
História	30	0	0
Não respondeu	20	19	19
Nula	10	0	0
Total		100	100

Fonte: Elaboração do autor



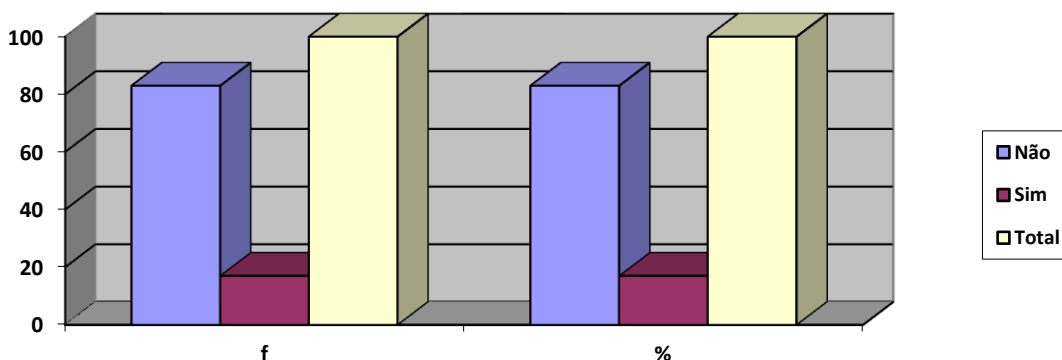
Fonte: Elaboração do autor

Dos 44% que falaram que a “Sexualidade” é abordada na escola, a maioria relata ser nas aulas de Ciências. Porém 19% preferiram não responder a questão

Tabela 12-Tentou conversar sobre sexo com seus professores e não o fez EMEF “Julite Miranda Freitas”

O respondente tentou conversar sobre sexo com professores e não o fez	f	%
Não	83	83
Sim	17	17
Total	100	100

Fonte: Elaboração do autor



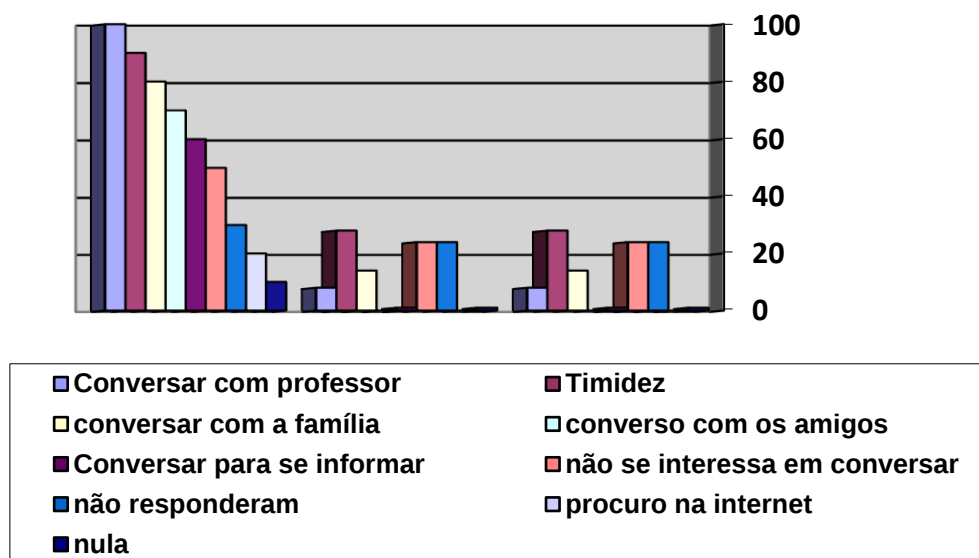
Fonte: Elaboração do autor

É notado que os alunos não têm liberdade ou confiança em conversar com o professor sobre sexualidade, pois 83% não abordam esse assunto com o mesmo.

Tabela 13-As razões para não conversar com os professores EMEF “Julite Miranda Freitas”

Razões pelas quais os respondentes não conversam com o professor	peso	f	%
Conversam com professor	100	8	8
Timidez	90	28	28
Conversar com a família	80	14	14
Converso com os amigos	70	0	0
Não se interessa em conversar	60	24	24
Opressão escolar	50	0	0
Não responderam	40	24	24
Procurou na internet	30	0	0
Nula	10	2	2
Total		100	100

Fonte: Elaboração do autor



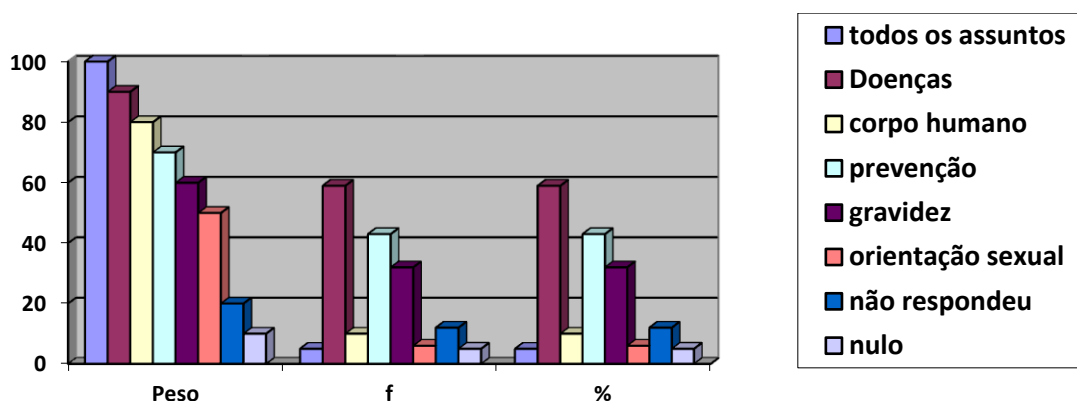
Fonte: Elaboração do autor

Das razões que dificulta a relação do aluno com o professor ao se falar de sexualidade, é a timidez, a vergonha, que é comum nessa faixa etária, ou a falta de oportunidade, preferem não conversar na frente dos colegas.

Tabela 14-Temas importantes para serem trabalhados na escola, envolvendo educação sexual EMEF “Julite Miranda Freitas”

Temas importantes para serem trabalhados na escola, envolvendo a educação sexual	Peso	f	%
Todos os assuntos	100	5	5
Doenças	90	59	59
Corpo humano	80	10	10
Prevenção	70	43	43
Gravidez	60	32	32
Orientação sexual	50	6	6
Não respondeu	20	12	12
Nulo	10	5	5

Fonte: Elaboração do autor



Fonte: Elaboração do autor

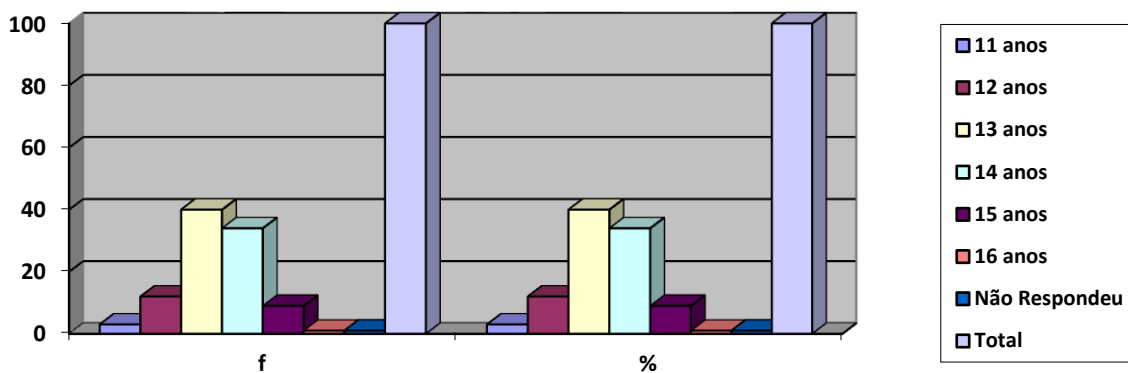
Na opinião da maioria dos alunos, eles gostariam que fosse falado em primordial sobre as doenças sexualmente transmissíveis, depois sobre a prevenção, gravidez, e assim por diante. Muitos dos alunos ficam calados, ou tiram suas dúvidas entre si, assim não podemos dizer que o nível de aprendizagem seja excelente, pois não se sabe da onde vêm essas informações. Mas se sabe de fato, que é importante falar de sexualidade, pois esse jovem está na escola e muitas vezes não sabe ou tem informação errada sobre essa temática.

Foram aplicados 100 questionários aos alunos da escola EMEF “Eloy Miranda”.

Tabela 15 -- Idade dos respondentes da escola EMEF “Eloy Miranda”

Idade dos respondentes	f	%
11 anos	3	3
12 anos	12	12
13 anos	40	40
14 anos	34	34
15 anos	9	9
16 anos	1	1
Não Respondeu	1	1
Total	100	100

Fonte: Elaboração do autor



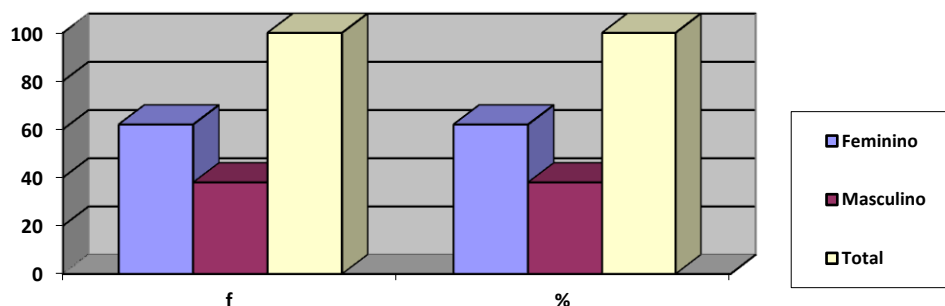
Fonte: Elaboração do autor

A idade dos respondentes teve uma variação maior. Dos 100 alunos que responderam o questionário na escola EMEF “Eloy Miranda”, onde a maioria foi de 13 a 14 anos.

Tabela 16-Gênero dos respondentes da escola EMEF “Eloy Miranda”

Gênero dos respondentes	f	%
Feminino	62	62
Masculino	38	38
Total	100	100

Fonte: Elaboração do autor



Fonte:

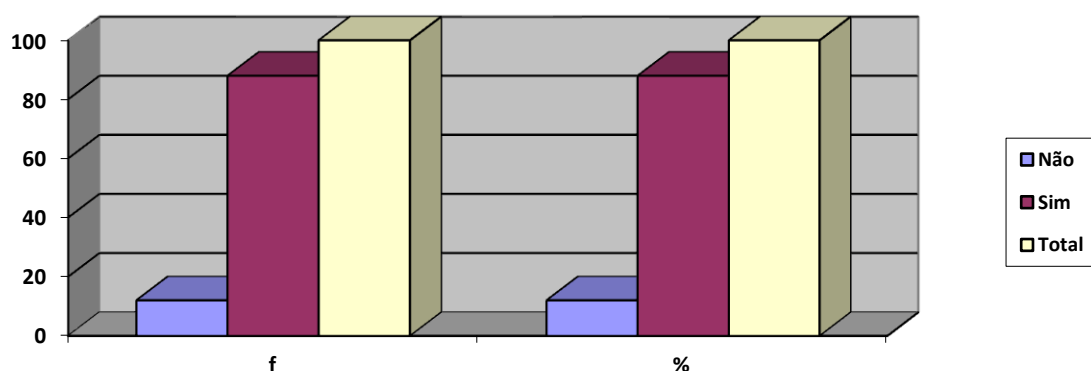
Elaboração do autor

Assim como na escola anterior, os respondentes eram a maioria do sexo feminino.

Tabela 17-Os respondentes sabem o que é sexualidade da escola EMEF “Eloy Miranda”

O respondente sabe o que é sexualidade	f	%
Não	12	12
Sim	88	88
Total	100	100

Fonte: Elaboração do autor



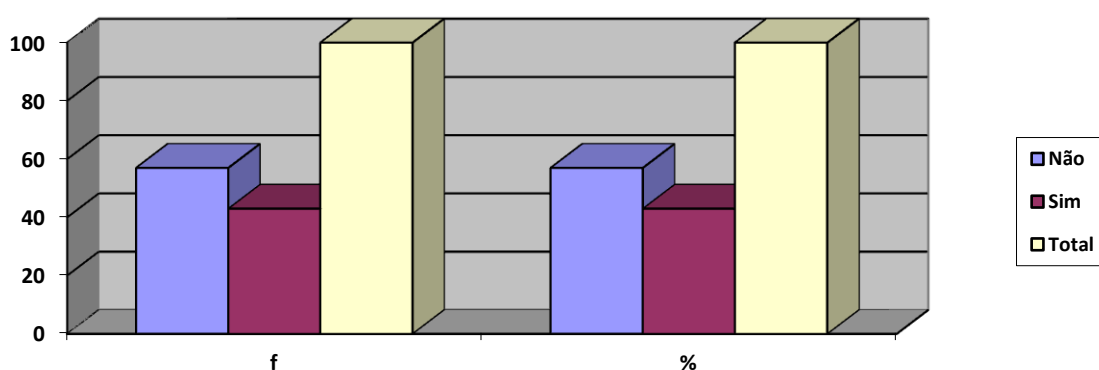
Fonte: Elaboração do autor

A maioria dos respondentes sabe o que é sexualidade, atingindo 88% dos alunos.

Tabela 18-Os respondentes se consideram informados sobre sexualidade EMEF “Eloy Miranda”

O respondente se considera informado sobre sexualidade	f	%
Não	57	57
Sim	43	43
Total	100	100

Fonte: Elaboração do autor



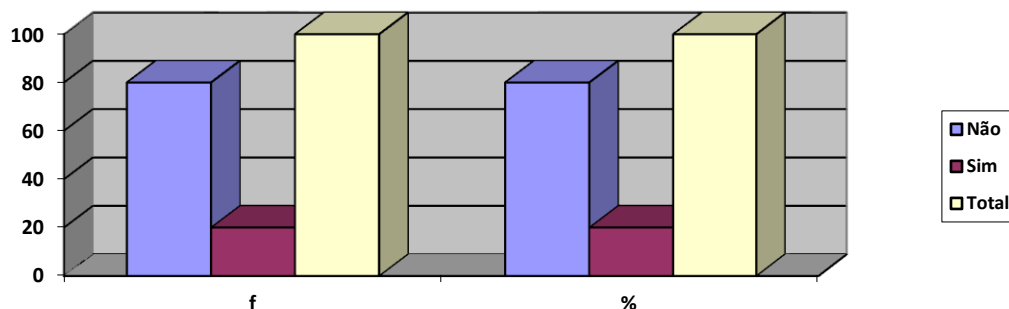
Fonte: Elaboração do autor

Verificou-se que as respostas dos respondentes ficaram próximas. Alguns não sabem sobre sexualidade e outros, se consideram bem informados sobre o assunto. Será que estão mesmo bem informados? Da onde conseguem essa informação?

Tabela 19-Os respondentes conversam sobre sexo com seus professores EMEF “Eloy Miranda”

Os respondentes conversam sobre sexo com professores (as)	f	%
Não	80	80
Sim	20	20
Total	100	100

Fonte: Elaboração do autor



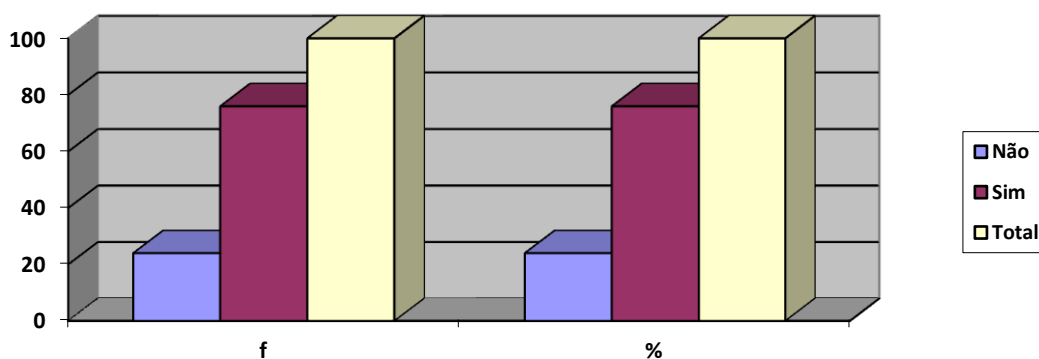
Fonte: Elaboração do autor

A maioria dos respondentes não conversa com seus professores sobre o assunto, porém muitos se acham bem informados. Então, como adquirir esta informação?

Tabela 20-É importante abordar o assunto sexualidade em ambiente escolar EMEF “Eloy Miranda”

O respondente considera importante abordar o tema sexualidade na escola	f	%
Não	24	24
Sim	76	76
Total	100	100

Fonte: Elaboração do autor



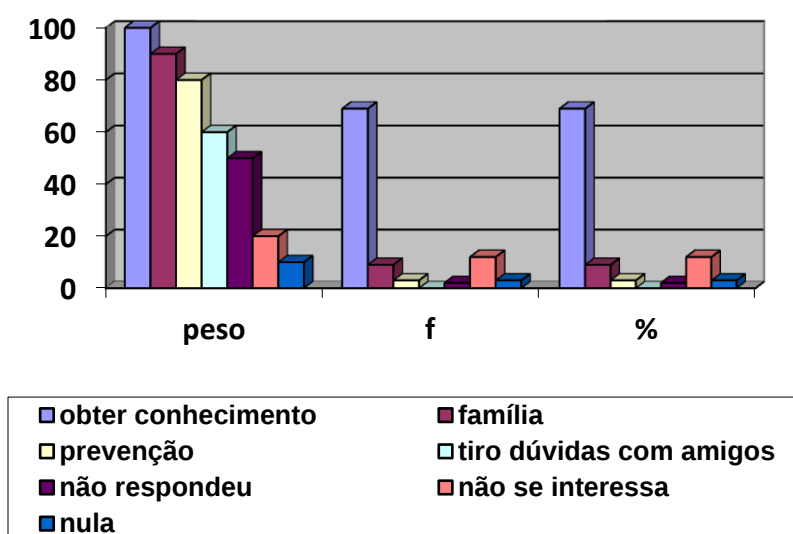
Fonte: Elaboração do autor

A maioria compreende que é importante falar deste assunto no ambiente escolar. Entretanto 24% responderam que não é importante, pois adquirem informações com seus familiares, colegas ou pela internet. Essa minoria acha que a escola é um lugar difícil para falar sobre sexualidade, pois os colegas “debocham” se alguém pergunta alguma coisa. E muitos têm vergonha e timidez em abordar esse tema.

Tabela 21 -Porque é importante abordar o assunto sobre sexualidade na escola EMEF “Eloy Miranda”

Por que se deve abordar sobre o tema sexualidade em escola	peso	f	%
Obter conhecimento	100	69	69
Família	90	9	9
Prevenção	80	3	3
Tiro dúvidas com amigos	60	0	0
Não respondeu	50	2	2
Não se interessa	20	12	12
Nula	10	3	3
Total		100	100

Fonte: Elaboração do autor



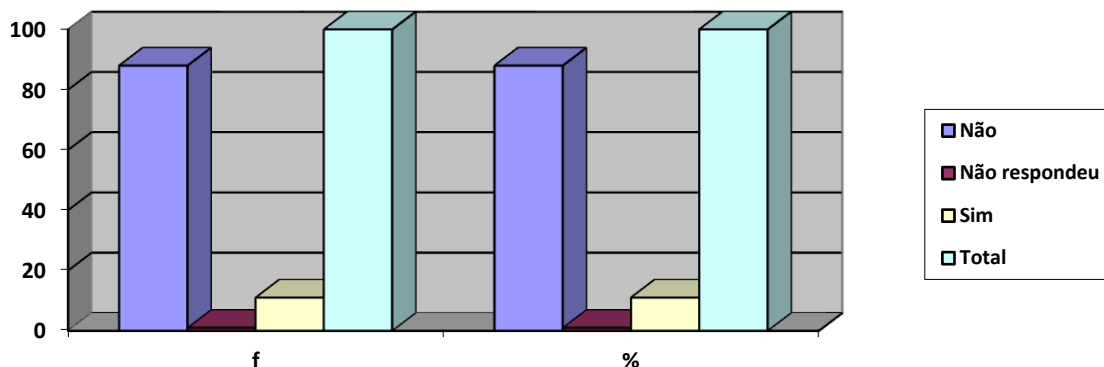
Fonte: Elaboração do autor

Dos 76% que dizem ser importante falar deste assunto no ambiente escolar, 69% relatam ser uma forma de adquirir conhecimento e informação para assim terem consciência dos seus atos.

Tabela 22 -A escola aborda o tema da educação sexual com os alunos EMEF “Eloy Miranda”

A escola oferece educação sexual aos respondentes	f	%
Não	88	88
Sim	11	11
Não respondeu	1	1
Total	100	100

Fonte: Elaboração do autor



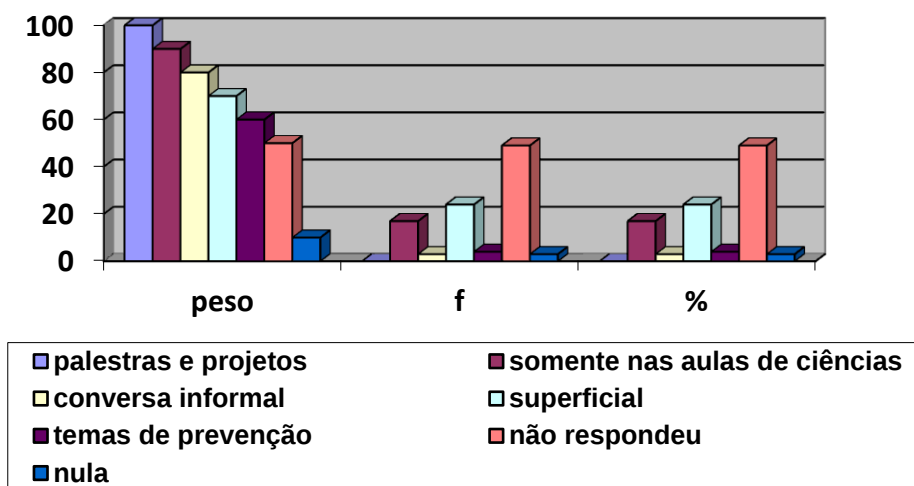
Fonte: Elaboração do autor

De acordo com a tabela 22, a maioria dos respondentes com 88% das respostas, conclui-se que a escola não fala deste tema. Por que a escola não fala deste assunto?

Tabela 23-Como é abordado educação sexual na escola EMEF “Eloy Miranda”

Como é abordado o tema da educação sexual na escola	peso	f	%
Palestras e projetos	100	0	0
Somente nas aulas de ciências	90	17	17
Conversa informal	80	3	3
Superficial	70	24	24
Temas de prevenção	60	4	4
Não respondeu	50	49	49
Nula	10	3	3
Total		100	100

Fonte: Elaboração do autor



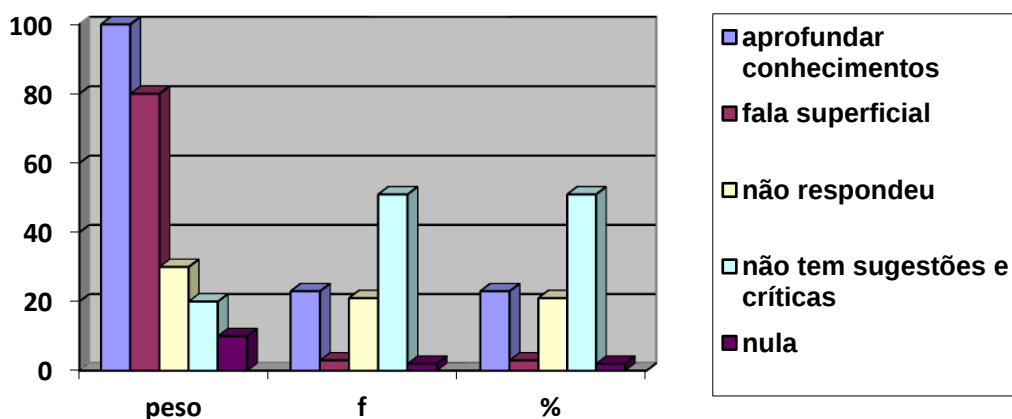
Fonte: Elaboração do autor

Dos que responderam o questionário, poucos relatam ser falado sobre sexualidade na escola, equivalendo a 11% dos alunos. Desta porcentagem, 79% não expõem como é abordada a educação sexual na escola.

Tabela 24 -Críticas ou sugestões sobre como é ministrado educação sexual EMEF “Eloy Miranda”

Quais as críticas e sugestões referentes ao trabalho	peso	f	%
Aprofundar conhecimentos	100	23	23
Fala superficial	80	3	3
Não respondeu	30	21	21
Não tem sugestões e críticas	20	51	51
Nula	10	2	2
Total		100	100

Fonte: Elaboração do autor



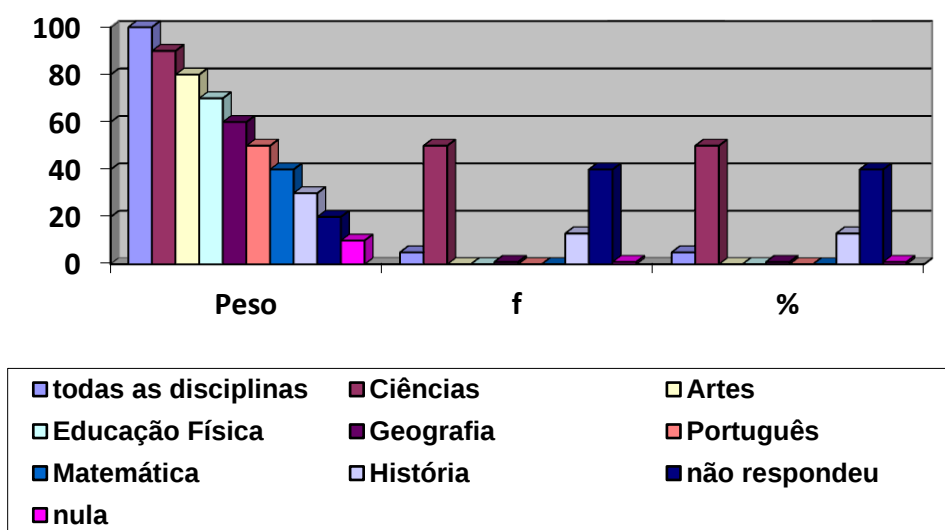
Fonte: Elaboração do autor

Os respondentes preferem não dar sugestão para abordar o tema educação sexual na escola, e os que se pronunciaram, totaliza 23% dos alunos, questionam palestras sobre o assunto.

Tabela 25-Quais as disciplinas abordam o tema sexualidade com mais frequência EMEF “Eloy Miranda”

Em qual matéria é abordado sobre educação sexual	Peso	f	%
Todas as disciplinas	100	5	5
Ciências	90	50	50
Artes	80	0	0
Educação Física	70	0	0
Geografia	60	1	1
Português	50	0	0
Matemática	40	0	0
História	30	13	13
Não respondeu	20	40	40
Nula	10	1	1
Total		100	100

Fonte: Elaboração do autor



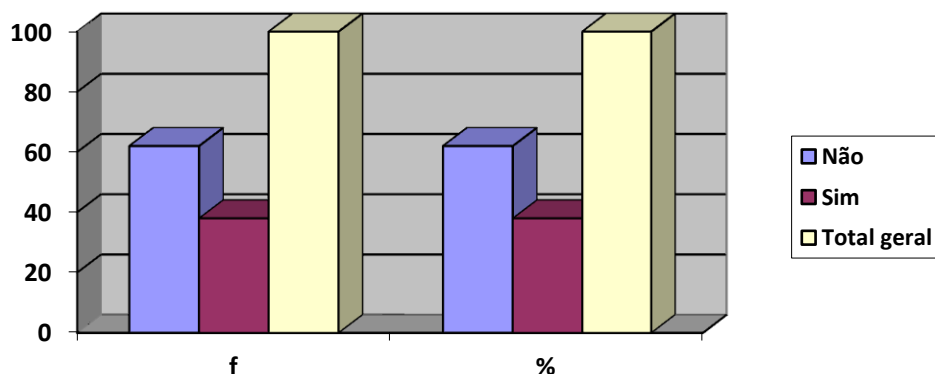
Fonte: Elaboração do autor

A maioria dos respondentes preferiu em se abster ao responder a seguinte questão, quais as disciplinas abordam o tema sexualidade com mais frequência? E aqueles que responderam totalizando 41%, relatam que este tema é falado na matéria de ciências.

Tabela 26 -Você já teve vontade de conversar sobre sexo com seus professores e não o fez EMEF “Eloy Miranda”

Os respondentes já tiveram vontade de conversar sobre sexo com professores (as) e não o fizeram		
	f	%
Não	62	62
Sim	38	38
Total geral	100	100

Fonte: Elaboração do autor



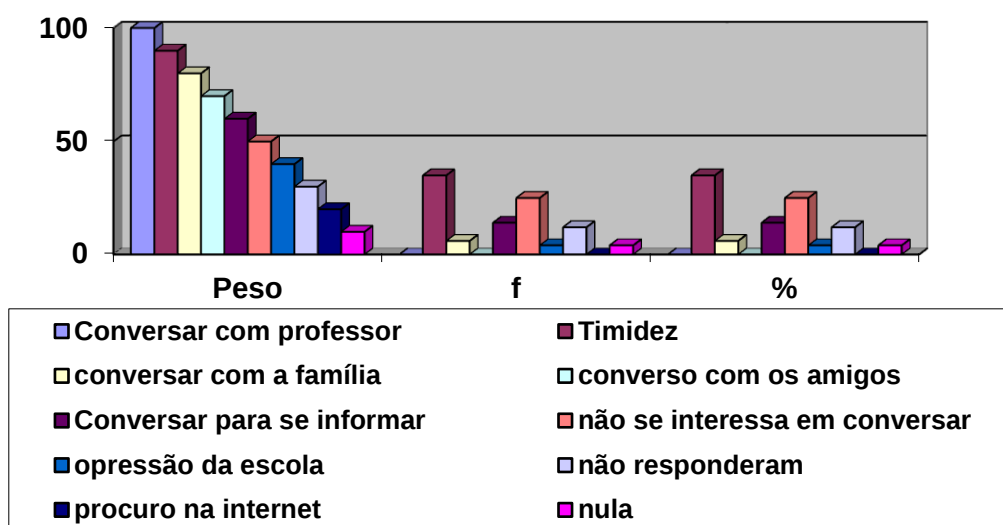
Fonte: Elaboração do autor

Observamos que os alunos não desfrutam de um bom relacionamento com seu professor, notamos que é significativa a dificuldade do respondente em conversar com seu professor. Esse diálogo pode ocorrer, se houver uma relação de confiança, amizade, receptividade do professor com o aluno.

Tabela 27 -As razões para não conversar com os professores EMEF “Eloy Miranda”

Por quê não conversaram sobre sexo com professores (as)	Peso	f	%
Conversam com professor	100	0	0
Timidez	90	35	35
Conversar com a família	80	6	6
Converso com os amigos	70	0	0
Não se interessa em conversar	60	25	25
Opressão da escola	50	4	4
Não responderam	40	12	12
Procuo na internet	30	0	0
Nula	10	18	18
Total		100	100

Fonte: Elaboração do autor



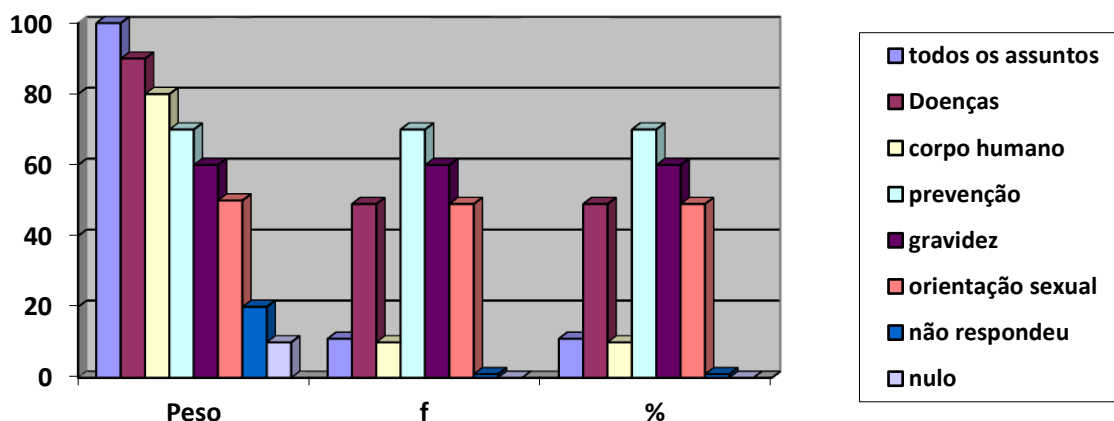
Fonte: Elaboração do autor

Os respondentes, em sua maioria, não conversam com seu professor sobre sexualidade devido sua vergonha, que é comum nesta faixa etária.

Tabela 28 -Temas importantes para serem trabalhados na escola, envolvendo educação sexual EMEF “Eloy Miranda”

Para os respondentes, quais os temas têm mais relevância na educação sexual na escola	Peso	f	%
todos os assuntos	100	11	11
Doenças	90	49	49
corpo humano	80	10	10
prevenção	70	70	70
gravidez	60	60	60
orientação sexual	50	49	49
não respondeu	20	1	1
nulo	10	0	0

Fonte: Elaboração do autor



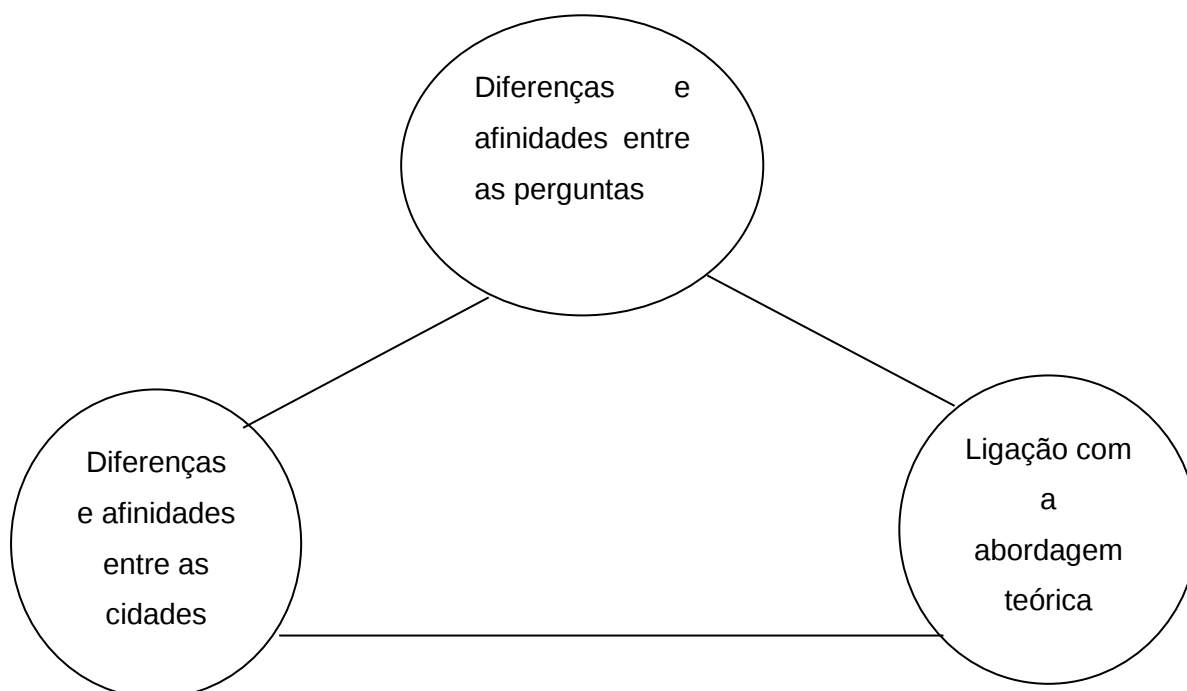
Fonte: Elaboração do autor

Na opinião dos alunos, a maioria preconizou como temas importantes a serem falados no ambiente escolar envolvendo a educação sexual, a prevenção, DSTs e orientação sexual. Deixando claro que muitos não sabem ou não entendem o que aborda a orientação sexual. Alguns fazem a ligação da orientação sexual com a educação sexual, e outros, conectam a opção sexual da pessoa. A minoria se interessa pelo corpo humano. O assunto já está incluso no currículo de ciências. Almejam por inovações e aprofundamento no tema.

CAPITULO IV: MODELO DE ANÁLISE EMPREGADO NA PESQUISA

O modelo de análise da pesquisa segue dois eixos importantes. O primeiro é o quadro relativamente das perguntas realizadas pelos alunos envolvendo as duas escolas, e o segundo, é a reflexão das discussões realizadas no grupo focal tendo em vista a abordagem vertente qualitativa desta pesquisa.

4.1 -Quadro Comparativo dos Cálculos das Variâncias e Desvio Padrão



4.1.1-Diferenças e afinidades entre as perguntas

As questões respondidas pelos alunos nas escolas EMEF “Julite Miranda Freitas” e EMEF “Eloy Miranda” dispuseram respostas diferentes e similares, respectivamente, as semelhanças prevaleceram nas respostas das perguntas.

As idades dos respondentes foram similares em ambas escolas, pois os sujeitos da pesquisa, freqüentam o 7º e 8º ano do ensino fundamental, que é o universo desta pesquisa, e nas duas escolas a maioria dos respondentes foram do sexo feminino.

Na escola do interior a média foi 50 e o desvio padrão 9,89 sofreu uma maior variância em relação à escola da cidade, no qual os alunos requisitam por mais informações sobre este tema.

Tanto na escola do interior como da metrópole, as respostas da pergunta relatam dispor de informação sobre a definição da sexualidade, no entanto, ocorre uma discordância na questão do julgamento das informações que o objeto de estudo adquire sobre a sexualidade.

Na questão sobre os alunos esclarecerem dúvidas com o professor, ocorre uma afinidade entre as respostas dos respondentes. O extrato da amostra apresenta que os alunos acham importante falar de sexualidade no ambiente escolar, todavia não conversam com seus professores sobre o assunto.

De acordo com o parâmetro amostral, os respondentes das escolas consideram importante abordar sobre a educação sexual no ambiente escolar, pois é uma forma de adquirir conhecimentos. Entretanto ocorre uma diferença nas respostas dos alunos em relação à introdução desse assunto com os mesmos, apesar da maioria das respostas dos alunos relatarem não existir informação sobre esse assunto no ambiente escolar, na escola do interior as respostas são muito significativas em relação à da cidade. A diferença é grande da média para o desvio padrão das duas cidades, principalmente no interior. Correspondendo a 88 pessoas do interior e 52 da cidade, alegam não ter informação sobre sexualidade no ambiente escolar.

O parâmetro amostral, revela que as questões 9 e 10, de ambas as escolas, a média e o desvio padrão apresentaram o mesmo valor, isso mostra que as escolas abordam o assunto predominantemente superficial e não possuem opiniões formadas de como deveria ser abordado este assunto, um número grande de respondentes não participou com críticas e sugestões para administrar a educação sexual com os mesmos.

O extrato amostral apresenta, que nas duas escolas necessariamente, quando é falado sobre o assunto, só é executado pela disciplina de ciências.

Quando perguntado se o aluno já tentou conversar com o professor sobre sexo e não o fez, todos os alunos seguiram pela mesma direção, poucos conversam com o professor, porém os alunos da capital abordam ainda menos este assunto com o professor.

Conforme os parâmetros amostrais da questão 13, as respostas mostram que as razões pelas quais os alunos não discutem sobre a temática com o professor na escola (desvio padrão fica abaixo da média) podem estar relacionadas a várias questões. No entanto, os alunos da capital têm mais iniciativa de conversar com a família do que os alunos do interior. Entretanto, as escolas apresentam afinidades importantes relacionadas aos temas que deveriam ser trabalhados no ambiente escolar, não necessariamente na mesma ordem.

4.1.2-Diferenças e afinidades entre as cidades

As escolas estão localizadas em regiões diferentes, a EMEF “Julite Miranda Freitas”, situada na região metropolitana da Grande Vitória ES, onde atende alunos de classe baixa. E a outra escola EMEF “Eloy Miranda”, situada no interior, no qual abriga alunos de várias classes sociais.

De acordo com as perguntas realizadas aos alunos, das duas escolas municipais, podemos perceber que os respondentes apresentam idades e gênero semelhantes, e ambas as escolas, os alunos se consideram devidamente informados sobre sexualidade.

Nas duas cidades estudadas, os alunos consideram importante falar da educação sexual no ambiente escolar, pois é uma forma de adquirir conhecimento, no entanto possuem grande dificuldade em conversar com os professores sobre esse assunto em razão da timidez.

A educação sexual não é abordada nas escolas, quando é falada, só nas aulas de ciências de forma bem superficial. Porém os alunos não sabem como mudar essa prática, necessitam aprimorar seus conhecimentos, como aprender sobre as DST, prevenção, gravidez, orientação sexual,...

Porém, na cidade do interior os alunos demandam por informações, não se consideram informados sobre sexualidade. A informação não está sendo dada, será por quê?

Cultura, religião, política, família, entre outros, são vários tópicos que englobam a deficiência do aluno em relação a temática. No interior as famílias estão mais presentes no processo da aprendizagem. A cultura da região inibe os professores e os alunos de conversarem sobre esse tema. A religião tem grande poder. As famílias freqüentam a igreja, participam de tarefas ecumênicas, daí vem a ideia do pudor e a proibição.

Os filhos se sentem retraídos em falar do assunto com os pais, e com os professores, por morarem em uma região onde todos se conhecem, os alunos se retraem com medo de conversar tão pouco sobre as questões de sexo com o professor e o familiar, que por questão religiosa, cultural e por afinidade, os alunos não conversam o que deveriam falar com os pais.

A política também é muito forte na região, o que reprime as pessoas em falar do assunto. A escola tão pouco entra nesse assunto, tanto que alguns alunos alegam não conversar com o professor sobre esse assunto por opressão da instituição de ensino.

Já na escola da metrópole, os alunos se consideram bem informados sobre sexualidade, porém solicitam por informações, a fim de aprimorar seus conhecimentos, por achar muito importante falar deste assunto no ambiente escolar.

No entanto não conversam sobre sexo com os professores, sendo poucos aqueles alunos que falam, assim mesmo, falam mais com o professor do que na escola do interior e gostam de falar com a família, ou por outros meios os quais essa informação foi adquirida. A cultura é diferente, a política, a religião por não é tão forte, neste caso elas se sentem mais abertas para conversar do assunto, ainda que de maneira superficial.

4.1.3-Ligação com a abordagem teórica

Podemos observar que o público alvo da pesquisa, foram alunos com faixa etária de 11 a 16 anos. De acordo com Suplicy esses alunos estão na faixa etária dos adolescentes que corresponde a de 12 a 18 anos.

Nas duas escolas pesquisadas, os adolescentes que participaram da pesquisa consideraram a educação sexual importante e necessária para sua formação. Monteoliva (1996) relata que a educação sexual é necessária para formar pessoas conscientes, responsáveis e maturidade suficiente para tomar decisões sensatas e coerentes. Freitas (2010), também em suas publicações defende que a educação sexual deve ser um processo contínuo de aprendizagem que vem desde a infância, sendo que a família e a escola devem estar ligadas uma completando a outra. Se este aluno que passa a maior parte do tempo na escola, então nada melhor que este ambiente para oferecer meios para aprimorar seus conhecimentos, de acordo com a conclusão dos próprios participantes da pesquisa.

Podemos observar que as duas escolas falam sobre sexualidade de forma superficial, se restringindo na matéria de ciências. Contrapondo, Altaman retrata que os PCNs aconselham que a sexualidade deva abordar de forma coletiva por todo âmbito pedagógico, perpassando todas as disciplinas, seja por uma forma de programação no currículo escolar ou como assunto extraprogramação onde cada disciplina acomodará conforme sua proposta.

Conforme Valladares (2005) os conteúdos trabalhados pelos professores em uma sala de aula deve ajudar o aluno na compreensão do ato sexual, sua intimidade, suas conseqüências e manifestações ligadas à sexualidade. Werebe (1981) retrata as duas formas de ensinar a sexualidade de forma formal (planejada) e informal (aproveitando as situações).

Valladares fala da dificuldade de falar de sexo no ambiente escolar, a adolescência é marcada por uma fase de transição, mudanças de características,

emoções e um período de surgimento de sintomas próprios o que às vezes dificulta uma relação de entrosamento com o professor. O que responde a questão de, que os alunos por timidez, não conversam muito com seus professores.

Na escola do interior EMEF “Eloy Miranda”, tem mais dificuldade em abordar o assunto devido alguns itens que interferem na realização da educação sexual no ambiente escolar. Como resultado da pesquisa foi observado alguns requisitos que interferem nessa realização. A família, que para Sayão (1997) possuem valores conservadoras e religiosas o que dificulta essa abordagem.

Com a pesquisa, podemos observar que os filhos sentem dificuldade de falar desse assunto com os pais. A família transmite valores que segundo Dias e Gomes (1999) está ligada a formação da personalidade do indivíduo.

Bueno (2006) sugere que os adolescentes que tem um bom relacionamento com seus pais, acabam iniciando mais tarde sua vida sexual. A família passa valores já determinados, e a escola mostra valores diferentes, e os alunos possam escolher o que lhe é mais cabível para sua evolução.

A religião tem grande poder na escola do interior. Como afirma Foucault (2014) e Costa (1980) falar de sexualidade é muito difícil, pois ela está rodeada de tabus, repressão, tabus, pudor, cultura, ambiente socioeconômico, regras e normas que envolvem a religião. Porém “regula-se o sexo, mas não pela proibição”, cada um aceita o que lhe é cabível, ligando o social e seus interesses.

Quando relatamos sobre a cultura da região, o que dificulta na abordagem deste assunto. Observamos que Bourdieu (2013) fala que nós seres humanos somos frutos de uma herança cultural, o seu hábito forma o adolescente futuro, que este herda conhecimentos e atitudes do seu ambiente de convívio.

A escola é um ambiente de reprodução de valores e culturas diferenciadas, meio de ensino que valoriza o indivíduo. Rossistolato (2009) sugeriu que os professores trabalhem a realidade sociocultural da região, para assim introduzir atividades que abordem a sexualidade, e resulte na ampliação de conhecimento destes alunos, para que tomem atitudes responsáveis.

Na escola EMEF “Julite Miranda Freitas”, os alunos adquirem informações sobre sexualidade com sua família, professores e internet. Freitas (2010) fala que os pais são os primeiros educadores, mais não são os únicos, a escola tem que está em conjunto com a família. É necessário saber abordar os adolescentes, pois com a tecnologia de hoje, fácil e rápida, o aluno não irá procurar o pai ou o professor. E essa informação adquirida, pode ser confusa e errada.

É importante suprir as dúvidas deste adolescente, para este, não procurar caminhos incertos que poderão ocasionar conseqüências para vida toda como uma gravidez precoce.

Tabela 29-Escola EMEF “Julite Miranda Freitas”

Questionamentos	Média	Variância	Desvio Padrão
1 - Idade dos respondentes	20	270,5	16,4468842
2 - Gênero dos respondentes	50	200	14,14213562
3 - Os respondentes sabem o que é sexualidade	50	3698	60,81118318
4 - Os respondentes se consideram informados sobre sexualidade	33,3333	814,3333	28,5365263
5 - Os respondentes conversam sobre sexo com seus professores	50	1250	35,35533906
6 - Os respondentes consideram importante abordar o assunto sobre sexualidade em ambiente escolar	50	578	24,04163056
7 - Porque é importante abordar o assunto sobre sexualidade na escola, para o respondente	14,2857	402,9048	18,58351255
8 - Na escola tem aulas de educação sexual ou informação sobre o tema para os alunos	33,3333	661,3333	25,71640203
9 - Como é abordado educação sexual na escola	40	1269,231	35,62626516
10 - Os respondentes têm críticas ou sugestões sobre como é ministrado educação sexual na escola	34	1143,333	33,81321241
11- Quais disciplinas abordam sexualidade com mais freqüência	32,95	1241,734	35,23824925
12 - O respondente tentou conversar sobre sexo com professores e não o fez	50	2178	46,66904756
13 - Razões pelas quais os respondentes não conversam com o professor	33,8889	1083,869	32,92217005
14 - Temas importantes para serem trabalhados na escola, envolvendo a educação sexual	40,75	1074,333	32,77702447

Fonte: Elaboração do autor

Tabela 30-EMEF “Eloy Miranda”

Questionamentos	Média	Variância	Desvio Padrão
1 - Idade dos respondentes	14,28571429	260,5714286	16,14223
2 - Gênero dos respondentes	50	288	16,97056
3 - Os respondentes sabem o que é sexualidade	50	2888	53,74012
4 - Os respondentes se consideram informados sobre sexualidade	50	98	9,899495
5 - Os respondentes conversam sobre sexo com seus professores	50	1800	42,42641
6 - Os respondentes consideram importante abordar o assunto sobre sexualidade em ambiente escolar	50	1352	36,76955
7 - Porque é importante abordar o assunto sobre sexualidade na escola, para o respondente	36,28571	1359,604	36,87281377
8 - Na escola tem aulas de educação sexual ou informação sobre o tema para os alunos	33,33333333	2266,333333	47,60602
9 - Como é abordado educação sexual na escola	40	1269,231	35,62626516
10 - Os respondentes têm críticas ou sugestões sobre como é ministrado educação sexual na escola	34	1091,556	33,03869785
11- Quais disciplinas abordam sexualidade com mais frequência	33	1106,105	33,25816085
12 - O respondente tentou conversar sobre sexo com professores e não o fez	50	288	16,97056
13 - Razões pelas quais os respondentes não conversam com o professor	32,5	1033,316	32,14522965
14 - Temas importantes para serem trabalhados na escola, envolvendo a educação sexual	45,625	1081,183	32,88135236

Fonte: Elaboração do autor

4.2 - Reflexão das Discussões do Grupo Focal

A pesquisa é formada por um conjunto de elementos que se completam para melhor entendimento e compreensão. Para se atingir o objetivo específico de analisar a visão do corpo docente sobre a temática da sexualidade na escola, foi realizado um grupo focal com 10 professores atuantes de várias disciplinas, no período matutino e

vespertino das 02 escolas municipais. Sendo 05 professores da escola EMEF “Julite Miranda Freitas” e o restante na escola EMEF “Eloy Miranda”.

No dia 10 de novembro de 2015, os 10 professores se reuniram em um único local, fora do horário escolar, para discutir as questões proposta pelo pesquisador, previamente formulada, com questões semiestruturadas, deixando o entrevistado formular uma resposta pessoal, o que possibilitou obter uma idéia melhor do que este realmente pensa e fala sobre o assunto, constituindo assim, grupo focal. Os docentes participaram ativamente, levando-se a intenção efetiva do que era questionado no decorrer do grupo focal. Teve uma duração de 3 horas com o auxílio de uma gravação por vídeo e áudio.

Quadro 1-Identificação dos participantes do grupo focal

Entrevistados	Sexo	Disciplina atuante	Escola
P1	M	Ciências	EMEF “Julite Miranda Freitas “
P2	M	Artes	EMEF “Julite Miranda Freitas”
P3	M	Matemática	EMEF “Julite Miranda Freitas”
P4	F	Português	EMEF “Julite Miranda Freitas”
P5	F	Língua Estrangeira	EMEF “Julite Miranda Freitas”
P6	F	Ciências	EMEF “Eloy Miranda”
P7	F	Artes	EMEF “Eloy Miranda”
P8	F	Geografia	EMEF “Eloy Miranda”
P9	F	Matemática	EMEF “Eloy Miranda”
P10	F	História	EMEF “Eloy Miranda”

O grupo focal foi iniciado com o P1, da área de ciências, que transmitiu conhecimento sobre os PCNs, e sua ligação com a educação sexual. Considera importante falar deste assunto, porém se restringe ao 8º ano, alegando que está no currículo desta série, às vezes, quando sente necessidade engloba as outras séries. Entretanto, focado mais na prevenção. Quando fala das DST, gosta de mostrar fotos, isso choca um pouco eles. Quando se é questionado sobre a importância de se falar de educação sexual na escola, considera muito importante.

“... a família não tem o conhecimento para passar. Vidrado em novas tecnologias, acesso fácil a informação, às vezes irônico. Por que a internet coloca o que quer, não tem ninguém para colocar se está certo ou errado. Não tem muito interesse ao conhecimento não, querem facilidade. A sexualidade deles estão muito

aflorada, muito cedo, essa questão de televisão traz coisas que a gente, na nossa época, não tinha tanto acesso a essas informações, e eles tem, ...” “a criança está tendo relação sexual cedo, pais estão dando muita liberdade, vêm da criação da família”.

É notado que o professor, não realiza educação sexual em todas as turmas, ele se restringe a 8º ano, e só quando houver necessidade, ele aborda com as outras turmas. Porém Altamann (2001) aborda que nos PCNs a educação sexual deve se ampliar a todos os ciclos de escolarização, todas as etapas do adolescente.

Quando o professor fala que “vem da criação família”, Bourdieu(2013) fala que as crianças herdam conhecimentos, atitudes do seu contato familiar, do seu ambiente de convívio.

O professor de artes, classificado como P2, reconhece os Parâmetros Curriculares Nacionais, e considera importante relacionar a educação sexual no contexto escolar.

“... a questão da educação sexual ela é muito importante e não poderia ficar fora do contexto escolar. Visto que toda sociedade parte do pressuposto de uma escola, de tudo que a gente tem como instituição governamental.” “... os conhecimentos não são ausentes neste processo. Então não podia ser diferente”.

“Tem famílias que o adolescente não tem tanta afinidade com a mãe ou o pai, de está atendendo coisas que são importantes para ele. Essas mudanças do corpo, e na escola, existem profissionais capacitados para estar falando sobre isso, de toda essa mudança. Ai surgiu curiosidades, dúvidas, então essas dúvidas esclarecidas são importantes. As vezes o adolescente tem vergonha de perguntar, ou talvez a família seja um pouco rígida, e não esclarece de fato a sexualidade”.

O professor considera a educação sexual um assunto importante, assim como Freitas, que define como um processo contínuo de aprendizagem, transmissão de informações. Nada melhor que o ambiente escolar para concretizar essas informações *“... ambiente que oferece oportunidade de conhecimento”.*

O professor P3, da área de matemática. Demonstrou não conhecer os PCNs e nem sua ligação com a educação sexual. Quando foi abordado sobre a importância de se trabalhar a educação sexual na escola, o mesmo descreve que esse tema é muito importante. Porém, não trabalha em suas aulas, pois não se considera apto para falar deste assunto, tem medo da reação dos alunos, por ser um assunto polêmico, isso pode acarretar alguns problemas como: os alunos não entenderem sua argumentação e levar por outro caminho “abuso sexual”.

“... trabalhar isso na escola é muito difícil, pois se você encostar num aluno ou até a forma de falar com ele pode entender de outra forma, e falar que foi assédio sexual. Isso é complicado o professor pode até perder o emprego.”

O participante P4, professora da área de Língua Portuguesa. No início da discussão, foi observado que a mesma tem um posicionamento consciente em relação aos PCNs, conhece a ligação da educação sexual com estes parâmetros, utiliza em suas aulas na medida do possível, adaptando a cada sala e aluno. Considera importante falar de educação sexual no ambiente escolar, pois *“...prepara o adolescente para as mudanças.”*No entanto, não se senti preparada para trabalhar este assunto.

“... temos diversidade de alunos, é muito melindroso e delicado este assunto.”

Porém a professora P5, da área de Língua Estrangeira, a princípio demonstrou meio preocupada com as perguntas. Quando foi abordado sobre os PCNs, ela reconhece, utiliza em suas aulas, imagina sua relação com a educação sexual, mas não vê como trabalhar isto nas suas aulas. A docente é religiosa, então em alguns momentos parece ter receio em falar do assunto.

“...é importante falar deste assunto, porém é muito difícil. Os jovens fazem muita pergunta, e não sei se é uma idade certa de falar sobre isso, 13 anos. Penso que o ideal seria no 8º ano em diante.”

“Mas as doenças, a gravidez está aí. Então é necessário falar. Ainda mais eles adoram este assunto. Este período de mudanças de hormônios mechem com eles. ”

A professora sentiu dificuldade de falar deste assunto, porém acha importante que os alunos recebem informações. Por não entrar muito no assunto, os alunos nunca perguntam nada a ela.

“Penso que o ideal para se trabalhar esse tema na escola seria por palestras, ou um professor ter a iniciativa e orientar esses jovens esclarecendo suas dúvidas e receios.” “Acho também muito difícil falar deste assunto por causa dos pais, será que vão entender bem. Tem muita coisa envolvida, religião, tabus, preconceitos, família e até mesmo podem pensar que nós estamos incentivando os alunos a fazerem sexo. Tenho medo.”

A professora de ciências, denominada P6. Foi observado insegurança em relação à professora, não sei se isso atribui a ela ser recém - formada, sem experiência profissional.

Quando indagada sobre os PCNs, a professora relata conhecer, fazer uso dos parâmetros na aula, porém desconhece a relação dele com a educação sexual.

“... eles estão em formação, às vezes em casa não tem a liberdade de conversar com os pais, acabam tirando as dúvidas com os próprios colegas, que

às vezes, não sabe muita coisa, e às vezes é bom falar na escola, a gente tem uma formação que dá para ajudá-los melhor nas transformações que ocorrem no corpo deles, e as dúvidas que eles têm que são muitas.”

Logo no início da pesquisa com a professora de artes, denominada P7, ficou claro que ela não tem nenhum conhecimento em relação aos PCNs, muito menos sabe a ligação com a educação sexual.

“... tem, mas não estou lembrada. Será que fala que você pode está trabalhando esse tema não profundamente, mas falando um pouco.”

Logo em seguida foi abordada sobre a importância de falar deste assunto, e se, ela trabalha esse tema em suas aulas. A professora relata da grande importância deste tema, porém acha que a matéria dela não tem nada a ver com este assunto.

“Complicado falar, mas os alunos já vêm com uma sexualidade bem aflorada, é importante está falando, está passando sobre as DST, e outros mais assuntos.” “...quando mostra algo diferente eles logo se chocam, horrorizados. É bom abordar, assustar eles.”

“...não acho que educação sexual tem haver com minha matéria. Ciências que deveria falar deste assunto.”

Já pensou se todos os professores pensarem desta forma?

Percebo que a professora por não proporcionar momentos de diálogo com os alunos sobre este tema, acaba afastando este aluno. E devido a isto, os mesmo não retiram suas dúvidas ou se esclarecem sobre o tema pesquisado.

Contudo a mesma, acredita ser uma tema importante, porém difícil de discutir.

“... na verdade, não é um assunto bom de falar na sala de aula, você fala uma coisa e eles levam para outro lado. Você não tem muita liberdade, igual a professora de ciências que fala mais sobre este assunto. É importante. Tem família também que não aceita, você vai falar, eles podem alegar que você está incentivando o menino, influenciando o adolescente. Acho que nem precisa disso normalmente.”

A professora denominada P8, da disciplina de geografia, aparentou constrangimento em falar deste assunto, não sei se é pelo fato de a mesma ser mais velha, entre os docentes. E a professora de matemática, considerada P9, acolheu a pesquisa como um aprendizagem, mostrou-se participativa.

O primeiro questionamento foi sobre os PCNs, na qual ambas se mostraram ter conhecimento e utilizar os parâmetros em suas aulas. Conhecem a ligação dos PCNs com a educação sexual.

“... acredito que os parâmetros norteiam temas transdisciplinares, incluindo questões sobre sexualidade nos conteúdos curriculares.” (P8)

“... penso que é um tema que deve ser abordado por todos nós professores.”

(P9)

Ao adentrar o tópico sobre a importância da sexualidade na escola, ambas relataram que este tema é essencial para adolescente, para sua formação, para o seu crescimento. Porém deve-se estar atento a algumas vertentes como: religião, valores e familiares. É papel da família e da escola trabalhar esse assunto. Responder as inquietações dos adolescentes, para prepará-lo para o mundo.

A professora da disciplina de História, considerada P10, demonstrou ter conhecimento dos PCNs, utiliza em suas aulas e identifica a ligação com este tema. Quanto à importância do tema no ambiente escolar e como é trabalhado este tema nas suas aulas, a professora mostrou bem a vontade para falar.

“... muito importante, eu tenho filhos, não só aqui mais em outras escolas também, a gente na sala de aula presencia tanta coisa que a gente fica com medo, muita coisa ali, de repente de houvesse uma orientação melhor não estaria acontecendo. E a gente enquanto mãe também, por que pensa assim, meu filho está ali dentro e está vendo coisas que ele poderia tomar como exemplo e não fazer, e coisas que está ali já aprendeu e sabe que você só vai cair numa armadilha se você quiser. Eles ficam um bom tempo na escola.”

“Eles me fazem muita pergunta, não sei se é pela liberdade que tem comigo. As perguntas que sei responder, eu respondo, as que eu não sei, eu falo que vou pesquisar, admito que eu não sei, peço orientação a outros professores. Não tenho problema de abordar este tema não. Exemplo, em história na época do feudalismo, quando eu falei da parte da higiene, eles começaram a fazer tanta pergunta. Como era a vida sexual desse povo na época que não tinha higiene nenhuma, que eu fiquei quase doida para responder.”

No momento em que foi abordado o tópico da dificuldade de se trabalhar essa temática no ambiente escolar, o professor P1 relatou não ter dificuldade em abordar este assunto. No entanto, os alunos não tiram dúvidas com o mesmo. Será por que não possuem afinidade com o docente, ou demonstram vergonha em falar desta temática. Contudo, o professor acha interessante uma pessoa de fora ir na escola falar com os alunos, assim vai reforçar o que passa para alguns, e aqueles que ele não abordam, poderão se informar mais sobre este assunto.

O participante P2, relata não ter dificuldade em abordar este assunto com os alunos. Quando é procurado por algum educando, isso acontece raramente, ele tenta suprir suas dúvidas.

“Percebo que quando a gente cria uma aproximação com determinados alunos, que eles acabam se sentindo com liberdade para fazer certas perguntas, mas sempre,

ou a maioria em particular.” “... quando eles olham alguma na TV, me procuram para tirar dúvidas. Nessa idade, eles são muitos avechados, tem muita vergonha de fazer pergunta e os colegas acharem que aquela situação está ocorrendo com ele.”(P2)

O professor P3, não trabalha em suas aulas sobre essa temática, e acha que o professor ideal para falar deste assunto é o de ciências, que segundo ele tem respaldo para abordar esse tema.

E por atuar numa matéria difícil, não tem um entrosamento com os alunos, devido isso não consegue abordar esse tema. Portanto, raramente alguém conversa com ele.

“... a maioria não confia num estranho. Um estranho vai falar o que eu tenho que fazer, aí vive a prática mais cedo, claro a televisão influencia e muito neste caso.” (P3)

“... a classe média tem muito tabus, e classe baixa aprende na rua, aprende cedo, em casa não tem uma estrutura, e a mídia influencia estes adolescentes.” (P3)

Conforme Freitas (2010), a mídia passa informação de sua maneira, é necessário saber abordar este assunto com o adolescente.

Outra dificuldade de se falar deste assunto é parte social. O professor pensa que se deve mudar a escola, passar mais autonomia ao professor, a direção interferir menos, as instituições apoiarem mais o docente. Assim, o professor vai conseguir administrar esse tema. Durante o bate papo, o professor tenta sempre se justificar por não inserir esse tema no seu planejamento.

O professor P4 e o P5, nas suas aulas, tenta trabalhar com textos que abordem este assunto. É a única forma que trabalham esta temática. E por não ter muita intimidade com os alunos, os mesmo não conversam muito sobre este assunto, ou melhor, raramente dialogam sobre essa questão.

“Por ser um assunto delicado. O próprio aluno como vai receber, e a família. Tem que tomar cuidado com determinados assuntos para não cair em uma opinião própria, como exemplo a homossexualidade, como tratar, como lidar, como a família vai receber isso.” (P4)

O participante P6 considera importante falar deste assunto. Porém não iniciou o assunto Sistema reprodutor ainda, pois deixou para falar no final. E por não ter muita intimidade com os alunos, eles não conversam com ela sobre este tema. Contudo estão eufóricos para iniciar este assunto.

“... vou iniciar o assunto no 8º ano agora, já com os 7º anos não vou falar do assunto pois não está na grade curricular deles.” (P6)

Foi indagado sobre a maior dificuldade de se trabalhar esse tema no ambiente escolar. A professora imagina algumas dificuldades, mas como nunca passou por isso,

é a primeira vez que leciona. Pensa que vai ser bem sucedida na abordagem do assunto.

“... é um assunto muito polêmico, os pais não tiram dúvidas dos filhos e também não querem que a escola passe para o filho. Às vezes envolve religião também, que acaba te reprimindo.” (P6)

A professora passa uma confiança em falar deste assunto, como se fosse fácil abordar este assunto, entretanto foi observada algumas dificuldade ou restrições em interagir esse assunto com os alunos. Talvez isso o motivo de não haver intimidade com os mesmos. Apesar de ser uma professora “nova”. Isso nos faz recordar de Foucault: repressão. Ao mesmo tempo que fala de sexo, esconde algumas assuntos relacionados.

“... a falta de informação não é mais. Algum tempo atrás até falaria que é devido a isso. Mas hoje eles têm mais informação, se não é na escola, é nos postos de internet. Internet tem de tudo, e eles vivem conectados. Não é por falta de informação, falta de conversa em casa, de os pais colocarem mais limites, é difícil, não sei. Vai entender a cabeça deles.” (P6)

“... para ajudar os alunos, deveria fazer um papel primeiro com os pais, para conscientizar a família. Sexualidade tem muito preconceito, tem professor que tem resistência em falar disso.” (P6)

“... na verdade, não é um assunto bom de falar na sala de aula, você fala uma coisa e eles levam para outro lado. Você não tem muita liberdade, igual a professora de ciências que fala mais sobre este assunto. É importante. Tem família também que não aceita, você vai falar, eles podem alegar que você está incentivando o menino, influenciando o adolescente. Acho que nem precisa disso normalmente.” (P7)

Todo o momento da pesquisa, a docente P7 se mostrou não muito interessada no assunto. Tanto que expõe isso nas suas pronuncias quando fala do papel da escola em relação esta temática.

“... levar mais informação, não porque eles tem informação demais. Não sabe como abordar isto. A família está aí falando disso.” (P7)

“... as adolescentes engravidam não sei por que, tem tanta informação. Falta de informação não é.” (P7)

Tanto a educadora P8, como a P9, abordam a educação sexual em suas aulas, relacionando com sua disciplina. Porém raramente os alunos sentam com as mesmas para conversarem ou se aconselharem.

“... na aulas de geografia acabo abordando os gêneros, o papel da mulher na sociedade e outros, que acabam puxando debates que envolvem a sexualidade.” (P8)

“... através de trabalhos de pesquisa, problemas envolvendo tabelas, gráficos,...” “... construção oral e escrita de situações envolvendo o assunto.” (P9)

Quanto a dificuldade de falar deste assunto, ambas fizeram relatos iguais, focando na família, que é a principal dificuldade delas, depois a religião, o que faz com que elas sentem receio em administrar esse tema. Ambas falaram que na escola elas são restritas no assunto, falam o superficial, pois se aprofundarem muito os pais se encaminha para a instituição, nervosos, discutindo, falando em voz alta. Devido à escola se localizar em uma região pequena, onde se visa muito à política, qualquer problema eles recorrem a prefeitura. E ambas precisam do emprego, por isso tem dificuldade de falar de sexualidade e quando falam não entram em detalhes, restringe ao máximo.

Conforme isso, as professoras sugerem em seus relatos como a escola deveria trabalhar este tema.

“A escola deve trabalhar o tema de acordo com a demanda e urgência, pois a família já não cumpre o seu papel. A TV divulga e instiga “sexualidade” o tempo todo, de forma que os adolescentes têm a cada dia mais entrado precocemente na vida sexual. E antes de falar deste assunto com os alunos, é primordial realizar um trabalho com a família.” (P8)

“Informar e orientar a família em primeiro lugar. Envolver a família, adolescente e escola.” (P9)

Aparentemente a professor P10, apresenta um bom relacionamento com os alunos, pois durante a conversa no grupo focal, o professor aparentou ter uma ligação de confiança e amizade com seus alunos.

Quando questionada sobre a maior dificuldade de abordar este tema na escola, a mesma relatou ser a família. Foi percebido que a maioria dos professores menciona a “Família” como principal problema.

“A resistência maior não é dos alunos, é dos pais, alguns pais não vê com bons olhos que os filhos estão falando sobre sexualidade na escola. Ai, por esse receio dos pais, a escola fica meio fechada para alguns assuntos.” (P10)

“A escola tem papel importante neste assunto, ela é fundamental, é o local onde eles passam um bom tempo, e onde a gente tem mais facilidade de conversar com eles melhor. Por que tem assuntos que a gente prefere perguntar ao colega do que os próprios pais. Tem que primeiro trabalhar os pais, e depois fazer um trabalho legal com eles” “...converso muito com meu filho, tenho muita liberdade com ele.” (P10)

No meio das discussões, foi perguntado aos professores, o que eles achavam que norteava alguns adolescentes, nos dias de hoje, a engravidar precocemente?

“... a ausência de informação, a informação está aí, ela existe, será que todos procuram a informação. Antigamente meninas de 13 e 14 anos se casavam, alguns casos devem vim de pais que viveram isso, coisa comum, a mãe as vezes, isso aconteceu com ela, e ela acha normal acontecer com a filha”. (P1)

De acordo com Almeida (2002), Bourdieu (2013) e Bueno (2006), o adolescente tenta copiar a mãe. Das adolescentes grávidas, a maioria possui mães que também engravidaram adolescentes, é um problema de reprodução social, herança de cultural.

O professor fecha sua fala, expressando que “... a escola é o ponto de partida do aluno”.

Em relação à gravidez na adolescência, o professor P2, assim como Dias e Teixeira (2010), Justo (2000), Almeida ((2002), Figueiredo (2000) e Figueiredo et al (2014) atribui a culpa da família, a condições financeiras, condições socioeconômicas. As regiões mais pobres, com menos infra-estrutura estão mais vulneráveis psicologicamente e socialmente.

“Vem da criação da família, porque minha avó teve filhos com tantos anos, então vou também ter. Não sei se houve uma pesquisa comprovada, mas eu percebo que a maioria dos adolescentes que engravidam cedo, vem de família humilde, aonde pais que não tiveram oportunidade de estudar, não tem certas orientações com os filhos, trabalham o dia todo, o filho fica na rua, e vai aprender dessa forma. A internet dão acesso, 80 a 90% dos adolescentes, quando acessam, procuram sites pornográficos. Então isso aflora, aí, a facilidade. Alguns ficam em casa sozinho, o vizinho está lá vendo isso o tempo todo.” (P2)

Durante a entrevista o pesquisador conta um caso de um amigo, onde sua filha adolescente engravidou. Quando estava conversando com o pai da menina, ele disse “...ele falou o que posso fazer? Um pai falar isto? Então chego a conclusão que ele não tem conhecimento.”

O professor o tempo todo demonstra em sua entrevista que a família é o início de tudo. E que as condições financeiras dos pais influencia nisto. Porém a escola está ali, para familiar, dialogue com o professor. Aparentemente, o docente tem ligação boa com os alunos, não se isso atribui ao tempo que leciona na escola, o que influencia no seu entrosamento com o adolescente.

“... deve-se conversar com a filha, mostrar o caminho para ela, assim ela ter a opção de escolher.” (P2)

“...ainda hoje adolescentes engravidam, pois há informação, os adolescentes só se interessam por faceebook, freqüentam bailes fanksefazem sexo ali mesmo sem nenhuma prevenção. Quando utilizam o laboratório de informática, pesquisam o que o

professor quer, e quando tem oportunidade vão para o faceebook. Ninguém olha sobre prevenção, DSTs. E em casa não acessam nada, então vão aprender na rua.”(P3)

“... para trabalhar com estes alunos, primeiro tem que ver se eles sabem a diferença de sexo para sexualidade.” (P3)

Guimarães (1995) fala dessa diferença, em que o sexo está mais relacionado a parte biológica e a sexualidade, não só a parte biológica, mais a questão do prazer, descoberta, preocupação em arrumar um parceiro, a escolha. E para o professor é ideal investigar se os alunos sabem disso, e assim trabalhar nestes pontos com os adolescentes. Porém, deixar por conta do professor, com total autonomia para ele trabalhar da forma que ele pretender.

Tem muito tabus, preconceito, Foucault (2014): repressão. O sexo e prazer foram por muito tempo perseguido, proibidos. Assim como os tabus, Costa fala do relacionamento da sexualidade e as concepções que envolvem a religião.

No decorrer da entrevista entrei no assunto sobre gravidez na adolescência, a professora, relaciona a informação.

“Há duas coisas importantes que influenciam essas adolescentes a engravidar. Uma é o modismo, vi na televisão a personagem que engravidou e viveu felizes para sempre, conto de fadas, projeção. E a outra situação é a questão social, do poder. Algumas meninas engravidam de traficantes, para mostrar para as amigas, e todos falarem, Há ela está grávida do homem mais poderoso da região. Elas pensam que em engravidar e correr tudo bem, ninguém pensa no decorrer da gravidez, seus riscos. Família ausente, a televisão passa essa projeção, e elas acham legal.”(P4)

A professora P4, até se emociona no decorrer do trabalho ao falar de uma aluna que engravidou aos 13 anos e estava passando muito mau na sua aula, foi quando ela sentou com a mesma, e viu nos seus olhos que ela não estava preparada para isso. Perguntei se a adolescente continua na escola, ela me respondeu que ela evadiu. Será que um dia essa aluna volta para escola? Como fica a qualificação de um profissional desse? E quais os riscos para essa adolescente ao engravidar tão cedo?

Dias e Teixeira (2010), refere às complicações que essa adolescente pode ocorrer, e suas conseqüências numa gravidez tão precoce. Heibornet al (2002), Dias e Teixeira (2010) relacionam através de estudos, a gravidez na adolescência uma das causas de evasão escolar.

A participante relaciona que a escola tem o papel de abordar a parte biológica, o corpo humano, orientar sobre no processo emocionalmente e fisiológica no decorrer da gravidez e suas conseqüências, para assim o adolescente não idealizar aquele conto de princesa, onde tudo é perfeito.

Então a educação sexual, conforme Valladares(2002) e Monteoliva (1996), ajuda o adolescentes a tomar decisões mais responsáveis e conscientes em relação a sua vida afetiva e sexual.

A professora P5, relaciona a gravidez precoce a informação. Relata que eles têm conhecimento pela internet, se a família e a escola não falam, mas a tecnologia responde por eles. Será que essas informações são verdadeiras?

A internet passa uma notícia que não temos como saber se é verdadeira ou não. Ela descreve também que muitos preferem aprender na rua, com amigos. Pois não tem acesso a internet ou até mesmo, “preguiça” de procurar respostas.

Já a professora P6, relaciona a gravidez na adolescência a família, pois alega que eles possuem muita informação. Basta a família saber agir com seus filhos. E baseado nisso, sugeri trabalhar a família antes de começar o assunto com os alunos.

Será que estes adolescentes estão bem informados? Será que eles têm tanta informação assim?

Segundo a professora P7, a informação está fácil de acessar, porém não sabemos se é fidedigna, ou se todos os adolescentes têm acesso à informação. Transmitir conhecimentos é o conceito de educar, retirar esses “monstros” que a população criou. Por isso é necessário realizar a Educação sexual. Conforme Furlani (2009), a escola é o local onde é construída a identidade cultural, espaço onde o adolescente fica uma boa parte do seu dia. De acordo com Louro (1999), a sexualidade deve ser trabalhada em todos os lugares, em casa, na escola, na igreja. É necessário informar e discutir os tabus, preconceitos, crenças e atitudes.

Como última questão, foi discutido o tópico de alguns adolescentes estarem engravidar precocemente.

“Falta de orientação da família. Base familiar é muito importante.” (P8)

“Falta de informação adequada, inconseqüência e falta de maturidade.” (P9)

“Informação não é, por que passa na televisão, internet, experiências de colegas que pararam de estudar para engravidar, ou o outro que parou de estudar para trabalhar, pois engravidou a namorada. Então eu acho que é a parte familiar, antigamente os pais prendiam mais, cobravam mais. Hoje em dia eles acham normal. Antigamente, aonde o namorado da gente dormia na casa da gente. E tem casas que os pais tem uma relação conturbada, imagine a cabeça dessa criança. Emuitos, ficam tempos sozinhos, a mercê dele mesmo, a curiosidade, o que é bom, gostoso. Os dois trabalhando, pai e mãe, acabam deixando o filho só.” (P10)

Quando foi questionado sobre a preparação do professor para abordar este tema. Todos se sentem despreparados, com experiência, porém necessitando de capacitação.

Quadro 2-Questões aplicado aos participantes do grupo focal

Temas	Categorias	Indicadores
Conhecimento sobre PCNs	ConhecePCNs	7
	Não conhecePCNs	3
Total de indicadores		10
Ligação dos PCNs com a Educação Sexual	Conhece a ligação	7
	Não sabe	3
Total de indicadores		10
Aplicação da Educação sexual nas aulas correspondentes	Aplicação parcial	4
	Aplicação plena	3
	Não aplica	3
Total de indicadores		10
Importância e Dificuldade de abordar a Educação sexual no ambiente escolar	Tema relevante	10
	Obstáculo por religião	3
	Sem obstáculo	1
	Obstáculo da família	4
	Diversidade Cultural	3
Total de indicadores		21
Você sente-se preparado para abordar o tema Educação sexual	Sem qualificação	8
	Parcialmente qualificado	2
Total de indicadores		10
A relação do professor/aluno em relação as dúvidas e questionamentos sobre o assunto Educação sexual	Falta de demanda dos alunos	4
	Timidez dos alunos	3
	Pouco questionamento	1
	Há questionamentos	2
Total de indicadores		10
A contribuição da escola para o tema Educação sexual	Oferecer conhecimento	6
	Trabalhar com toda família	3
	Fundamental para formação	1
Total de indicadores		
As causas para os adolescentes estarem engravidando precocemente	Histórico familiar	2
	Projeção e Poder	1
	Falta de limite – base familiar	6
Total de indicadores		9

Fazendo uma análise geral das duas escolas pesquisadas, em relação a alguns temas como:

- Conhecimento sobre os PCNs

- Entendimento sobre a ligação dos PCNs com a temática Educação Sexual
- Aplicação da Educação Sexual nas aulas correspondentes
- Importância e Dificuldade de abordar a Educação Sexual no ambiente escolar
- Preparação do profissional sobre o tema Educação Sexual
- Relação dos professores/alunos em relação a dúvidas/questionamentos
- Contribuição da escola com o tema Educação Sexual
- Causas para os adolescentes engravidarem precocemente

Quanto aos primeiros tópicos, a maioria dos professores participantes em ambas escolas, demonstram conhecem os Parâmetros Curriculares Nacionais e a sua relação com a Educação sexual. A maioria dos docentes acreditam trabalhar este tema em suas aulas. Contudo é observado que a abordagem deste tema é bem superficial, como exemplo: trabalham em sala de aula com textos, gráficos. Não com frequência, a não ser o educando da disciplina de Ciências, que como está no currículo o sistema reprodutor, acabam utilizando algumas aulas para falar deste assunto, que por sua vez, está no currículo do 8 ano. As outras séries, como o 7º ano, do qual foi realizado a pesquisa, não é trabalhado com frequência. Isso evidencia que é pouco se falado sobre este tema.

Em relação a importância e dificuldade de abordar a Educação Sexual no ambiente escolar, a escola EMEF “Julite Miranda Freitas”, os participantes apontaram que os adolescentes recebem informações “erradas” pelos meios de tecnologia, a família as vezes não tem história escolar, não tem conhecimento, ou devido o trabalho, se ausentam por muito tempo do seu domicílio, o que resultam no abandono do adolescente. Tabus, preconceitos. A relação emocional dos pais com os filhos, o medo da repressão, reforçando os pensamentos de Foucault. No entanto, a escola EMEF “Eloy Miranda”, os entrevistados alegam que a maior dificuldades deles em abordar este tema, é a família, por ser um assunto polêmico, a sociedade, cultura, tabus, preconceitos interferem nesse trabalho. Além da interferência política da região, o que limita o educador a ampliação deste assunto. Mesmo assim, ambas relatam que este tema é importantíssimo para os adolescentes, e deve ser abordado no ambiente escolar.

A maioria dos integrantes das duas escolas pesquisadas relata ter pouco conhecimento do assunto, alegando a necessidade de uma qualificação ou uma formação continuada, ligando os problemas presenciados em sala de aula. O docente é um eterno aprendiz, sempre necessita de aprimoramentos. As inovações estão surgindo, é necessário acompanhar esse crescimento.

Em ambas as escolas, as maiorias dos componentes mencionam não ter uma relação de companheirismo, dinâmica, aberta com os educandos. Este período de adolescência é um período de transformações, onde o adolescente possui aflorado os hormônios, e o sentimento de “vergonha/timidez.” Se os professores não abrirem o caminho para esse adolescente se aconchegar a ele, os mesmos vão se ocultar. E as dúvidas, que às vezes estão em suas cabeças, não vão ser respondidas. E esse adolescente vai procurar resposta em outro lugar que não seja na escola ou na família. Podendo adquirir qualquer tipo de conhecimento. A educação sexual é um assunto do qual os adolescentes gostam de conversar, mesmo sendo polêmico. E o professor/a escola é o ponto de partida do adolescente. É o local onde eles ficam por muito tempo.

Uma vez que os jovens passam grande tempo no ambiente escolar, então nada melhor, que este ambiente transmita informações necessárias para o crescimento do aluno, adquirir conhecimento, desenvolvimento de suas atitudes e ajude nas decisões responsáveis e seguras. Para que tudo isso ocorra, os professores das duas escolas pesquisadas sugeririam ideais diferentes. A escola Julite Miranda Freitas, acha que seria ideal palestrar, pessoas diferentes falando do assunto abordando além dos temas como prevenção, DST, e outras, deve-se trabalhar a diferença de sexo para sexualidade e o andamento da gestação, com suas conseqüências. Entretanto a escola Eloy Miranda, além de sugerir todas essas informações. Argumentam a idéia de se trabalhar a família em primeiro lugar, assim depois os adolescentes. Fazer uma união entre família, adolescente e escola.

O último tópico retrata as causas para os adolescentes engravidarem precocemente, apresentadas pelos constituintes do grupo focal. Nas duas escolas, os argumentos foram os mesmos, a falta de estrutura familiar, a ausência da família, falta de orientação e conhecimento da família sobre este assunto, a forma como é adquirida a informação, se é verdadeira ou não, a ausência de informação, a projeção da família ideal, a relação de poder, entre outros.

Na escola Julite Miranda Freitas, os professores defendem que a principal causa das adolescentes engravidarem é as condições sociais e financeiras dos freqüentadores da instituição e a relação de poder e projeção. Devido o tráfico está muito presente nesta região. Porém a escola Eloy Miranda, atribui à falta de orientação da família, a ausência da família, a falta da base familiar. Tudo se baseia na “família”, que é o ponto de partida.

CONCLUSÃO

Constatamos com este estudo que a sexualidade é marcada por um conjunto de eventos complexos, vários fatores se interligam como os socioculturais, pessoais, econômicos, ambientais e valores.

Cada vez mais cedo os adolescentes estão iniciando sua vida sexual, estes por sua vez, costumam fazer tudo por impulso, sem pensar nas consequências (Dias e Teixeira, 2010). Com isso vem ocasionando um número grande de jovens grávidas. Uma gravidez precoce acarreta várias consequências, sendo uma delas a evasão escolar, essas jovens deixam a escola para trabalhar no intuito de sustentar seu filho. Isso ainda, quando não é realizado um acompanhamento de pré-natal correto, estão propensas a sérias demandas.

Além das inseguranças, confusão hormonal, mudanças, características dessa fase, os adolescentes são carregados de dúvidas sobre a sexualidade. A sexualidade ainda hoje é rodeada de mitos e tabus. As informações são recebidas, em alguns casos, pela família, pela escola, pelos meios de comunicação e seu meio social. Porém, muitos sentem vergonha em falar deste assunto com os professores ou os pais, e acabam buscando informações com pessoas “estranhas” ou por meios tecnológicos existentes. Os desejos que envolvem a sexualidade são por vezes reprimidos, gerando incertezas.

O objetivo ao desenvolver esta pesquisa foi conhecer as concepções dos educandos e educadores sobre a abordagem do tema sexualidade dentro do ambiente escolar. Para atingirmos esse objetivo foram selecionadas duas escolas em dois municípios diferentes. Uma escola do interior da zona urbana EMEF “Eloy Miranda” e a outra numa região da metrópole na zona urbana EMEF “Julite Miranda Freitas”. As escolas escolhidas estão instaladas perto do pesquisador, facilitando o acesso à instituição e os recursos financeiros para confecção da pesquisa.

A pesquisa envolveu uma abordagem quantitativa o que proporcionou uma comparação dos resultados obtidos nas duas escolas pesquisadas, nos inquéritos por questionários a 200 alunos da 7º e 8º ano do Ensino Fundamental das séries finais. E uma abordagem qualitativa, o que permitiu a análise de resultados, obtidos por meio de grupo focal, registradas nos inquéritos por entrevista de 10 profissionais da educação.

Os adolescentes assumem possuir conhecimento sobre a sexualidade, porém necessitam de aprimorar esses conhecimentos. E o ambiente escolar é ideal para

transmitir essas informações. Os jovens adquirem respostas para suas perguntas pela internet, que hoje é de fácil acesso, pela família que ainda hoje tem dificuldade em comentar sobre este assunto, por vários fatores que estão interligados como cultura, religião, política, entre outros que acabam dificultando essa abordagem. E a escola que dialogam de forma superficial sobre essa temática, o que acaba proporcionando a estes alunos procurarem outros meios de pesquisas.

Conforme os PCNs, a educação sexual é um tema transversal que deveria perpassar todas as disciplinas. O professor tem a opção de trabalhar este assunto de forma planejada (programada no currículo) ou de forma informal, com surgimento de alguma situação que envolva o tema.

O estudo da sexualidade na adolescência é um processo de desenvolvimento do jovem, para que isso ocorra, é necessário a intervenção dos pais, da escola, e outros profissionais. Para que sejam capazes de ter autonomia em realizar escolhas conscientes, seguras e responsáveis sobre seu futuro (Freitas, 2010).

Com a pesquisa, observamos que nas duas escolas pesquisadas os alunos quase não conversam com seus professores sobre sexo. Mesmo assim, os adolescentes da escola do interior EMEF “Eloy Miranda” conversam mais sobre este assunto com seus professores que os alunos da escola da capital EMEF “Julite Miranda Freitas”.

Entretanto, os alunos da escola da metrópole têm mais iniciativa de conversar sobre sexo com suas famílias, do que os alunos do interior, local onde a família é bem mais presente e participativa no que envolve o processo de aprendizagem.

Os professores, em nenhuma exceção, consideram importante o tema Educação sexual na escola, porém como citado na pesquisa, existem aspectos que dificulta na abordagem desse tema, como: religião, cultura, família.

Em suma, eles se sentem despreparados para ministrar esse assunto com os adolescentes. Conseqüentemente, os alunos não recebem as informações necessárias para suprir suas incertezas. O que conclui que estes, utilizam outros meios de adquirir estes conhecimentos.

Conclui-se que os professores necessitam de capacitações para que se preparem adequadamente ao introduzir a educação sexual em sua disciplina como mediadora no processo de aprendizagem.

Além disso, é necessário que os adolescentes recebam a educação sexual no ambiente escolar para que os jovens possam conhecer as mudanças que o dia a dia transforma o corpo, conheçam métodos de prevenção para evitar as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez precoce, por conseguinte sejam capazes de se relacionar sexualmente de forma afetiva, prazerosa e segura.

Também a família neste contexto tem essencial função, pois ela molda o adolescente conforme seus valores. E a escola é um ambiente rico de diversidades, onde o corpo docente precisa saber interagir com o mesmo. Trabalhando seus anseios, dúvidas, medos, curiosidades, preparando este aluno para o mundo. Como diz Freitas (2010), os pais, a escola e o estado devem caminhar juntos para assim ajudar o aluno em suas projeções futuras para que sejam responsáveis em suas decisões, preparados, bem informados e conscientes do momento certo para a própria iniciação da vida sexual.

O trabalho teve a preocupação em trabalhar as concepções do educando sobre a educação sexual, como um todo no ambiente escolar.

Recomendamos para o próximo trabalho, que futuros pesquisadores explorem sobre o nível de conhecimento dos jovens sobre o funcionamento da atividade sexual (ato sexual) e o aprofundamento das conseqüências da sua atitude; como a gravidez precoce, Doenças sexualmente transmissíveis, e suas possíveis formas de prevenção, uma vez que isso é necessário.

BIBLIOGRAFIA

- ABERASTURY, A. e COLS. **Adolescência**. Porto Alegre, 4º edição: Artes médicas, 1986.
- ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais**. Rev. Estud. Fem. V9, Nº 2, Florianópolis, p. 575 – 585, 2001.
- _____, Helena. **A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social**. Educação em Revista, Belo horizonte, n. 46, p.287-310, dezembro, 2007.
- ALMEIDA, D. S. O. MARTINS, R. C. **Criança: um histórico de violências**. Educação em Revista, V 10, Nº 2, jul/dez, p. 57-72, 2009.
- ALMEIDA, M. A. S. **Adolescente: a diversidade das situações**. Revista Brasileira de Estudos de População, v.19, n.2, jul./dez. 2002.
- ALTAMANN, H. **Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero**. Caderno Pagu, p. 281-315, 2003.
- AJURIAGUERRA, J. D. **Manuel de Psychiatrie de l' enfant**. 2º edição, Paris, Masson, 1977.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 126 p. 1997.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BORUCHOVITCH, E. **Fatores associados a não utilização de anticoncepcionais na adolescência**. Revista Saúde Pública. São Paulo, volume 26, nº 6, 1992.
- BUENO, G. M. **Variáveis de risco para a gravidez na adolescência**. 2006. Disponível em: <[HTTP://www.virtualpsy.org/infantil/gravidez](http://www.virtualpsy.org/infantil/gravidez)> Acessado em: 15 de julho de 2015.

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Área de Saúde do Adolescente e do Jovem**. Marco legal: saúde, um direito do adolescente. Brasília. 60 p, 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. **Normas de Atenção à Saúde Integral do Adolescente**. Diretrizes Gerais para Atendimento de Adolescentes. Acompanhamento do Crescimento e Desenvolvimento. Distúrbios da Puberdade. Desenvolvimento Psicológico do Adolescente. Brasília. v. 1, 48 p, 1993.
- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.
- BRASIL. **Saúde integral dos adolescentes e jovens**. Secretaria de Atenção a saúde. Série A. Normas e manuais técnicos, 1º edição, Ministério da Saúde, Brasília, p. 5-42, 2007.
- BRASIL, **Programa de Saúde do Adolescente – Bases Programáticas**. Ministério da Saúde. 2º edição, Brasília, 1996.
- BRASILEIRO, A. M. M.. **Manual de produção de textos acadêmicos e científicos**. São Paulo, editora Atlas S.A., 2013, p. 1 – 169.
- BUENO, G. M. **Variáveis de risco para a gravidez na adolescência**. 2006. Disponível em :www.virtualpsy.org/infantil/gravidez Acessado em 01 de setembro de 2015.
- BERNAD, C. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**, 2000/2005. In: PAULA, M. C. F. **Gravidez na Adolescência - Mães acadêmicas e suas trajetórias de vida**: Brasil. [s. d.]. <Disponível em: www.ebah.com.br> Acessado em 02 setembro 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 2º edição. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 2013.
- CAMPOS, M. O., NUNES, M. L.; MADEIRA, F. C. et al. **Comportamento sexual em adolescentes brasileiros**. Pesquisa Nacional de Saúde do escolar (PENSE 2012). Revista Brasileira Epidemiologia, p. 116-130, 2014.

- CASTRO, Mary. G. ET all. **Juventudes e sexualidade**. 1edição. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- CARMO, P. S. **Entre luxúria e o pudor: A história de sexo no Brasil**. Editora Octavo Ltda. São Paulo, p. 7-431, 2011.
- CARDOSO, R. D. **Meninas e mães: a maternidade na adolescência no Conselho de Câmara dos Lobos**. Dissertação para obtenção do grau de mestre em Política Social.Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa. Outubro, Lisboa, p. 1-118, 2008.
- CANO, M. A. T; Ferriani, M. G. C; Gomes, R.. **Sensualidade na Adolescência: Um Estudo Bibliográfico**. Revista Latino-Americana de Enfermagem; vol.8 no.2 Ribeirão Preto Apr . 2000.
- CAREGNATO, Rita Catalina. MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. Texto. contexto - enfermagem Volume 15 nº 4 Florianópolis Oct./Dec. 2006.
- CARLOS, R. C., **Cresce o número de adolescentes grávidas no Brasil**.18 de janeiro de 2013, gazeta online. Disponível em:<<https://robertocarlosc.wordpress.com>>Acessado em 02 setembro 2014.
- CESAR, M. R. A. **Lugar de sexo é na escola? Sexo, sexualidade e educação sexual**. (artigo dentro da cartilha). Departamento da diversidade núcleo de gênero e diversidade sexual. Secretaria de educação do Paraná. **Sexualidade**. Curitiba, SEED, p. 1-216, 2009.
- CLÃES, M. **Os problemas da adolescência**. 2º edição, editorial verbo, Lisboa, 1990.
- COIMBRA, C. M. B. **As funções da instituição escolar: análise e reflexão**. Psicologia Ciência Prof., volume 9, nº3, Brasília, 1989.
- COSTA, M. **Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento**. 8. ed. São Paulo: L & PM Editores, 1986.
- CARRADORE, V. M. RIBEIRO, P.R.N. **Aids e educação escolar**: algumas reflexões sobre a necessidade da orientação sexual nas escolas. Junho 2002. Dissertação de mestrado em educação escolar. Faculdade de Ciências e letras – Universidade do Estado de São Paulo, Araraquara, São Paulo, junho, 2002.

- COUTINHO, L. G. **A adolescência na contemporaneidade**: ideal cultural ou sintoma social. Revista de psicanálise, ano XVII, nº 18, março, 2005.
- DIAS, A. C. G.; TEIXEIRA, M. A. P. **Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo**. Parideia, V. 20, N. 45, Jan - Abr, 2010. 123 - 131 p.
- DIAS, A. C. G.; GOMES, W. B. **Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais**. Estudos de Psicologia. Vol. 4, Nº 1, jan/jun, Natal, 1999.
- DIEHL, A. A. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.
- Declaração de Helsínquia da Associação Médica Mundial [versão de outubro de 2013]. **Princípios Éticos para a Investigação Médica em Seres Humanos**. Disponível em: <<http://www.wma.net/en/30publications/10policies/b3/>>Acessado em 02 de setembro 2014
- DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- EISLER, R. **O prazer sagrado: sexo, mito e a política do corpo**. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- EISENSTEIN, E. **Adolescência: definições, conceito e critérios**. Revista oficial de núcleo de estudos da saúde do adolescente UERJ. Vol2, nº 2, Abr/Jun 2005. Disponível em<www.adolescenciaesaude.com>Acessado em 02 setembro 2014.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. (Tradução) Cabral, Alvaro. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1976.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. Editora Paz e Terra, 1 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, 2014.
- _____. **A história da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Editora Paz e Terra. 1 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, 2014.
- _____. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Editora Paz e Terra. 1 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, 2014.
- _____, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

- FREYRE, G. **Casa-Grande e senzala**. José Olympio, Rio de Janeiro, 1982.
- FREITAS, F. et al. **Rotinas de ginecologia**. 4º edição. Porto Alegre, Artmed, 2003.
- FIGUEIREDO, A. C. **Condições de vida e saúde reprodutiva de adolescentes na comunidade de roda de fogo**. Revista Brasileira Materno Infantil. Recife, v.2, nº3, set/dez; p. 291-302, 2002.
- FREUD, Sigmund. Obras Completas. Volume VII, XIII, XVIII, XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FERREIRA, M. NELAS, P. B.. **Adolescência... Adolescentes**. Editora Instituto Politécnico de Viseu.RevistaMlllenium Educação, Ciência e Tecnologia. Fevereiro, p. 141-162, 2006.
- FURLANI, J. **Sexos, sexualidades e Gêneros: monstruosidades no currículo da Educação sexual**. Educação em Revista. Nº 46, Dezembro, Belo Horizonte, 2007.
- FERREIRA, T. H. S., FARIAS, M. A. **Adolescência através dos séculos**. Psicologia: Teoria e pesquisa. Vol 26, Nº 2, São Paulo, Abr/jun, p. 227-234, 2010.
- FIGUEIREDO, B. **Maternidade na adolescência: Consequências e trajetóriasdesenvolvimentais**. Análise Psicológica, Vol4, p. 485-499, 2000.
- FIGUEIREDO, B.; PACHECO, A.; COSTA, R.; MAGARINHO, R. **Gravidez na adolescência: das circunstâncias de risco às circunstâncias a adaptação a gravidez**.InternacionalJournalofClinicaland Health Psychology. Vol6, Nº 1, p. 97-125, 2006. ISSN 1697-2600 Acessado em: 05 de outubro de 2015. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/>>Acessado em 02 setembro 2014.
- FURLANI, J. **Encarar o desafio da educação sexual na escola**. P. 37-48 (artigo dentro da cartilha). Departamento da diversidade núcleo de gênero e diversidade sexual. Secretaria de educação do Paraná. **Sexualidade**. Curitiba, SEED, p. 1-216, 2009.
- _____. **Sexos, sexualidades e gêneros: Monstruosidades no currículo da educação sexual**. Educação em Revista, Nº 46, Belo Horizonte, Dec., 2007.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: VEC, 2002, apostila.

- FREITAS, R. K.; DIAS, Z. M. S. **Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade**. 19. ed. rev. Texto e contexto de Enfermagem. Florianópolis, Abr - Jun, 2010. 351 - 7 p.
- FRIEDMAN, J. **The battle for effective sexuality education**. Journal of student social work, volume II, 2012.
- _____. **The battle for effective sexuality education**. Journal of student social work, volume II, 2012. In: GRUNSEIT, A. C. ; AGGLETON, P. **Lessons learned: An update on the published literature concerning the impact of HIV and sexuality education for young people**. Health Education, 98 (2), 45-54, 1998.
- GAMA, Silvana Granado Nogueira da; SZWARCOWALD, Célia Landmann; LEAL, Maria do Carmo. **Experiência de gravidez na adolescência, fatores associados e resultados perinatais entre puérperas de baixa renda**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, Fev. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v18n1/8152.pdf>>. Acesso em 08 Jan. 2015.
- GOMES, R. et al. **A visão da pediatria acerca da gravidez**. Revista Latino Americana de Enfermagem. Ribeirão Preto, V.10, N° 3, mai/jun, p. 408-414, 2002.
- GONDIM, S. M. G. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Paidéia, 12 (24), p. 149-161, 2003.
- GTPOS. **Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2º grau**. Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual. Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS; Centro de estudos e Comunicação em sexualidade e Reprodução Humana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Método de Pesquisa**. Secretaria de Educação a Distancia (SEAD), editora UFRGS, 1º edição, Porto Alegre, p. 1-122, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º edição. Atlas, São Paulo, 2008.
- HABERLAND, N. ROGOW, D. **Sexuality education: emerging trends in evidence and practice**. Journal of adolescent health. International Conference on population and development. Volume 56, ISSV 1, January, 2015.

- HALL, S. Cultura, mídia e educação. **Educação e Realidade**. Volume 22, nº 2, p. 15-46, 1997.
- HEILBORN, M. L.; et al. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006. In: PALMA, L.; QUILODRÁN, C.. **Resposta a gravidez entre adolescentes chilena s de estratos populares**. Gravidez na adolescência, Revinter, Rio de Janeiro, 1994, p. 7 – 3.
- HEILBORN, M. L., SALEM, T.; ROHDEN, F.; BRANDÃO, E.; KNAUTH, D; et all. **Aproximações socioantropológicas sobre gravidez na adolescência**. Horizontes antropológicos. Ano 8, nº 17, Junho, Porto Alegre, p. 13-45, 2002.
- HUGO, T. D. O. MAIER, V. T. JANSEN, K. RODRIGUES, C. E. G. CRUZEIRO, A. L. S. et all **Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional**. Cad. Saúde Pública, vol.27, no.11, Rio de Janeiro, Novembro, 2011.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2015. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acessado em 10 de outubro de 2015.
- JARDIM, D. P. BRETAS, J. R. S. **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP**. Revista Brasileira de Enfermagem. Abril, V. 59, Nº 2, p. 157-162, 2006.
- JUSTO, J. **Gravidez adolescente, maternidade adolescente e bebês adolescentes: Causas, conseqüências, intervenção preventiva e não só**. Revista Portuguesa de Psicossomática. Vol2, Nº2, Porto/Portugal, jul/dez, p. 97-147, 2000
- LORENCINI, A. J. **Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação**. In: Aquino, Julio Groppa (org) Sexualidade na escola – alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997, p. 87-95.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 3º edição, Petrópolis, vozes, 1999.
- LITTIG, P. M. C. B., CÁRDIA, D. R., REIS, L. B., FERRÃO, E. S. **Sexualidade na deficiência intelectual: uma análise das percepções de mães adolescentes especiais**. Revista Brasileira de Educação Especial. Vol 18, Nº 3, Marília, July/sept, 2012.

- LIRA, Brígida Neide Rocha e CABRAL, Ivone Evangelista. **A maternidade na adolescência e a problemática do cuidado à criança prematura: um estudo de revisão.** Revista da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras, v.7, n.1, p.41-8, 2007.
- LAVILLE, Christian. DIONNE, Jean. **A construção do saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Adaptado por Lana Mara Siman. Editora UFMG, 1999.
- LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 6º edição. 5º reimp. Atlas. São Paulo, 2007.
- LAKATOS, Eva Maria / Marconi, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5ª ed. - São Paulo : Atlas, 2003.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** 3º edição, Petrópolis, vozes, 1999.
- LEVISKY, D. L. **Adolescentes – Reflexões Psicanalíticas.** Artes médicas, Porto Alegre, 1995.
- LERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F.. **A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde.** Rev. Esc. Enf. USP, V. 35, N. 2, p. 115 – 21, jun, 2001.
- LIMA, E. B.; SANTANA, J. R. M.; LIMA, M. B. **Sexualidade em debate: Percepções de licenciandos.** Itabaiana: Gepiadde, Revista Forum Identidades, volume 9, jan-jun, 2011. Issn: 19823916.
- MULLER, L.; **Educação Sexual em 8 lições: como orientar da infância à adolescência: um guia para professores e pais.** Editora Academia do livro Dist. e com. LTDA. Edição 2, São Paulo, 2013.
- MONTEOLIVA, J. M.; **A Sexualidade.** Edição Loyola, São Paulo, 1996.
- MOTTIER, V. **Sexuality a very short introduction.** New York: Oxford University Press, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria método e criatividade.** Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2009.

- _____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12 edição, Hucitec, São Paulo, 2010.
- _____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10º edição, Hucitec, São Paulo, 2007.
- _____. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2001.
- _____. M. C. S. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 25º edição. Vozes, Petrópolis, 2007.
- _____, M. C. S. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2001.
- MINAYO, M. C. S.. Pesquisa social: teoria, método e criatividade, 2001. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Secretaria de Educação a Distância (SEAD), editora UFRGS, 1º edição, Porto Alegre, p. 1-122, 2009.
- MENESES, I. **O desenvolvimento psicosssexual**. In: Campos, B. P. Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens. Lisboa.
- MORADELLA, M. **Psicología delDesarrollo – Infância adolescência, Madurez y senectud**. Barcelona, MarcomboBoixareu Editores, 1992.
- MORGAN, D. **Focus group as qualitative research**. Qualitative Research Methods Series.V. !6, London: Sage Publications.
- NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papirus, 1987.
- NUNES, C. A. **Os pressupostos teóricos da educação sexual**. In: Desvendando a sexualidade. Campinas, São Paulo: Papirus, 1987.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **El Embarzo y el aborto enla adolescência**: informe de reunião da OMS. Genebra: OMS, 1975 (Série de Informes Técnicos). p. 10.
- PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2º edição. Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil, 2013, p. 277.

- PARKER, R. G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. 2. Ed. Tradução de Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Best Seller, 1991.
- PEREIRA, Claudia. **A sexualidade na adolescência, os valores hierárquicos e igualitários na construção da identidade e das relações afetivo-sexuais dos adolescentes**. Dissertação de mestrado. Fundação Oswaldo Cruz – Escola Nacional de Saúde Pública, Outubro, 2002.
- PEREIRA, M. G. **Com quem falam os adolescentes sobre sexualidade?** Nações com base nos resultados de um questionário “Análise psicológica”. P. 415 – 424, 1993.
- PIAGET, J. **Epistemologia genética**. 2º edição, São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PIAGET, J. E INHELDER, B. **Da Lógica da Criança a Lógica do Adolescente**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1976.
- RESSEL, L. B.; BECK, C. L. C.; GUALDA, D. M. R.; HOFFMANN, I. C.; SILVA, R. M.; SEHNEM, G. D. **O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa**. Texto contexto Enfermagem, Florianópolis, out - dez, 2008.
- ROSISTOLATO, R. P. R. **Gênero e cotidiano escolar: dilemas e perspectivas da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes**. Revistas Estudos Feministas. Florianópolis, vol 17, nº 1, jan/abr, 2009.
- ROBERTS, D. A. **Adolescência**. Nursing. Novembro, p.23-27, 1988.
- RODRIGUEZ, N. G. M. **Sexualidade: uma discussão com pais, alunos e professores da 7ª série da escola Albert Einstein de Jaciara sobre o tema transversal sexualidade**. Revista científica eletrônica de ciências sociais aplicadas da EDUVALE. Publicação científica da faculdade de ciências sociais aplicadas do vale de São Lourenço – Jaciara/MT. Nº 5, outubro, 2010. ISSN 1806 - 6285
- RIBEIRO, P. R. M.; **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. Editora Arte e Ciência, São Paulo, 2004
- RIBEIRO, M. **Educação sexual: novas idéias novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1993.

- RIBEIRO, S. C. **A educação e a inserção do Brasil na modernidade**. Caderno de pesquisa, nº 84, p. 63 – 82, 1993.
- RICHARDSON, R. S. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3º edição, Atlas, São Paulo, 1989.
- STRAUSS, A.; CORBIN, J..**Pesquisa qualitativa - técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2 edição, artmed, Porto Alegre, 2009.
- SAYÃO, Rosely. **Saber o sexo? Os problemas da informações sexual e o papel da escola**. In: Aquino JulioGroppa (org) Sexualidade na escola – alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997, p. 97 - 105.
- SAYÃO, Yara. **Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários**. In: Aquino, JulioGroppa (org) Sexualidade na escola – alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997, p. 107 – 117.
- SAYÃO, Y.; SILVA, M. C. P. **Da prevenção em AIDS em trabalho de orientação sexual na escola**. In: PAIVA, V. (org.)Em tempos de AIDS: Viva a vida: sexo seguro, prevenção, drogas, adolescentes, mulheres, apoio psicológicos aos portadores, São Paulo: SUMUS, 1992.
- SIQUEIRA, F. R. M.; **História da Sexualidade Brasileira**. Leitura médica, São Paulo, 2008.
- SANTOS, M. M. J. F. **Gravidez precoce**: matéria da capa. Estado de Minas, Belo Horizonte, p. 4-5, 14 de maio, 2006.
- SANTOS, D. B. C. **A educação sexual na escola: algumas possibilidades didático – metodológico**. (artigo dentro da cartilha). Departamento da diversidade núcleo de gênero e diversidade sexual. Secretaria de educação do Paraná. **Sexualidade**. Curitiba, SEED, p. 1-216, 2009.
- SILVA, F. F. **Lições de sexualidade na escola**. Cartilha: Corpos, gêneros, sexualidade e relações étnico-raciais na educação. (Org) Fabiane Ferreira da Silva e Elena Maria B. Billing Mello (org). Uruguaiana, RS, Unipampa, 2011.
- SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. São Paulo: Editora, 1991.
- SUPLICY, M. EGYPTO, A. C; BRANCO, C. C; GONÇAVES, E. V. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho d' água, 1995, 120 p.

- _____, Marta. **Conversando sobre sexo**. 12ª edição. Petrópolis: Ed: Vozes, 1983.
- SUPLICY, M; EGYPTO, A. C.; VONK, F. V. V. **Guia de orientação sexual: Diretrizes e Metodologia**. Editora: Casa do psicólogo, Brasil, 2005.
- SOUZA, M. F. G. **Sexualidade na adolescência**. Obtenção do título de mestre em ciências de enfermagem. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar. Universidade de Porto, 2000.
- SOUZA, M. F. G. **Sexualidade na adolescência. Universidade de Porto**. 2000. In: MATHRE, M. J. **Abuso de substâncias na comunidade**. Enfermagem Comunitária, Promoção da saúde, Família e Indivíduo. Loures, Mosby, Lusociência: 777-200, 1999.
- SALLES, L. M. F. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos**. Estudos Psicologia. Vol 22, N° 1, Campinas, jan/mar, 2005.
- SILVA, L., TONETTE, U. L. P. **A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado**. Revista Latino-Americana de Enfermagem. Vol 14, N° 2, Ribeirão Preto, mar/abr, 2006.
- STEARNS, P. N.; **História da sexualidade**. Editora contexto, São Paulo, 2010. .
- SIQUEIRA, F. R. M.; **História da Sexualidade Brasileira**. Leitura médica, São Paulo, 2008.
- SANTOS, A. R.. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- TREVISAN, R. **A sexualidade humana: uma visão histórica-social** (2008). Disponível em <<http://ritatrevisan.com.br/html/pr.php>>. Acessado em 14/07/2015>. Acessado em 02 setembro 2014.
- TEIXEIRA - FILHO, F. S. Homossexualidades, gênero e direitos humanos: questões que dizem respeito a todos (as) nós. Revista de Psicologia da UNESP. 1 (1), 2002.
- TEIXEIRA – FILHO, F. S. SANTIS, M. B.; SILVA, R. G. **Corpo, afecto e sexualidades**: capacitando professores para o trabalho com a educação sexual nas escolas. Núcleo de ensino.(V. 1, p. 141 – 154) 2003. São Paulo: Universidade Estadual Paulista: Pró-reitoria de graduação.

<www.unesp.br/prograd/pdfne2002/corpo%20afecto.pdf>Acessado em 05 de novembro de 2015.

USSEL, J. V. **A repressão sexual**. Rio de Janeiro. Corpus, 1981.

VALLADARES, Kátia. **Orientação Sexual na escola**. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

_____, K. **Sexualidade: Professor que cala...nem sempre consente**.
Dissertação de mestrado para o requisito do título de mestre em educação.
Universidade Federal do Fluminense, Campo de Confluência: Linguagem,
Subjetividade e Cultura. Setembro de 2002.

WEREBE, M. J. G. **Educação sexual**: Instrumento de democratização ou de mais repressão? Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n° 36, Fevereiro, p. 99-110, 1981.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

ANEXOS

Anexo 1 – Declaração

INSTITUTO AACILUS PORTUGAL BRASIL

Declaramos para os devidos fins, que a aluna **STEPHANIA BROETTO DE FREITAS VIEIRA, CPF 100.548.117-24 RG 1.732.118 – ES**, esta regularmente matriculada nesta Instituição de Ensino desde o ano de 2013, turma LINHARES (ES), no programa de pós-graduação com Acesso ao Mestrado em Ciências da Educação em Parceria com a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia.

Por esta razão, autorizamos a estudante a, em nome deste Instituto, realizar pesquisas, coletar dados, proceder entrevistas e distribuir questionários em empresas públicas e privadas de pertinência ao tema da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO.

Informamos ainda que aluna, sob nossa orientação, conduzirá o tratamento dos dados recolhidos de forma a utilizá-los apenas para fins acadêmicos de investigação científica e declaramos adicionalmente que, em sua análise, os mesmos quando divulgados, serão tratados de forma agregada, preservando os aspectos individuais dos nomes e das empresas envolvidas na pesquisa da investigadora.

Vitória (ES), 16 de Setembro de 2015

INSTITUTO	AACILUS	PORTUGAL
	BRASIL	SECRETARIA
	ACADÊMICA	

www.aacilusbrasil.org

Anexo 2 – Termo de consentimento



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (s) pai (s):

Gostaríamos de pedir sua autorização para que seu (a) filho (a) participe do nosso estudo **“Sexualidade e Adolescência: Concepções acerca da educação sexual no ambiente escolar”**, que tem como objetivo identificar a opinião dos alunos sobre a temática da sexualidade na escola.

Trata-se de uma pesquisa científica para realização de uma dissertação, com intuito da obtenção do grau de Mestre em Ciência da Educação.

A qualquer momento da realização desse estudo o participante poderá tirar suas dúvidas. Qualquer participante selecionado ou selecionada poderá recusar-se a participar de qualquer fase da mesma, sem nenhum constrangimento ou prejuízo para os mesmo. O seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo, será mantido em sigilo. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação serão usados para fins unicamente acadêmico-científicos, e apresentados na forma de uma dissertação, não sendo utilizados para qualquer fim comercial.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este termo de consentimento livre e esclarecido” no local indicado abaixo, autorizando seu (a) filho (a) a participar da pesquisa, respondendo um questionário para obtenção de dados para a pesquisa. Desde já agradecemos sua colaboração e nos comprometemos a disponibilização à instituição dos resultados obtidos nesta pesquisa, tornando-os acessíveis a todos os participantes.

Eu, _____, assino o termo de consentimento, após esclarecimento dos objetivos para realização desta pesquisa “Sexualidade e adolescência: Concepções acerca da educação sexual no ambiente escolar”, permitindo meu filho (a) _____ a preencher o questionário, onde os resultados gerais deste estudo sejam divulgados sem a menção dos nomes dos pesquisados.

Brasil, _____ de _____ de 2015.

Pesquisadora: StephâniaBroetto de Freitas Vieira

Anexo 3 – Consentimento para utilizar o questionário



Eu, Katia K. Valladares Silva, RG 04457953-0 abaixo assinado, autorizo a aluna Stephânia Broetto de Freitas Vieira utilizar meu questionário em sua pesquisa, no estudo sobre **“SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA: concepções acerca da educação sexual no ambiente escolar”**, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação no Curso de Mestrado em Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da sua participação.

Brasil 16, de julho de 2015.

Katia Krepsky Valladares Silva
Doutora Kátia Krepsky Valladares

Anexo 4 - Questionário aplicado aos alunos

Questionário Aplicado aos Alunos

Caro(a) estudante:

Você está fazendo parte de uma pesquisa sobre Sexualidade no ambiente escolar. Não é preciso se identificar, colocando seu nome. Não deixe nenhuma questão por responder, pois deixará de ter interesse para o estudo.

Escreva o nome de sua escola: _____

QUESTIONÁRIO

1- Qual a sua idade? _____ anos

2- Qual é o sexo?

() Feminino () Masculino

3- Você sabe o que é sexualidade?

() Sim () Não

4- Você se considera uma pessoa informada sobre sexualidade?

() Sim () Não

5- Você conversa sobre sexo com os seus (suas) professores(as)?

() Sim () Não

6- Você acha importante conversar sobre sexualidade na escola?

() Sim () Não

Por _____ quê?

7- Na sua escola há aulas de Educação Sexual, ou outra forma de informar os alunos sobre sexualidade?

() Sim () Não

8- Caso a resposta anterior tenha sido afirmativa, como é feito o trabalho de Educação sexual na sua escola?

9- Você tem alguma crítica ou sugestão quanto a este trabalho?

10- Se é falado sobre sexualidade em sua escola, quais as disciplinas abordam este assunto?

() Português () Matemática () Ciências () História () Artes
() Educação Física () Geografia () Inglês

11- Você já teve vontade de conversar sobre sexo com seus professores e não o fez?

() Sim () Não

12- Por _____ quê?

13- Na sua opinião, quais os temas mais importantes no trabalho de Educação Sexual na escola?

() Prevenção
() DST
() Gravidez
() Orientação sexual
() Corpo Humano
() Todas

Obrigado,
StephâniaBroetto de Freitas vieira
(Pesquisadora)

Anexo 5 – Roteiro das perguntas do grupo focal

Roteiro das perguntas

- 1- Você sabe o que são PCNs. E utiliza em suas aulas?
- 2- Você entende qual a relação dos PCNs com a Educação Sexual no ambiente escolar?
- 3- Para você, qual a importância de se trabalhar a Educação Sexual no ambiente escolar para a formação dos alunos?
- 4- Na sua opinião, qual a maior dificuldade de trabalhar essa temática Educação sexual no ambiente escolar?
- 5- Você trabalha ou já trabalhou educação sexual em suas aulas? Como isso é feito?
- 6- Você se sente preparada para trabalhar educação sexual na escola?
- 7- Os alunos conversam/tira dúvidas com você sobre sexualidade. Como você procede diante das dúvidas?
- 8- Para você, qual o papel da escola em relação essa temática Educação sexual?
- 9- O que você acha que leva alguns adolescentes a engravidar precocemente?

Obrigada pela colaboração!

Anexo 6 – Quadro teórico

Autor	Título	Universidade/ revista/editora	no	Categoria
Helena Altamann	Artigo: Orientação Sexual nos parâmetros curriculares nacionais Artigo: A sexualidade adolescente como foco de instrumento político-social.	Revista Estudante Feminina Revista: Educação em Revista	001 007	O aspecto político social na adolescência
Kátia Valladares	Livro: Orientação sexual na escola Tese: Sexualidade: Professor que cala...nem sempre consente	Editora Quartet Universidade Federal Fluminense	005 002	Orientação sexual na escola
Michel Foucault	Livro: -A vontade do saber - O uso dos prazeres - O cuidado de si	Editora Paz e Terra	014	Sexualidade e repressão
José Maria Monteoliva	Livro: A sexualidade	Editora Loyola	996	Morfologia sexual do corpo
Pierre Bourdieu	Livro: Escritos da educação	Editora Vozes	998	Valorização do assunto na escola.
Maria Luiza Heilborn	Livro: Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência	Editora Garamond e Fiocruz	002	Gravidez na adolescência.
M J Werebe	Livro: Sexualidade, Política e educação	Coleção educação contemporânea, Autores associados Campinas	998	Educação sexual na escola
Nicole Haberland e Deborah Rogow	Artigo: Sexuality Education: Emerging Trends in Evidence and Practice	Journal of adolescent health	015	Educação sexual e suas práticas
Jennifer Friedman	Artigo: The battle for effective sexuality education	Journal of student social work, volume II	012	Conflito na efetividade da educação Sexual
Julian de Ajuriaguerra	Livro: Manuel de Psychiatrie de l' enfant	Editora Masson Paris	977	Comportamento sexual